

REVISTA

DA SEMANA

N. 27 - 7-7-56 - R\$ 7,00 em todo o Brasil



MARILYN MONROE CASA OUTRA VEZ

CADA VEZ MELHOR!

O ANUÁRIO do

1956

ESPORTE
ilustrado

1956

TUDO
SÔBRE O
FUTEBOL
CARIOCA
(CARLOS ARÊAS)

TODOS
OS
ESPORTES
AMADORISTAS

TUDO
SÔBRE O
FUTEBOL
PAULISTA
(OLIMPICUS)

Em
CÔRES

12 TIMES DO FUTEBOL CARIOCA
4 PRIMEIROS TIMES DO FUTEBOL PAULISTA

BREVE

EM TODO
BRASIL

BREVE

REDAÇÃO: RUA MARANGUAPE, 15 • RIO DE JANEIRO

REDATOR-CHEFE — Celestino Silveira

ASSISTENTE — José Roberto Teixeira Leite

PAGINADOR — Victor Tapajós

COLABORADORES — Bolivar Costa, Demóstenes Varela, Eduardo Tourinho, Eneida, Fernando Lôbo, Fortuna, Hélio Abreu, Hynenny Gomes Ferreira, Jeff Thomas, José Maria Rodrigues, Sérgio Silveira, W. Guarnieri.

ILUSTRADORES — Alberto Lima, Jeronymo Ribeiro, Marius, Maria Tereza, Ramón.

FOTÓGRAFOS — Alberto Ferreira Lima, Arnaldo Vieira, Newton Viana, Vito Vasconcelos.

SUMÁRIO

◆ REPORTAGENS

O Rasputin de Saias da Holanda	4/6
Mesquitinha, o Último Romântico	14/17
Encontram-se os Soberanos	21/23
Por que Dirigi Hamlet	24/25
Miss Brasil	31/34
Pano de Fundo de Subúrbio	40/42
Não Está Milionário o Diretor	46/47
Marilyn Casa Outra Vez	59/61

◆ SEÇÕES

Semana em Revista	8/9
Puxe pelo Cérebro	18
Itinerário do Brasil	19
Flash Paulista	20
Música	26
Pelas Esquinas da Noite	30
TV na Revista	35
Por Esse Mundo de Deus	36/37
Palavras Cruzadas	38
Revista há 50 Anos	43
Literatura e Arte	44/45
Semana Astrológica	49
Conversa de Mulher	54/55
Grand Monde	56/57
Último Flash	62
Figura em Foco (Yustrich)	63

◆ HUMORISMO

Fortuna	52/53
---------	-------

◆ LITERATURA

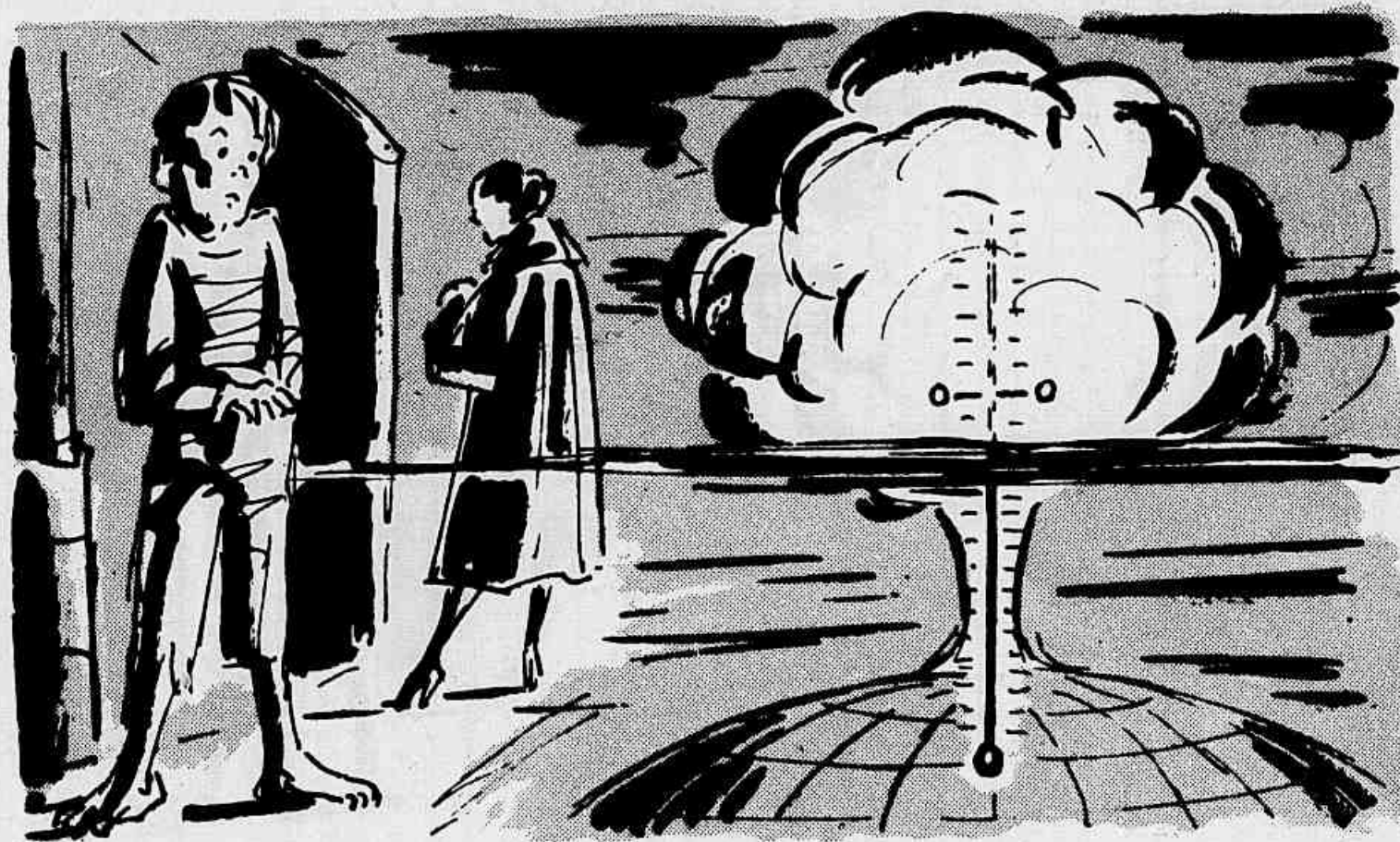
Que Frio! (Eneida)	3
O Polvo (Gladkov)	10/11
Alumbramento (Arnaud Pierre)	14
A Casa de Pedra	50/51

◆ VARIEDADES

Riso dos Outros	7
O Enigmático Kapitza	12/13
Que Sabemos das Grandes Religiões?	27
Cine-Romance	28/29

◆ CAPA

Maria José Cardoso, Miss Brasil de 1956
(Foto A. Ferreira)



QUE FRIO!

◆ Li, uma vez, cientistas franceses declarando que as experiências da bomba atômica haviam mudado climas e estações em todos os países do mundo. Apresentavam como exemplo, modificações climáticas em vários lugares e terminavam falando no último inverno europeu onde até o Seine — aquele pequeno e doce rio que em francês é feminino — ficou gelado. Nós outros estaremos sofrendo os efeitos das experiências atômicas? Nunca que eu saiba houve um inverno como o que ora atravessamos, tão frio, tão úmido, tão diferente de todos os outros nos quais o friozinho era bôbo, apenas beliscando peles, exigindo somente leves agasalhos para tristeza dos que possuem capas de pele e abrigos luxuosos. Estamos todos tiritando de frio; a única e constante saudação que recebemos dos amigos e conhecidos é a pergunta: — que frio, hein? E' o frio de verdade, não mais aquele só sentido nas vitrinas e desfiles de modas, nos figurinos europeus, mas o que exige uso e abuso de cobertores, (êles que dormiam geralmente sempre nos armários), do emprêgo de capas e sobretudos, frio que para as senhoras que possuem «visions» e «renards» deve ser um motivo de honesto contentamento.

◆ Faz frio e estamos em maioria conjugando um inexistente porém cacetíssimo verbo; o da gripe: eu estou gripado, tu estás gripado, etc. Podíamos até então falar apenas em crianças famintas; agora podemos dizer que as encontradas de mãos estendidas nas ruas da cidade — e são multidão — não estão apenas com fome, tiritam de frio. Fome e frio dois terríveis companheiros da miséria.

Mas se junho veio assim, enrolado em lã e gelado, se pegou-nos desprevenidos, pois o povo carioca jamais se preparou para o frio: nunca o sentiu forte e verdadeiro. Tivemos dias de chuva e noites de lua, com muitas estrelas no céu, muitas fogueiras de S. João nos quintais de subúrbio e na praia de Copacabana, um extraordinário número de fogos barulhentos ou líricos, casas cheias de balões vendendo desde os fogos mortíferos até as estrelinhas e pistolas. Os santos de junho devem estar muito contentes, pois foram amplamente festejados e só causa espanto numa hora como esta de vida tão difícil, tão cara, de tanta miséria, haver dinheiro para gastar em folguedos de tão rápida duração. Creio que nunca se gastou tanto em fogos como este ano.

◆ Junho terminou, chega julho que não traz festas nem santos. Nossos ouvidos afinal descansarão, pois muito sofreram com as bombas do Senhor S. João. Não sei se teremos um frio maior ou menor, mas o inverno continua; não sabemos o tempo que vai vir pois morreu o dr. Francisco Souza, diretor do Serviço de Meteorologia, um crente, um homem que vivia dia e noite agarrado a cálculos, aparelhos, tudo que sentia necessário para que soubéssemos se o que ia vir era calor ou frio, chuva ou vento, tudo que êle informava, explicava com paciência, com calma, senhor do segredo das ondas, dos ventos, dos ciclones, eclipses, amigo íntimo de todos os acontecimentos atmosféricos.

Temos frio, julho chegou, os santos juninos passaram, envelhecemos na esperança de dias claros, sol, noites mais belas, verão. Por que inventaram essa terrível máquina que se chama bomba atômica destinada a terminar com o mundo, tão má que desnorteou todos os climas? Por que mexeu ela com o nosso doce inverno tão inexpressivo em frio? Não viu que o frio tornou muito roxas as mãos das crianças subnutridas?

Há quem goste de frio. Eu, não.



ESTARIA CHEGANDO ao término o casamento entre a Rainha Juliana da Holanda e o Príncipe Bernhard? Pelo menos, é o que dizem rumores insistentes. Eis uma foto da Família Real Holandesa, tirada em 1948: Juliana, Bernhard, Beatriz, Margriet, Irene e Marijke, essa ao colo da soberana.

O RASPUTIN DE SAIAS DA HOLANDA

O ESTRANHO CASO DA CURANDEIRA GREET HOFMANS, QUE ESTARIA EXERCENDO FUNDA INFLUÊNCIA SÔBRE A RAINHA JULIANA — DIVÓRCIO DE BERNHARD E DE JULIANA? — OS DESMENTIDOS OFICIAIS NÃO CHEGAM A ESCLARECER TOTALMENTE O CASO

Texto de HAROLD GREEN

ESTARIA o fenômeno Rasputin a repetir-se, presente-
mente, em relação a outra casa real européia? O misticismo
do misterioso personagem russo, que tão caro custou aos
Romanov, ameaçaria agora o trono da calma e pacata
Holanda? Pelo menos, é o que o semanário alemão "Der
Spiegel" do dia 13 de junho passado dá a entender.

O CASO RASPUTIN

◆ Antes de passarmos ao exame da situação em que se encontraria a família real holandesa, rememoramos, em suas linhas gerais, o caso do célebre Rasputin, um dos vários que tanto contribuíram para a queda da monarquia russa, e para a implantação, na terra dos czares, da ideologia comunista.

Nascido em 1871, desde cedo Gregorio Rasputin se sentia inclinado para a vida religiosa. Ingressando num mosteiro, mal egresso da puberdade, alguns anos depois dele saía, já envergando as vestes monacais. Era homem alto, de instintos primitivos. Beberão, sensual ao extremo, hipócrita, era porém inteligente e sobretudo ambicioso. Por volta de 1907, passou a fazer parte do grupo de fanáticos e de místicos que se reunia sob as ordens do estranho bispo Teofânio, reitor da Academia Espiritual de São Petersburgo. Ali o foi encontrar o grão-duque Nicolau, que tempos depois, impressionado por sua personalidade, iria apresentá-lo aos soberanos russos.

Enfêrmo desde tenra idade o príncipezinho Aleixo sofria de hemorragias abundantes, que os médicos a duras penas conseguiam estancar. Rasputin foi certa ocasião chamado para opinar sobre a moléstia do jovem. Grande já era a sua fama de «santo». Com a hipnose, que aprendera havia tempos, conseguiu o estranho sacerdote curar, ao menos momentaneamente, as hemorragias do príncipe. Granjeou, com isso, não só a amizade, como principalmente a confiança dos czares. Nicolau II e a esposa viam em Rasputin (que por vezes se denominava Novyk) primeiro um núncio divino, encarregado de lhes curar o filho, e depois, um Messias incumbido de salvar a Rússia das mãos de seus inimigos.

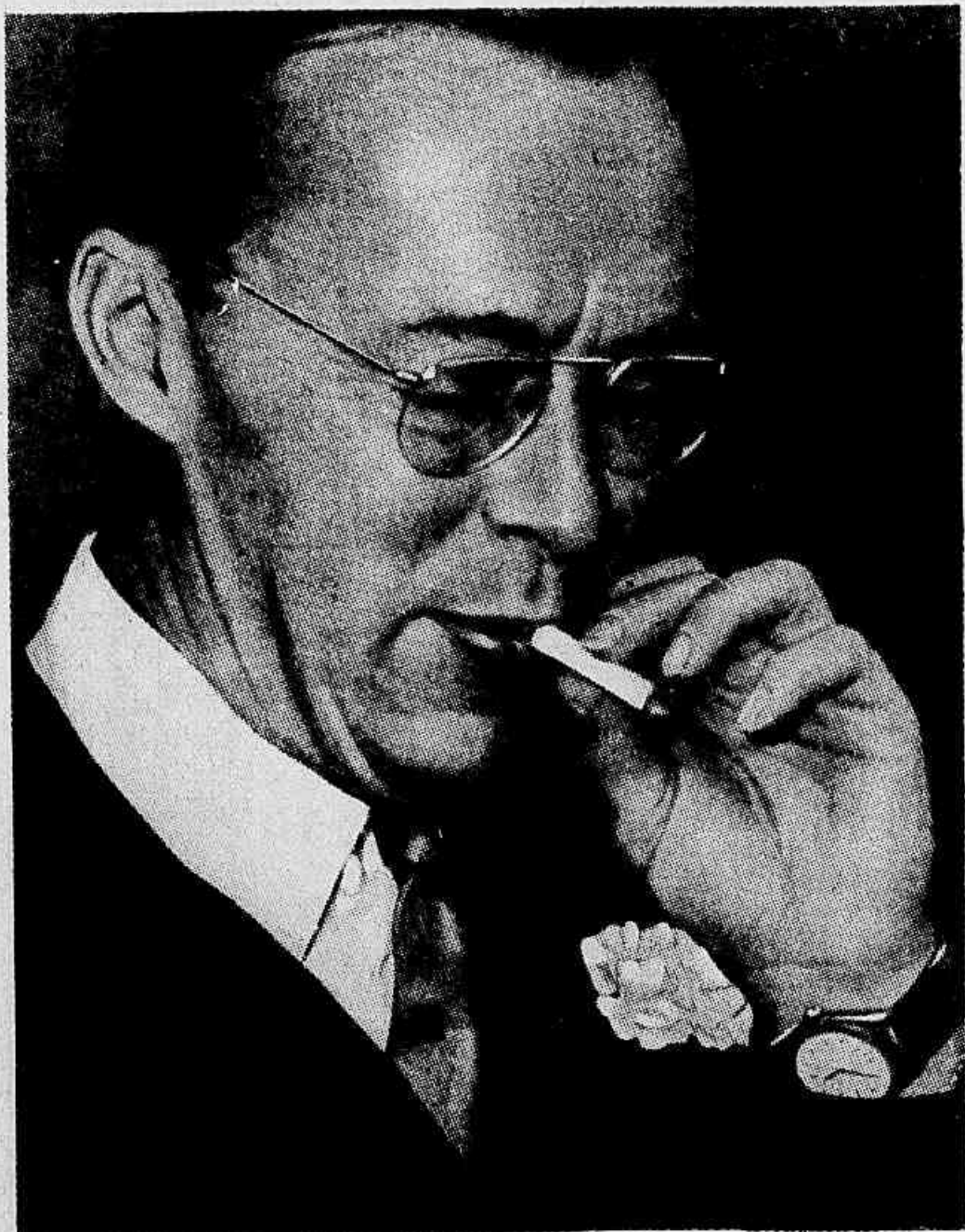
Tão logo pôde adquirir total ascendência sobre os Romanov, Rasputin passou a controlar toda a política russa, imiscuindo-se nos negócios de Estado, manobrando, abertamente, sobre ministros e generais. Ao Imperador chamava de «Papai». Esse, em troca, chamava-o de «O Amigo». Muitas batalhas perdidas no «front» pelos exércitos russos, foram-no graças às suas ordens estapafúrdias, que não admitiam réplicas nem ponderações. Os que se obstinavam em desobedecê-las eram punidos rigorosamente. Afinal, a trinta de dezembro de 1916, Rasputin foi morto a tiros, por alguns revolucionários. Em nove anos de domínio, tinha acumulado cerca de 300 mil rublos.

REPETE-SE ACASO A HISTÓRIA?

O semanário alemão «Der Spiegel» publicou num dos seus últimos números, estranha história, de que são pivôs a Rainha e o Príncipe Consorte da Holanda, de um lado, e uma curandeira, Greet Hofmans, do outro. Afirma que, devido à grande ascendência exercida pela feiticeira sobre a Rainha, o Príncipe Bernhard estaria disposto, inclusive, a divorciar-se, de vez que Juliana obstinava-se em não dar ouvidos às palavras sensatas de admoestação que o marido já por mais de uma vez lhe dirigira.

GREET HOFMANS, atualmente com 61 anos, seria a causa dos desentendimentos surgidos entre o Príncipe Consorte e a Rainha. Estaria exercendo ascendência sobre a soberana, qual novo Rasputin.





O PRÍNCIPE Bernhard, nascido na Alemanha em 1911. Já esteve no Brasil. Diz-se que seu casamento com Juliana da Holanda sofre grave crise.



JULIANA, Rainha da Holanda. Tem 47 anos. Casou-se em 1937. Em busca de saúde para uma filha, ter-se-ia deixado dominar por uma curandeira?

ESTARIA CHEGANDO AO TÉRMINO UM FELIZ CASAMENTO REAL?

Como porém teria principiado essa ascendência? Exatamente da mesma maneira pela qual começou a de Rasputin sobre os soberanos russos!

O caso é que, das quatro filhas de Bernhard e de Juliana (Beatriz, de 18 anos, Irene, de 16, Margriet, de 13, e Marijke, de 9), a última sempre desfrutou de péssima saúde. Ao nascer, a dezoito de fevereiro de 1947, os médicos assistentes da real paciente constataram, estarrecidos, que a menina nascera cega. Um famoso especialista, o doutor Weeve, operou-a, tempos depois, sem êxito: a criança parecia condenada por toda a vida ao mundo de trevas em que nascera.

Juliana não se conformou. E, desiludida com a medicina dos homens, resolveu apelar para uma medicina maravilhosa, de que ouvira falar havia pouco, e que estava sendo praticada por certa mulher denominada Greet Hofmans, residente em Amsterdam. Greet Hofmans, aos 51 anos, ouvira a palavra de Deus. O Criador não só lhe falara, como lhe aparecera, apontando-lhe uma missão entre os homens. Greet os curaria, benzendo-os em Seu nome. E assim principiou a fazer, imediatamente alcançando fama como curandeira. Sua casa era pequena, para tanta clientes, e, num sobrado de Amsterdam, a feiticeira cedo montou um espaçoso «escritório», onde ainda hoje atende seus oito mil clientes mensais.

Quando chegou, do Palácio, o convite para que Greet Hofmans viesse tratar da já desenganada princesinha Marijke, a curandeira sentiu que estava a aproximar-se o ápice de sua carreira. Foi confiante em sua estrela que examinou os olhos semi-cerrados da menina, então com um ano de idade. Logo em seguida, virando-se para Juliana, afirmou:

— A princesa enxergará dentro de dois anos, se Deus quiser.

Daí por diante, Greet Hofmans tornou-se pessoa íntima de Juliana. A Rainha a ouvia, pedindo-lhe conselhos nas mínimas questões. Profundamente religiosa, inclinada também ao misticismo, passou a reconhecer, em Greet Hofmans, uma enviada celeste — tal como, mais de cinqüenta anos atrás, acontecera com a czarina em relação a Rasputin.

Por volta de 1950, porém, a ascendência de Greet sobre Juliana começou a tornar-se insuportável, sobretudo ao príncipe consorte, o alemão Bernhard Leopold Friedrich Eberhard Julius Kurt Karl Gottfried Peter, fi-

lho de um príncipe prussiano. Bernhard, que se casara a sete de janeiro de 1937 com Juliana, já por várias ocasiões advertira a esposa por essa íntima amizade com a perigosa mulher, lembrando-lhe os perigos que lhe poderiam, e ao trono da Holanda, advir dessas relações. Juliana (e é sempre «Der Spiegel» quem o afirma) em certa ocasião lhe teria mesmo dito:

— Em meu país, quem manda sou eu.

Ao que Bernhard, indignado, lhe teria respondido:

— Porém, em minhas quatro filhas sou eu que mando.

Desde então, a tensão entre os dois soberanos bátavos se teria estabelecido.

NERA INVENCIONICE?

O Ministério do Exterior Holandês já desmentiu, em várias ocasiões, os rumores de uma separação. Juliana não se manifesta. Há quem afirme, inclusive, que se o divórcio vier a acontecer, a Rainha certamente abdicará em favor de sua filha Beatriz, de dezoito anos. Bernhard, que quando o semanário «Der Spiegel» publicou a notícia sensacional se encontrava em Estocolmo, assistindo a uma competição hípica internacional, procurado pela imprensa, assim se pronunciou a respeito:

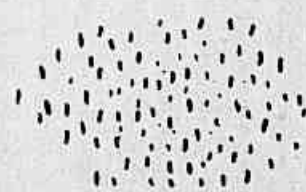
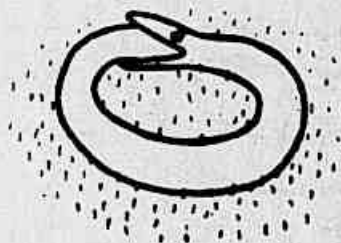
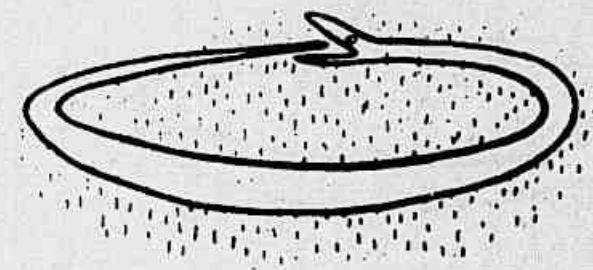
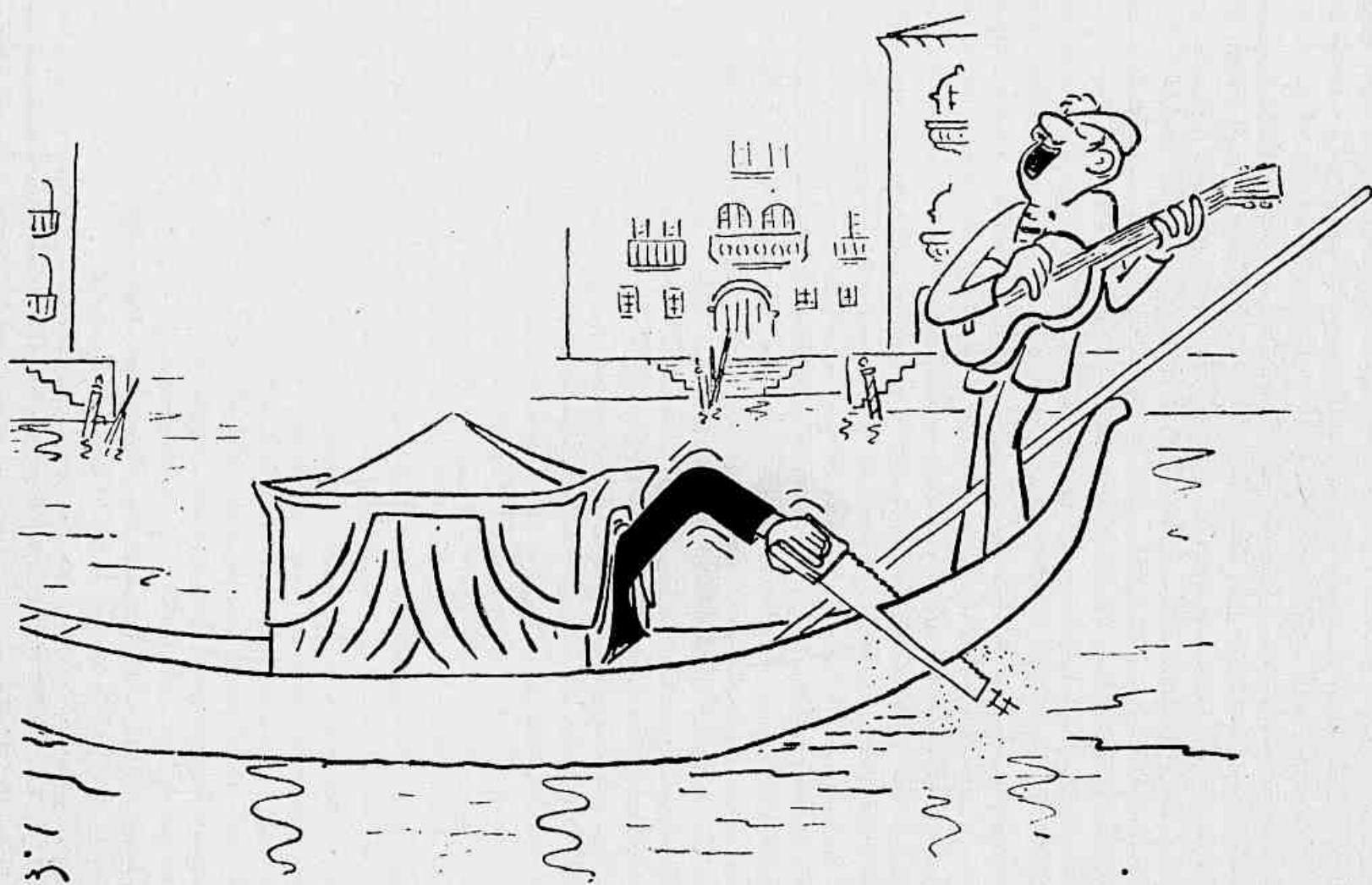
— Tenho mais o que fazer do que ocupar-me com tais invencionices.

A própria curandeira, Greet Hofmans, negou terminantemente sua influência sobre a Rainha Juliana.

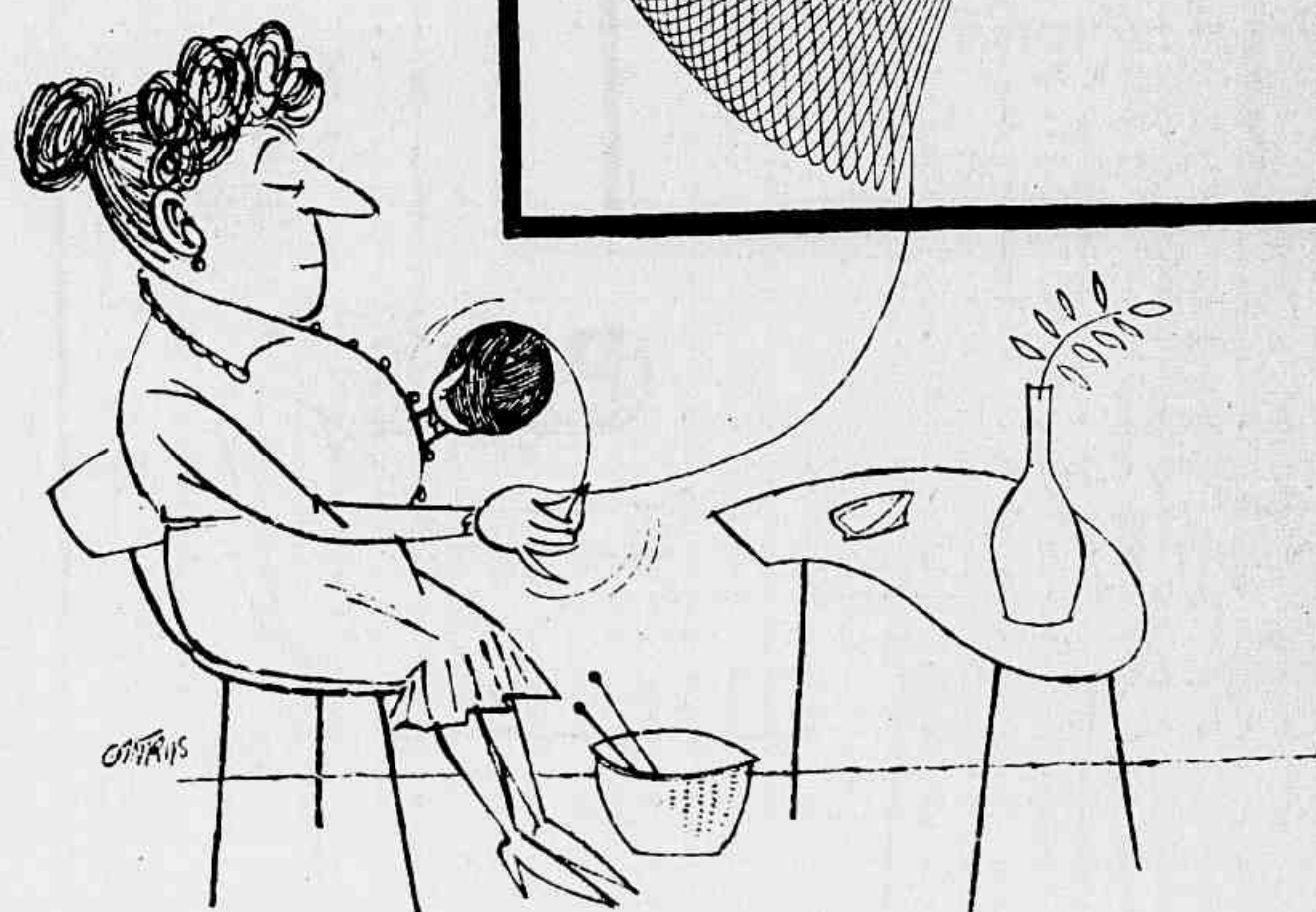
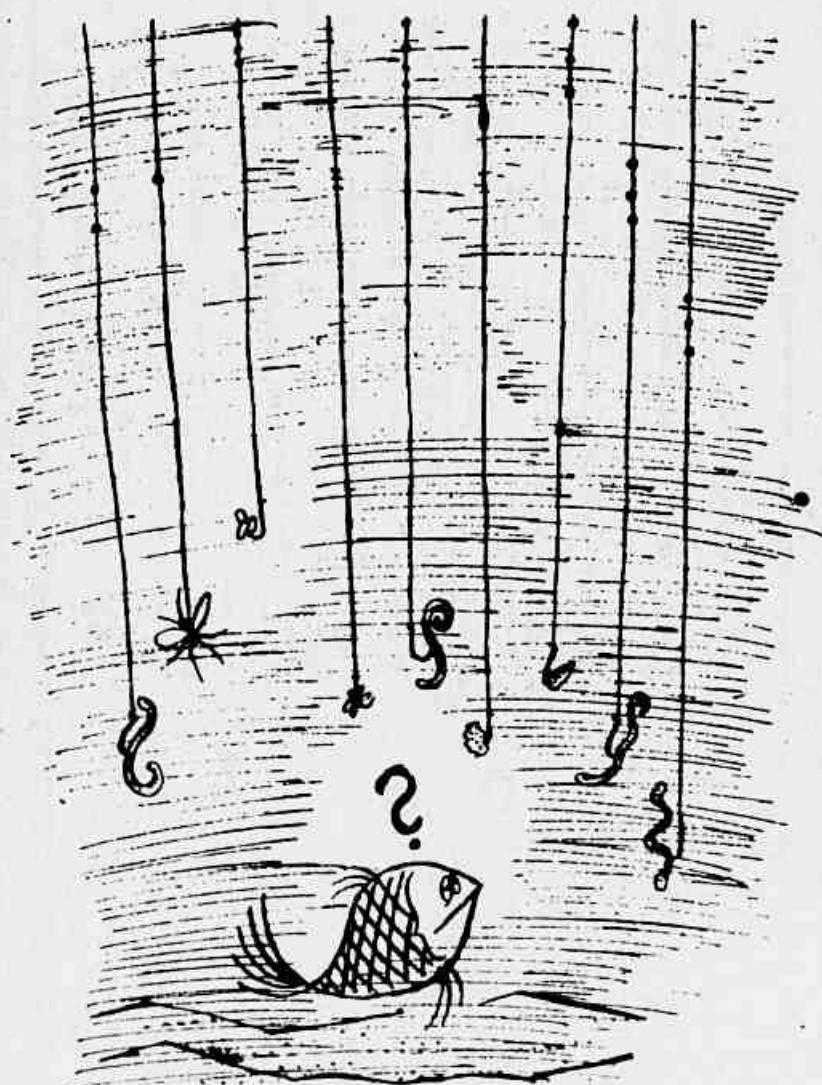
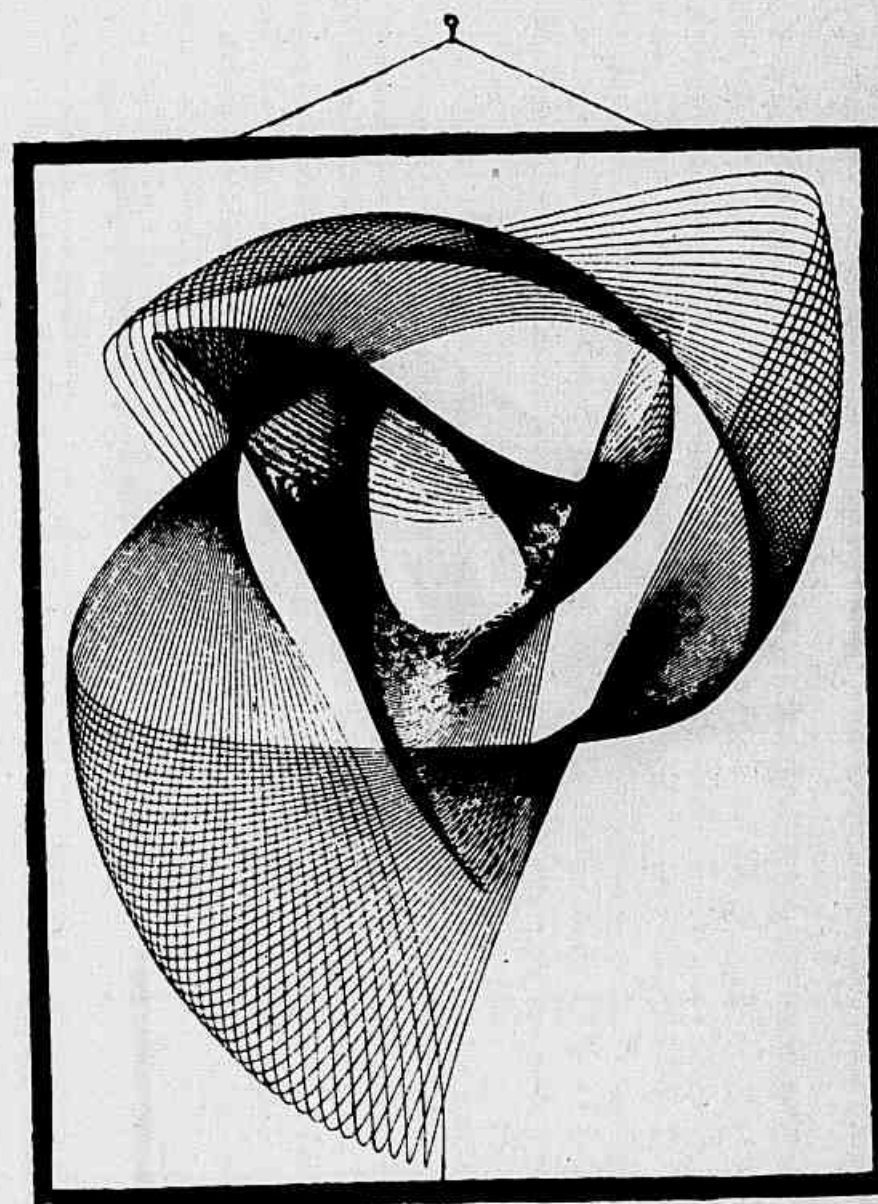
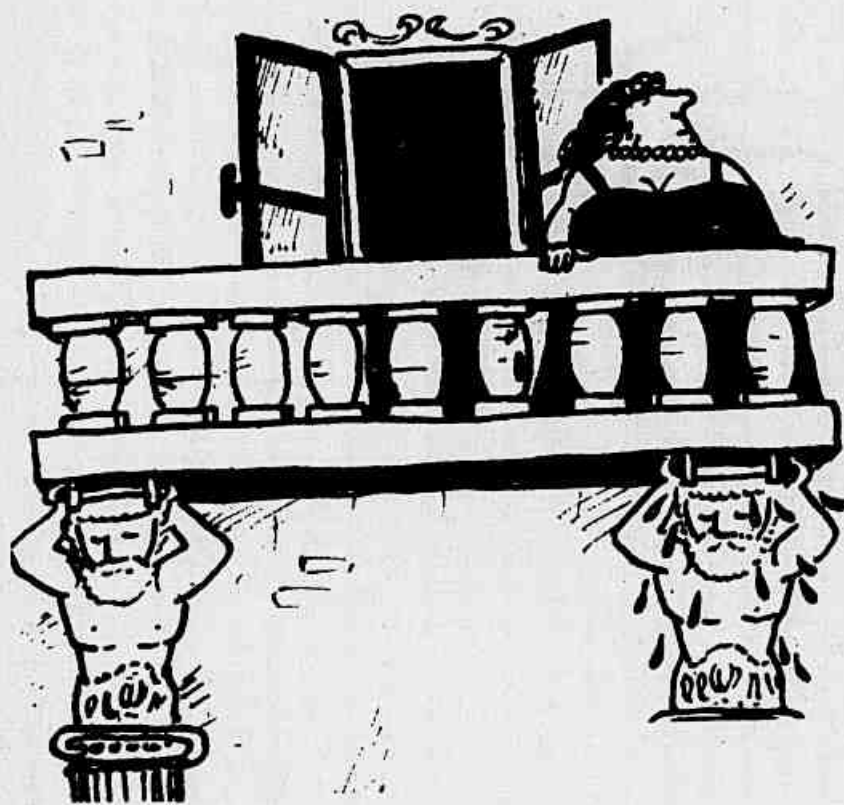
— Meu trabalho consiste unicamente em fazer com que as pessoas se voltem para Cristo.

Dizem igualmente que o primeiro ministro da Holanda, o socialista Drees, é o maior adversário de Greet, dentro do governo. E que toda a alta aristocracia holandesa pode ser dividida em dois grandes grupos: o dos partidários de Greet, e os seus desafetos.

De qualquer maneira, uma coisa ainda não foi desmentida pelo governo da Holanda: é o fato de Juliana estar mantendo, desde 1948, contacto com a feiticeira. Sinal de que muita coisa de anormal deva existir, em toda essa estranha história.



O RISO DOS OUTROS



A SEMANA EM REVISTA

A SEMANINHA

— Emprestaram a particulares o dinheiro da Prefeitura de São Paulo...

Cá para nós, particularmente: pena é não pertencermos também a essa classe de particulares, não acham?

* * *

— A veterana atriz Laura La Plante volta ao cinema...

Como acontece nesta terra abençoada, também Hollywood provou que tudo que se "la plante", dá!

* * *

— No primeiro semestre do ano em curso, o custo de vida disparou...

Podemos adiantar que esses disparos estão causando milhões de vítimas!

* * *

— No município mineiro de Papagaios, faleceu, com 150 anos, d. Maria Joana da Silva.

Razão têm aqueles que pensam ser este mundo... "da Joana"!

* * *

— Foi desaconselhado, pela Saúde Pública de São Paulo, o abate e o consumo de carne de cavalo.

Tivemos assim um desaconselho aconselhável!

* * *

— Disfarce na verdadeira situação econômica-financeira do Brasil...

Pergunto a mim mesmo: colocaria esta manchete aqui para disfarçar, ou leria o jornal disfarçadamente? (Em todo o caso irei de novo verificar os vespertinos do dia 23 de junho findo).

* * *

— Como não podia deixar de ser "A Semaninha" andou também pelas festas juninas. E numa das fogueiras que visitamos, ouvimos alguém perguntar a uma senhora:

— "Para quê saia comprida No São João essa saia Se ficas toda despida O dia inteiro na praia?"

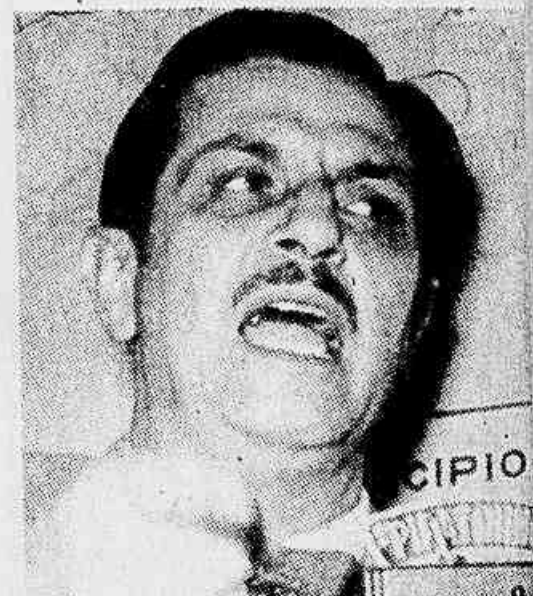
SANTOS ALVES



YUSTRICH
Quando era bonzinho



ALKMIM
Quanto? Meio dólar?...



TOLEDO PIZZA
Arco-íris paulista

NACIONAIS

EM FUTEBOL, vamos bem. O selecionado B, do América, venceu o Racing, por 2 a 1. O A, embora muito atrapalhado pelos jogadores do Bangu, derrotou o Uruguai, por 2 a 0, num jogo cheio de cenas vergonhosas, que nem convém lembrar. O Santos derrotou de goleada (4 a 0) o River Plate; só mesmo o Pôrto derrotou o América mineiro, lá em Belo Horizonte, por 2 a 1.

VINICIUS DE MORAIS acaba de escolher Ciro Monteiro para tomar parte em seu já tão falado «Orfeu da Conceição».

DÍSTICO EMPREGADO pelas alunas do Instituto de Educação, numa flâmula que vem tendo grande saída: «Quem não cola não sai da escola».

UISQUE a meio dólar (onde é que tem disso?), é o que andou descobrindo o deputado Baleeiro. Por causa disso, o ministro Alkmim (que já dizem ser «alcohol em mim»...) anda em palpos de aranha.

EXISTE AGORA na Quinta da Boa Vista uma ave amazônica que possui um chifre no alto da cabeça. Questão de infidelidades conjugais, talvez.

UM RAPAZ de 25 anos de idade, tentou matar-se, sem êxito, primeiro ingerindo corrosivo,

depois espetando-se no ventre com uma faca, e a seguir, dando um tiro na cabeça. Está no Hospital das Clínicas, em São Paulo. Por que não lê o Diário Oficial?

BOAZINHA FOI a de um juiz, Luís Francisco Giglio, que condenou o jornalista Jorge Ferreira a pagar a multa de Cr\$ 263.235.456.000,00, por não ter publicado uma retificação ordenada por sentença judicial. O rapaz não arranja nem os dois últimos zeros daquela soma, quanto mais. Se a moda pega...

YUSTRICH, TREINADOR do time português do Pôrto é um tipo enjoado e cheio de não-me-toques. Tanto maltratou a imprensa, que um repórter esportivo, ao sair de seu vestiário, trançou-o a trinco pelo lado de fora. O homenzinho ficou lá dentro, furo de raiva.

CARMEN CAVALLARO chegou ao Rio de Janeiro. O famoso pianista apresentar-se-á aqui em boites e em espetáculos variados.

MAURÍCIO CAMINHA de Lacerda, escritor e jornalista, revelou que, em doze meses, a Comissão Brasileira de Seleção de Imigrantes (ou que nome tenha) apenas escolheu treze imigrantes para o nosso país. Maravilha.

ANDARAM DIZENDO que Miss Brasil, Maria José Cardoso, lia Goethe no original. A própria moça desmentiu a notícia. Quanto à vaia, disse ela que nem a ouviu: «Estava feliz, em pleno país dos sonhos».

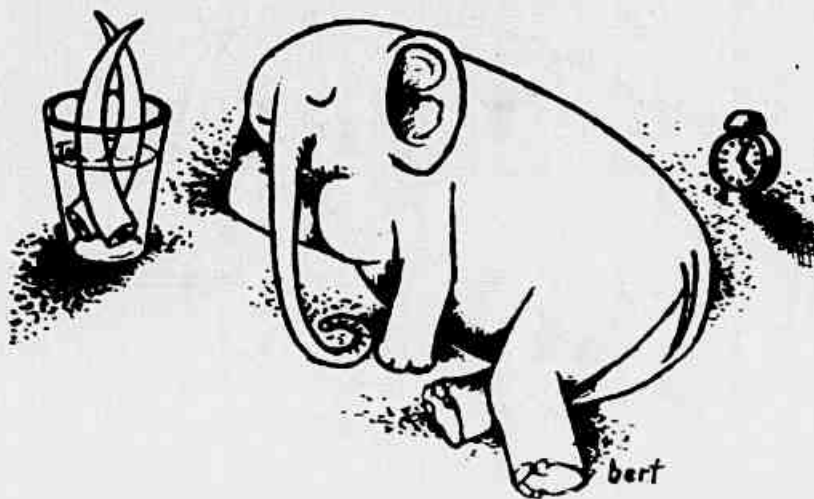
TOLEDO PIZZA vestir-se-á tal como o descreveu o jornalista D'Agostini? «Paletó amarelo, meias cor de laranja, pullover solferino, sapatos tendendo para o verde, gravata borboleta...» Isso é um traje, ou uma quitanda?

A AUTONOMIA do Distrito Federal foi afinal votada. Agora, estão se apresentando os «pais da criança». São muitos, todos desejando ser prefeito...

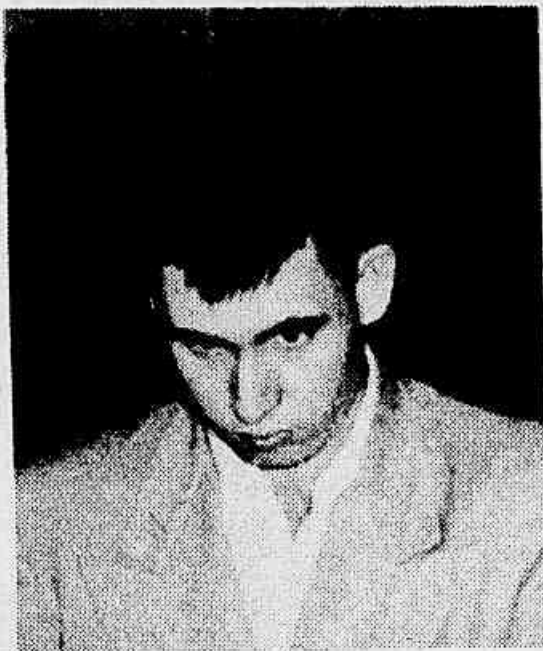
O VEREADOR paulista Alípio Henrique solicitou ao prefeito que acabasse com a «canícula», em determinado bairro de São Paulo. Pensou que «canícula» fôsse o coletivo de cão...

OUTRO VEREADOR, êsse carioca, tentando apartar uma briguiha entre colegas, saiu-se com essa maravilha: «Senhores! Quero lembrar que esta casa sempre foi conhecida como casa de tolerância!»

A PIADA DA SEMANA



BERT (Der Stern)



GRAHAM
Não põe mais bombas



MARGARET
Townsend rogou praga



HENRY FONDA
Divórcio por crueldade

INTERNACIONAIS

HENRY FONDA e sua esposa, Susan, divorciaram-se há pouco. Motivo: ora, crueldade mental de Henry Fonda.

NOS ÚLTIMOS quinze meses, a princesa Margaret da Inglaterra já sofreu quatro acidentes automobilísticos, embora sem gravidade. O último ocorreu há um mês apenas, em Stanborough. Praga de Townsend?

OS LEITORES da «Revista» estarão lembrados de John Gilbert Graham, que colocou uma bomba no avião em que viajava a própria mãe, matando 44 pessoas. Pois bem: o anjinho a essas horas já está no céu, executado que foi em princípios de maio.

OS DESASTRES de avião estão na moda: um super-Constellation venezuelano caiu com 74 pessoas a bordo, próximo a Nova York. Uma semana depois, outro avião, esse da B.O.A.C. teve o mesmo destino, com 45 passageiros dentro.

BERNARD BERENSON, famoso crítico de arte americano, que há 30 anos reside em Florença, foi agraciado pela Universidade local com o título de doutor Honoris-Causa.

O NOVO NAMORADO de Ava Gardner (que cada semana inaugura um novo), é um estu-

dante de medicina norte-americano, Frank Silvester. Há até quem fale em casamento. Para que?

UM CIENTISTA INDIANO, Jagadis Bose, acaba de provar que é possível embriagar uma couve! Basta, para isso (segundo o indiano), deitar uma colher de álcool na raiz do pé de couve que se quer embriagar. Duas horas depois, o vegetal está completamente «alto». Quais são os sintomas, e o que faz uma couve bêbeda, é o que o telegrama não explica.

UM ITALIANO furtou um carro que estava estacionado à porta de um cemitério, em Roma. Prêso, assim explicou a história ao delegado: «Ora, pensei que o dono tivesse morrido...»

JANE RUSSEL interpretará a Duquesa de Windsor, num filme que será rodado em breve, sobre a vida da famosa, horrorosa e prosa madame Simpson. Não vemos relação alguma entre Jane e a Duquesa, enfim...

ARTHUR MILLER casar-se-á, de verdade, com Marilyn Monroe! O famoso teatrólogo já tem os papéis prontos, e o casamento será realizado por esses dias. Agora mesmo é que o «caixeiro viajante» morre mais depressa...

ELIZABETH, RAINHA da Inglaterra, ao receber das mãos do rei da Suécia uma linda espada

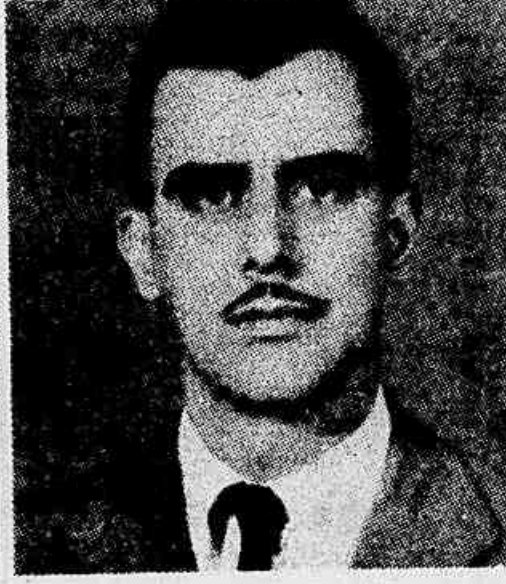
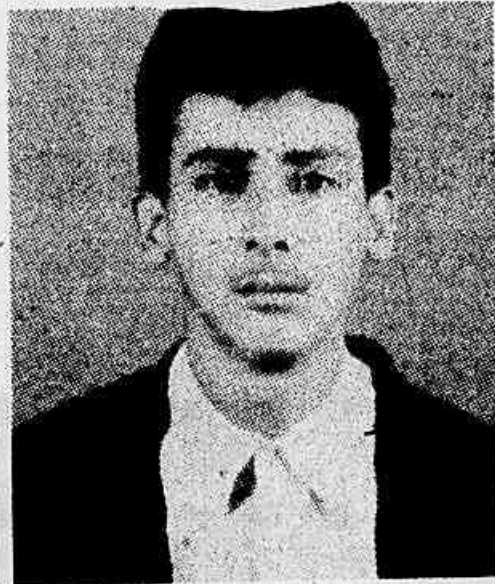
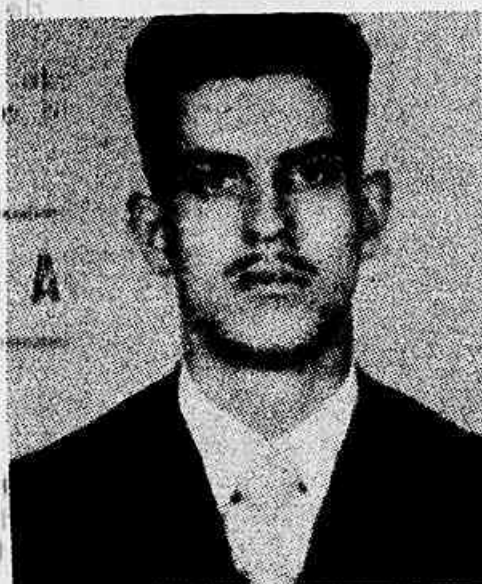


A BAILARINA Tamara Toumanova dançou no Maracanãzinho, a preços populares, na mesma noite em que, no Maracanã, os bailarinos do América e do Racing se apresentavam também. Concorrência desleal.

de presente, tirou uma moeda do bolso, e deu ao soberano. Dizem que a menina é supersticiosa como o diabo. De qualquer modo, a espada ficou barata.

NORMA RUTH, jovem americana de 14 anos, armada de fuzil resolveu arrotar a polícia. Atirou a torto e a direito, sem acertar em ninguém. No fim, teve uma perna atingida, entregou o fuzil e foi para o hospital. Mágica bêsta.

ODRIA, DITADORZINHO do Peru, não conseguiu eleger seu sucessor. Zangou-se, teve uma recaída, quase leva o diabo. Tinha sido submetido a uma intervenção cirúrgica havia poucos dias.



FAMÍLIA DE PIANOS CÉLEBRES

♦ O cidadão Agostinho Alves Tavares, mineiro, já falecido, teve em vida uma grande paixão: o piano. Casado, pai de nove filhos, a sete deles resolveu batizar com nomes de marcas famosas de seu adorado instrumento. Assim apareceram Geyer, Steinway, Renisch, Bechstein,

Pleyel, Chidmayer e Trautuen Alves Tavares, os dois últimos já falecidos. De todos eles, apenas Steinway seguiu a carreira pianística, atualmente estudando sob a orientação de Muraro. Os demais são comerciantes. E', ou não é, uma família eminentemente musical, a dos Tavares?

F

O! o primeiro cano de água suja que rebentou na minha saleta. Tudo aquilo me produzia náuseas. Tanta podridão asfixiava. Senti-me de novo torturado pelo arrependimento: por que fui revolver aquele esterco? Que proveito iria tirar de toda aquela porcaria?

Aniuta e esta rapariga! Aniuta, camarada excelente, personalidade rija e casta, chapinhando ingênua e inocentemente no lodaçal, sem pressentir o abominável de semelhante situação. Aniuta inspirava-me profunda lástima. Mais tarde viria a saber de tudo e o golpe seria mortal.

Era já alta hora da noite quando Andrei me veio ver em casa. Sentou-se numa cadeira, junto da mesa. Tinha uma expressão sombria que se lhe manifestava no arrepiado das sobrançelas e dos bigodes. Olhou-me nos olhos e explodiu como uma bomba, o sangue a afluir-lhe ao rosto, rindo até quase perder os sentidos:

— Como o atiraste pela escada?... Estou a vê-lo como um aeroplano... Bonito! Rodou até em baixo agitando as pernas... Oh! quá, quá, quá... Não posso mais! Você me faz rir até afogar-me... Assim arreberto, não posso mais...

Seu riso de touro acalmou-se, e eu desandei em convulsivas gargalhadas.

— Bem, Grisha, há hora para os negócios e hora para as brincadeiras. Os seus negócios vão mal, parece-me. Arrancaram-no da base da nossa coletividade fabril, mas Kovaliov há de ver por um óculo o pósto que você ocupa. E isto já é um triunfo. Há males que vêm para bem. O diabo é que vão revolver toda essa podridão...

— Não importa, Andriuscha, não sucumbiremos por isso. Hei de esmagar essa vibora, hei de eliminá-la, apesar de tudo. Não é a primeira vez que nos temos que haver com bichos perigosos.

— Tem razão. Triunfamos sobre a morte e horrores de toda espécie. Em nossa terra há, para nós, um lugar ao sol em qualquer parte. O que me preocupa é... Aniuta. Seria capaz de enlouquecer de raiva. E' preciso arrancá-la desse monstro, de qualquer maneira. Ele soube assediá-la, soube catequizá-la...

— Como bom polvo que é.

— E' verdade. E' bem escolhido o nome! Vive sob o signo de Caim!

Contei-lhe como os confidentes de Kovaliov se haviam ajoelhado, arrependidos, aos meus pés. Mostrei-lhe, depois, o documento da rapariga. Grisha alegrou-se, bateu com a palma da mão sobre o papel e seus olhos se iluminaram, como os de uma criança.

— Com isto hei de convencer Aniuta! Vou curá-la e convertê-la em nossa aliada principal! Vou dar-lhe corda!

E esfriei-lhe o fogo. Quando chegasse a carta de Saratov, atacá-las-mos então o caso abertamente e sem nenhuma espécie de consideração. Era impossível que aquele patife não tivesse lá uma biografia completa de aventureiro.

Separamo-nos animados, bem dispostos para a luta.

Dirão que não procedi corretamente com a rapariga? Não o nego. Aos olhos, porém, da sociedade, ela continuava a ser a imaculada pombinha de sempre. Em nada me interessava. Eu só pensava em Aniuta. Os elementos de convicção que lhe fôram fornecer eram valiosos. Que se havia de fazer? De certo, tais elementos, envolvendo a honra de uma mulher, nada tinham de decentes. Não havia lugar para escrúpulos.

E pensa que Kovaliov aproveitou essa magnífica circunstância para defender-se? Nem por sonhos. Deu parte de doente e não saiu de casa durante uma semana.

Mais tarde soubemos que ele passara todo esse tempo a escrever cartas respeitadas e hábeis para altas personalidades, que sabia influentes, grudando-se-lhes como ventosas. Nessas cartas, procurava difamar-me fria e tranqüilamente. O ato do «trust», nomeando-o diretor da fá-

ca, pela marcha da produção e da colheita de algodão. Depois perguntou-me mais intimamente:

— Diga-me, camarada Muchine, como é que você, um antigo membro do partido, um lutador do Exército, foi tropeçar tão facilmente?

— Que há? Refere-se ao tal Kovaliov que atirei pela escada abaixo.

— Que Kovaliov? Ah! o secretário da federação! Parece um homem inteligente, ativo e capaz. Espera-o brilhante futuro. Não, não, camarada Muchine; é preciso sinceridade e por isso quis antes falar-lhe. Você e eu somos velhos correligionários: não devemos ocultar nada um ao outro. Veja: tenho aqui duas denúncias de suas criadas, Riabov e Schilov, que declaram terem sido violadas por você.

— Como?!

— Sim, violadas por você. Como praticou semelhante coisa?

Senti-me como que petrificado.

— Não compreendo. A propósito de que esse monstruoso desatino?

— Que sei eu! As denúncias são detalhadas. Há também algumas testemunhas. As duas moças, Riabov e Schilov, estão empregadas em sua casa, não é verdade?

— Estão. Além dessa história, porém, oculta-se uma infâmia. Não pode ser senão outra armadilha de Kovaliov.

— Que tem Kovaliov com tudo isso? Conheço-o bastante para afirmar que esse homem está acima de qualquer suspeita.

— Pois eu insisto na suspeita: é mais uma de Kovaliov.

— Veremos. Tudo se há de esclarecer. Vê você que eu trato do caso com prudência. Podia mandar detê-lo imediatamente. Creio, entretanto, que nós nos arranjaríamos sem essa medida.

— E' uma monstruosa infâmia!

— Sim, sim, uma tolice desagradável, não resta dúvida! E você gozou sempre, em toda parte, de

um alto conceito. Ainda assim, por mais desagradável que seja, a coisa tem que seguir o curso normal. E' um fato grave.

Como que ferido de morte, corri a ver Andriuscha, e, gaguejando disse-lhe o que se passava.

Andriuscha emudeceu: levantou-se como um sonâmbulo e olhou-me transfigurado e surpreso. Vencidos e sem força, retiramo-nos para a meu quarto onde ficamos longo tempo sem dizer palavra. Depois, lembremo-nos de chamar Aniuta e as duas moças. Ambas — Schilov e Riabov — eram jovens comunistas de dezesseis anos. Varia Schilov, sobrinha de Aniuta, era uma rapariguita borboleteante, pouco ajuizada, de carinha atrevida na qual já transpareciam os sinais do pecado precoce. Fumadora impenitente. Era muito faceira. Frisava os cabelos, pintava-se, remirava-se ao espelho, retorcendo-se como uma cobrinha. Não se sabia como, conseguira de repente meias de seda e sapatos franceses. Irrequieta diante dos homens. Riabov era feia e, como se quisesse justificar o próprio nome, tinha uma cara horivelmente picada de varíola. Também nela, entretanto, se faziam notar os modos prematuros e ostensivos de fêmea lasciva. A primeira, ágil, desenfreada, nervosa e turbulenta. A segunda, descarrada, má, cruel e vingativa. Lembro-me de que ambas haviam solicitado trabalho na fábrica. Receberam, porém, resposta negativa. Tinham motivos, pois, para estar desgostosas comigo.

Aniuta apareceu, mostrando-se obstinada, estranha, hostil. Sentou-se à mesa e perguntou friamente:

— Que desejam, camaradas? Digam logo que tenho pressa.

Andriuscha não foi logo às boas; manteve um grande domínio de si mesmo:

— Olhe, Aniuta; é uma coisa muito séria e de responsabilidade. Já sei que você falará de modo franco e inteligente. Apenas desejo que desta vez você se domine e fale com elevação, imparcialmente...

O POLVO

Novela de FÉDOR GLADKOV

Desenho de LLAMPAYAS

(Continuação do número anterior)

ISSO NÃO ACONTECEU! NÃO ACONTECEU! AINDA QUE A TENHA DE ESTRANGULAR, ARRANCAREI TÔDA A

brica, continuava em vigor. Além disto, no Comitê Regional toda a gente já sabia que eu o atirara pela escada abaixo. Andriuscha devia ter espalhado a notícia. Aniuta enfureceu-se e exigiu que o secretário comunicasse o sucedido à Comissão de Contrôlo. Pakline visitou-me a fim de inteirar-se do caso. Manteve-se numa atitude irreconciliável e provocadora. Disse-lhe tranqüilamente, acentuando as palavras:

— Olhe, Pakline, não ponha os dedos nessa história imunda! Você poderá sujar-se... Se aquele miserável tornar a pôr os pés aqui, será recebido por mim da mesma maneira. Creia numa coisa: ele é covarde como todos os arrivistas e não deseja voltar a tropeçar comigo.

Pakline teve que se ir embora sem conseguir coisa alguma. Nenhuma carta chegou de Saratov e isto já me inquietava. Enviei um telegrama. O telegrama ficou igualmente sem resposta.

E um golpe terrível me foi vibrado na cabeça.

Recebi uma intimação do fiscal do Estado para comparecer perante ele. Atendi. Era um homem de cabelos vermelhos e cutis leitosa, muito cortês, alegre e afável. Sorria constantemente. Perguntou-me pela fá-

Ela o interrompeu, severa:

— Que preâmbulos são esses?

— Não se aborreça! Vou falar como amigo e como comunista. Olhe, quero dizer-lhe que Muchine está seriamente ameaçado. Não pense que é uma palavra vã. Sua sobrinha Varia e Riabov acusam-no de té-las violado. Apresentaram denúncia judicial.

Jamais notaram em Aniuta semelhante transformação. Estirou-se de repente, fraquejou, empalideceu.

— Perdão... Combati abertamente Muchine e continuarei combatendo-o. Respeito-o, porém, como comunista e como homem. Sequer em sonhos considero Muchine capaz de semelhante baixeza.

— Mas o assunto foi entregue ao juiz de Instrução. As denúncias foram apresentadas tanto por Schilov como pela Riabov. E há até miseráveis que se dizem dispostos a servir de testemunhas do fato.

— E' impossível! E' uma calúnia!

— Que é calúnia, o que lhe digo ou o crime imputado a Muchine?



VERDADE. VOCÊ NÃO ME ESCAPA, FALE: ENTÃO ACONTECEU O QUE VOCÊ DIZ! — VARIA SOLUÇAVA.

— Muchine não pode ter feito isso. Nem preciso ouvi-lo.
Eu estava emocionado diante da sua retidão. Olhava-a surpreso e grato
— Chame as moças! Vou saber o que se passou.

Andriuscha havia-a tratado com grande delicadeza. Sequer dera a entender, mesmo indiretamente, que Kovaliov participava de tudo aquilo.

As moças assomaram à porta, tímidas, aturdidas, a se empurrarem mutuamente, com os ombros, esforçando-se para apresentar um ar independente e hostil. Ambas estavam de blusas novas e iguais, meias de seda, cor de carne e sapatos da última moda, com tacões incrivelmente altos. Varia sacudia facilmente a cabeça, como um pássaro. Mirava em torno e, embora perplexa, seus olhos negros dissimulavam a astúcia de que era capaz. A Riabov estava furiosa e fungava, precavida contra toda e qualquer surpresa.

Aniuta olhou para Varia, inquisitorial e penetrantemente, estendendo a mão.

— Venha aqui, Varia.

Varia aproximou-se. Empalideceu e começou a tremer como se sentisse calafrios.

— Vamos, Varia, diga, quando foi que o camarada Muchine a violou?

Varia curvou-se e não conseguiu de maneira alguma livrar-se da opressão que lhe atanzava a garganta. Quis olhar para a Riabov, mas não pôde.

— Vamos, diga tudo de uma vez!

— Não me recordo... Parece que foi há quinze dias...

A Riabov interveio:

— Que está dizendo, Variuscha? Foi a semana passada! Aqui no solá! Não se lembra?

Aniuta vociferou:

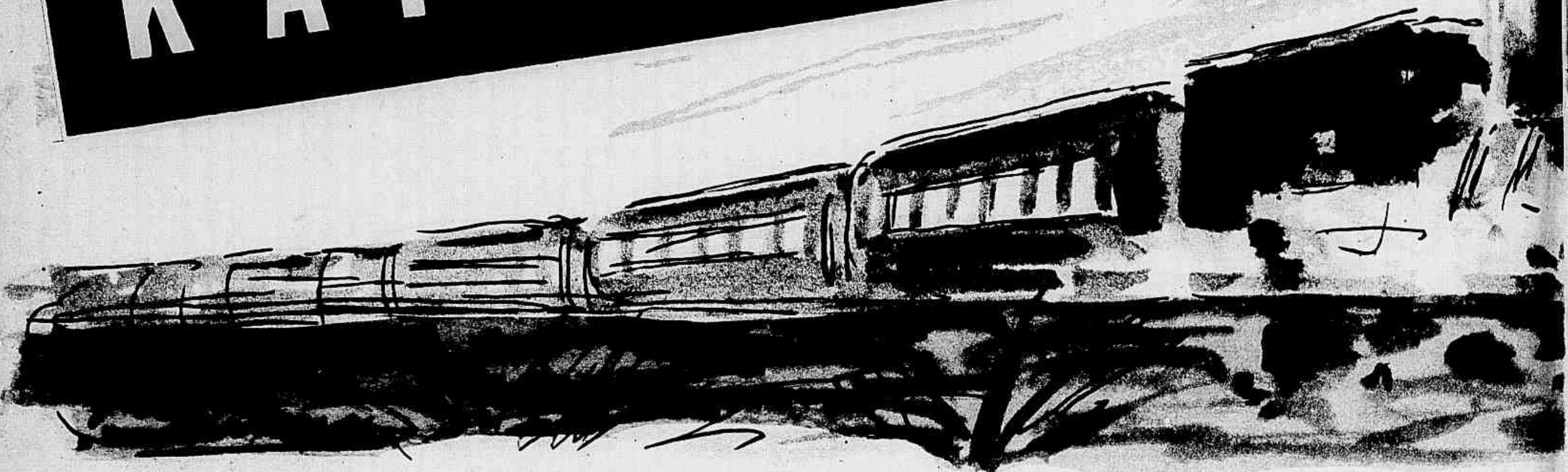
— Cale o bico! Espere a sua vez!

Tomou depois a mão de Varia, num gesto carinhoso.

(Continua na página 58)

REVISTA DA SEMANA — 11

O ENIGMÁTICO KAPITZA



Por M. A. BIEW

Ilustração de RAMÓN

COMO «Damas de Companhia», dão-me dois oficiais do N.K.V.D., ambos à paisana. Kapitza não disfarça o seu mau humor, ao vê-los.

Atravessamos o pátio em direção à porta de saída. Súbitamente compreendo porque Jermak não seguiu o dono — o que nos fizera pensar, a todos, que também Kapitza estava preso. O cão estava deitado diante do corpo da guarda. Diante dele, jaziam os cadáveres de dois cães de grande porte, esfaqueados pelas presas do enorme cão de Kapitza.

— Jermak, meu caro, venha cá!

Fácilmente se pode imaginar o que aconteceu. Jermak, primeiro visitante canino do O.K.B., não obtivera consentimento para penetrar no vasto prédio. Teve de ficar à porta de entrada, separando-se do dono. O O.K.B. é vigiado, noite e dia, por um bando de cães policiais, melhor vigias que os homens mais atilados. Naturalmente, eles se lançaram sobre Jermak, e dois deles tinham ficado por terra. Os outros, mais prudentes, preferiram bater em retirada, antes mesmo que uma sentinela tivesse pensado em atirar. E o cão de Kapitza ficou, sozinho, como vencedor da batalha.

Jermak não admite atagos, nem para ele, nem para o dono. Segue-o, simplesmente, sem sequer olhar para os que o acompanham.

Vamos a Leningrado. Ali, na estação do O.K.B., é o segundo pouso de Kapitza em busca de colaboradores. O físico não esconde sua alegria por rever Leningrado. Foi naquela cidade, que então se chamava ainda São Petersburgo, que fez seus estudos primários e secundários. ~~Dali foi que partiu para a Inglaterra.~~ E foi ali que, após treze anos de ausência, botou de novo o pé na Rússia. Ainda em Leningrado habitam um velho professor da infância, Krylov, e Abram Ioffe, também ex-preceptor.

Em seu carro «Perceira», ele tira habitualmente em 7 horas os 660 quilômetros que separam Moscou de Leningrado. E' correndo velozmente pela estrada a fora que ele raciocina melhor, mais eficazmente.

Dessa vez, porém, Kapitza não quer seguir pela estrada. Primeiro, porque ignora quando, e como, poderá regressar. Depois, porque Jermak não mais tolera a presença dos dois oficiais do N.K.V.D., e a todo instante rosna ameaçadoramente para os mesmos.

— Por essa vez, iremos de trem.

Requisita-se em pouco tempo um vagão especial, coisa que convém à sua categoria de «tabu». Kapitza, porém, não se deixa mandar. Atribuem-lhe então um compartimento no expresso da «Flexa Vermelha». Por sugestão sua, dão-me o compartimento vizinho ao seu, em lugar de

me fazerem ocupar um canto obscuro em algum vagão de carga, como é de costume, em se tratando de prisioneiro.

MALENKOV DE NOVO EM AÇÃO

Para aguardar Kapitza, existe, na estação, uma dúzia de pessoas, mas nenhuma delas colega de profissão — o que quer dizer que até mesmo seus amigos físicos ignoram a viagem. Todos os doze homens que ali estão, de pé, na «gare», são membros do Partido, e envergam trajes civis.

No meio deles, percebo um indivíduo bastante gordo, que não tem mais de trinta e cinco anos, e a quem Kapitza denomina de «meu pequeno Iégor», não sem certa ponta de indisfarçável superioridade. Conheci-o do tempo em que servia no Kremlin, com Stalin. Sua função era bastante indefinida, mas seus nomes variavam quotidianamente. Por vezes, havia quem o chamasse de Camarada Obouch. Depois, porém, passou a ser conhecido como Camarada Malenkov.

Para com Kapitza, Malenkov é sempre muito delicado.

— Piotr Leonidovitch, não poderei acompanhá-lo logo mais à noite!

— E' pena, diz Kapitza.

— Porém, amanhã, fá-lo-ei sem falta.

— Estou alegre por isso. Boa viagem, meu caro.

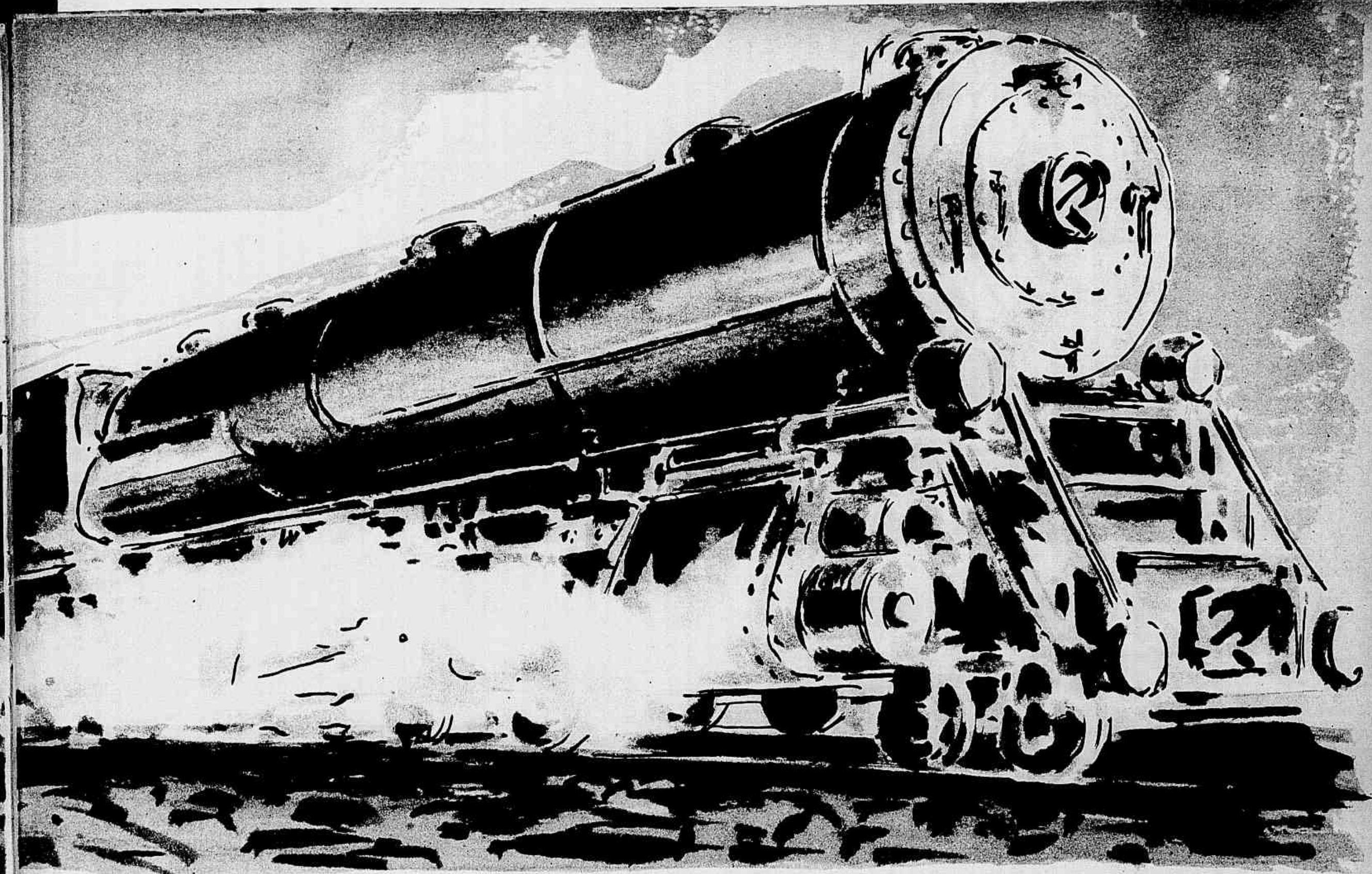
E com essa despedida sumária, Kapitza se fecha em seu aposento. O trem parte à meia-noite. E' já tempo de dormir, parecem pensar meus dois companheiros de viagem, um dos quais se deita em seu beliche. O outro logo o imita, e estou quase fazendo o mesmo, quando Kapitza me chama em seu compartimento. Pede que lhe conte uma porção de coisas: minhas viagens pelo exterior, e pelas prisões russas. Minha memória sempre foi boa, e tenho a capacidade de saber ver. Logo, tenho muito o que contar, e não apenas para me distrair.

Kapitza me cuve, pacientemente. Fuma sem cessar. Eu falando sempre.

Meu guardião, do lado de fora da cabina do físico, no corredor, desespera-se. Segundo suas ordens, não poderia deixar-me nunca a sós com quem quer que fôsse. Todavia, não se atreve a entrar em nosso compartimento, menos por respeito a Kapitza, que por receio a Jermak, fielmente abancado ao lado da porta. Assim, o preboste apenas faz resmungar, impaciente.

Enquanto isto, vou citando uma centena de nomes e de locais a Kapitza, que meneia de quando em quando a cabeça, mas sem tomar notas. Aliás, nem poderia tomar notas, pois não dispõe de papel, nem de

POR ESSA VEZ IREMOS DE TREM, DIZ KAPITZA. REQUISITA-SE EM POUCO TEMPO UM VAGÃO ES-



Especial para a REVISTA DA SEMANA — Copyright Keystone e Pierre Horay

(Continuação do número anterior)

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

♦ **KAPITZA**, filho de um general do Czar, teve de, juntamente com a família, abandonar a Rússia, por ocasião da Revolução Bolchevista. Fiquou-se na Inglaterra, onde estudou, e formou-se em Física. Foi assistente de Rutherford, o célebre cientista britânico, que lhe legou vários de seus segredos. Voltando à União Soviética por ocasião de um congresso científico, nunca mais dela saiu. Stalin deu-lhe um magnífico laboratório e encarregou-o imediatamente de difícil missão: fazer com que a União Soviética acertasse o passo com as demais nações, no que a energia atômica diz respeito. Kapitza sai a campo, procurando assistentes de competência. Encontra seus velhos camaradas trancafiados em penitenciárias pela Rússia agora. Reúne-os, e começam a trabalhar.

lápiz ou caneta. Tem confiança em sua memória, que jamais o traiu, à qual deve todos os seus sucessos.

Cinco da manhã. Estamos próximo a Bologoié, metade exata do caminho. Adormecemos, afinal. Jermack vela sobre nós — garantia mais que suficiente.

Antes de deixar Moscou, fizera Kapitza sentir às autoridades que não desejava ser recebido com manifestações pomposas, que só conseguiam torná-lo mais zangado. Seus movimentos deveriam ficar em segredo. Assim, não tínhamos o menor receio de sermos importunados, quando chegássemos a Leningrado. Quem poderia adivinhar que ali, na estação local, nos aguardava Iégor Chouch Malenkov? Algo desconcertado mas atenciosíssimo, saudou Malenkov a Kapitza, fingindo não ver o visível descontentamento que imediatamente assaltou o físico.

— Que cuidados comoventes! grunhiu esse. O «Chozain» (apelido de Stalin) temeu que nos aborrecêssemos sozinho. Enfim, pequeno Iégor, faz o que te mandam. Naturalmente, queres facilitar-nos as coisas.

Porque, indiscutivelmente, Iégor muito nos auxiliava. Onde chegava, todas as portas se lhe abriam. Kapitza não tinha nem mesmo o tempo de se encolerizar...

FÉRIAS DESAGRADÁVEIS

O reencontro com Nahoum Edelson, Boursian e Rafalovitch foi breve e silencioso: já quase não era mais esperado. «Vigia-se um técnico de tudo quanto é modo», afirma Kapitza, sem rir. Gostaria de poder libertar

todos esses infelizes que, tombados em desgraça, apodreciam agora em um cárcere pela União Soviética a fora. Era preciso, porém, o assentimento de Malenkov: Kapitza é por demais conhecido como cientista, especializado demais, e, agindo diretamente, poderia trair os seus verdadeiros desejos.

E' preciso reconhecer que Malenkov está cheio de idéias excelentes, e dissimula como ninguém. O professor Edelson será mandado ao observatório de Poulkova como «observador»; Boursian ficará residindo em Moscou, como «leitor das Edições do Estado». Rafalovitch, excelente pianista, há de ser «concertista». Em qualquer dos casos, não existe, ao menos em aparência, qualquer liame entre Kapitza e seus liberados. A lista de colaboradores de Kapitza aumenta, em Leningrado, de vinte e um nomes, porém, o nome do físico nem uma vez é mencionado em parte alguma. O cientista, aliás, é incansável:

— Partimos para Arkhangelsk à noite. Prepara-se, pois, aga!

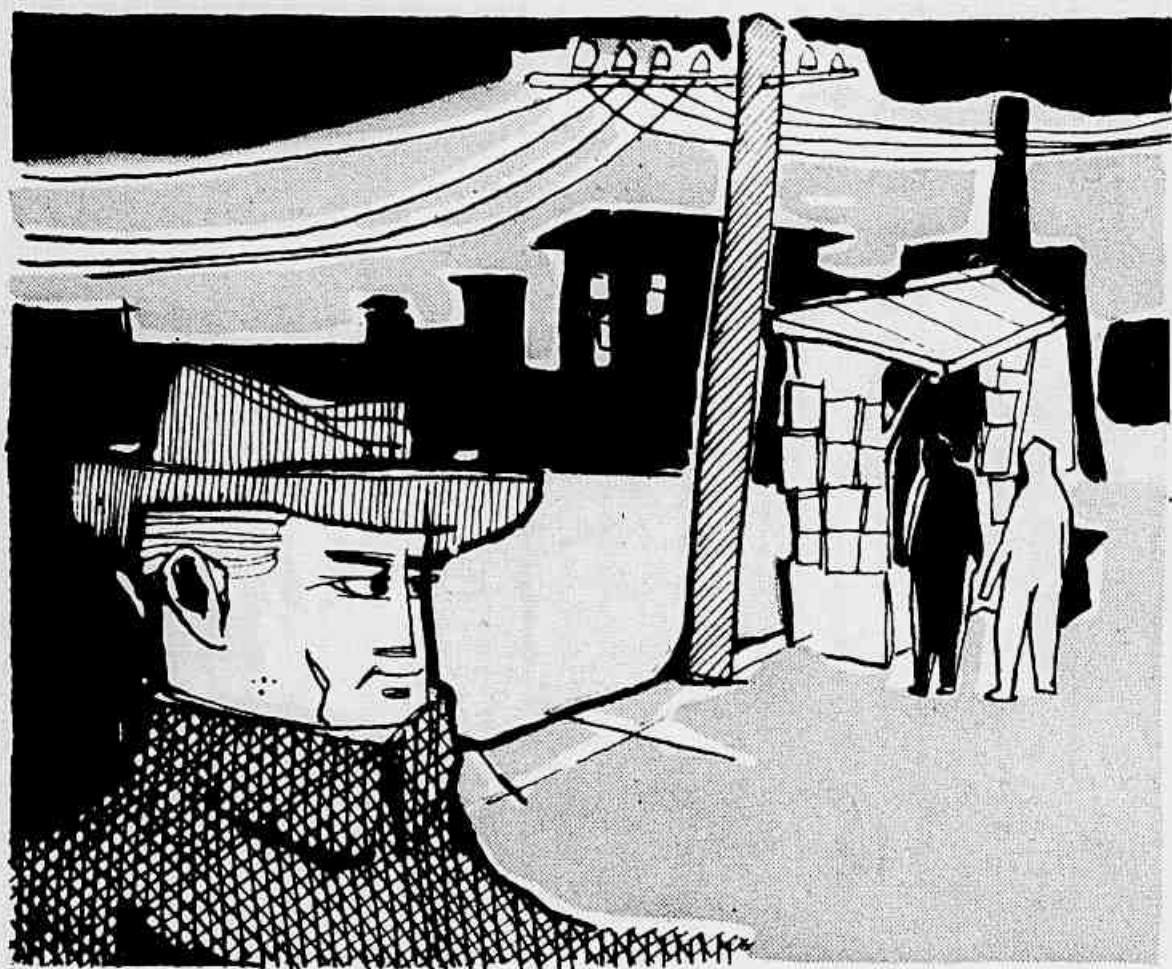
A 250 quilômetros da cidade, em pleno Mar Branco, está a ilha de Solovietz. Nela está instalado um dos postos mais interessantes do N.K.V.D. Não tanto pelo clima, que é terrível, nem por misturar, indiscriminadamente, prisioneiros políticos e comuns, mas por que quem ali entra, praticamente é para morrer somente. Seu nome por completo é «Solovietzky Lager Ossobov Nazmatchénia», ou, abreviando, S.L.O.N., «slon» em russo significando elefante. Um paquiderme não poderia viver num recanto tão miserável e árido, quanto mais um ser humano. A medida em que avançamos em direção à ilha, rejubilo-me, ao pensar no prazer que sentirá Kapitza ao libertar das mãos dos verdugos um grupo de condenados à morte.

Pouco após o almoço, assaltam-me violentas cólicas. Que seria? Nunca, até então, sofrera eu do ventre. Talvez tivessem tentado «curar-me»? Ou envenenar-me, quem sabe, talvez para que eu deixasse de acompanhar Kapitza. O caso é que, chamado o médico, esse me declarou «intransportável». Rapidamente, ponho-o a par de minhas experiências pessoais, e Kapitza parte, acompanhado unicamente por Jermack.

Não foi senão muito depois que me puseram informado quanto ao périplo de Kapitza. Do «Slon», partiu ele para lousar, verdadeiro «campo do inferno», postado na extremidade setentrional do mar de Ural. Depois vai a Anderma, a Vorkouta, Tourouchansk, Magadan. Daí a Karaganda, Fergana, o Turkestão. Fica três semanas viajando através da Rússia, cobre cerca de 30 mil quilômetros, sem ser detido nem um segundo. Anota quase 600 nomes. Malenkov, como de costume, zela para que sua missão não venha a ser descoberta. Também ele é infatigável.

(Continua no próximo número)

PECIAL, COISA QUE CONVÉM A SUA CATEGORIA. ATRIBUEM-LHE UM COMPARTIMENTO NO EXPRESSO.



ALUMBRAMENTO

ARNAUD PIERRE

● Ia pela rua em estado de graça. Tudo bem, tudo arrumado, por dentro e por fora harmonia em mim, harmonia no mundo. Vou em paz comigo, em paz com meus anjos e meus santos e, sobretudo, em paz com o mundo. Nenhuma inquietude, absoluta aceitação do que é. Sinto-me um átomo gravitando na harmonia universal e desço a rua, na tarde que morre, em estado de graça. Subo, desço calçadas, diminuo o passo a deixar passar um carro, corro miúdo para fugir de outro. Cumprimento conhecidos, olho anúncios de cinema, paro enfim defronte a uma banca de jornais. No alto, bem à vista, a capa colorida de uma revista mundana; e sobre ela, um corpo de mulher.

● Se estivesse totalmente despida, não estaria mais provocante. Mas estava: calculadamente vestia umas peças pequeninas, sob as quais vagueia a imaginação. Considero minuciosamente a linda criatura. Será o quê? Artista de cinema, teatro, ou «miss» qualquer coisa? Subo os olhos à face; não me lembro de ter visto aquela fisionomia. Desço-os novamente, a vista perdida em horizonte de sonho. Tácitamente concordo com a boa d. Zulmira, que me ensinou catecismo e me dizia, convicta, que a natureza é a maravilha da vontade criadora do Senhor. Humildemente considero a criação de um deus, e me pergunto a mim mesmo se, sendo deus, criaria coisa diferente. Depois de longo e minucioso exame, chego à conclusão de que não acrescentaria nada à obra do Senhor. Deus de fato tem bom gosto. E como homem e admirador de sua obra, pelo que tenho diante dos olhos, fico-lhe grato.

● Penso em comprar a revista... Para quê? Ridícula ilusão de posse! Lanço um último olhar à linda figura, em tentativa de fixação do todo, e reverencio a Beleza e todos que a ela se devotaram, procurando-a furtar à brevidade da vida. Penso em Fídias, em Praxíteles, na mão anônima que do mármore arrancou a forma imortal da Venus de Milo. E mais que em todos, pelo que tenho à minha frente, penso e sou grato ao velho e cabeludo Daguerre. De repente me viro e me vou. Adeus harmonia, adeus beatitude serena em tarde cristã. Era uma vez o meu estado de graça, e vou em passos nervosos e as mãos crispadas. Também era já noite.

MESQUITINHA

O ÚLTIMO ROMÂNTICO

VIVEU E MORREU DO CORAÇÃO: FOI O HOMEM QUE, CHORANDO, FAZIA RIR — NATARA NEY, SUA GRANDE PAIXÃO — TRÊS PANCADAS NO CHÃO, À MEIA-NOITE, PARA QUE O SEU AMOR VOLTASSE... — ATÉ PARA O ESPIRITISMO APELOU — E O AMOR VOLTOU, PARA MATA-LO — SEUS ÚLTIMOS MOMENTOS

Reportagem de JOSÉ MARIA RODRIGUES



Mesquitinha e Natará Ney, em «Cabeleireiro de Senhoras». No palco ou na tela, o saudoso comico impunha sempre a condição de um bom papel para sua companheira.



FOI precisamente à hora em que soaram os últimos aplausos, em que as luzes da ribalta se apagaram, que para ele a vida marcou o último minuto. Era meia-noite.

Quanto maior e melhor é a vida, quando mais necessária se afigura, mais imprevista se torna a morte. Disse Sterne que a morte abre a porta da fama e fecha a da inveja.

O desaparecimento de Mesquitinha contradiz semelhante afirmação. A fama conheceu-a em vida e inveja foi coisa que nunca provocou. Com a morte irá adquirir nova vida na memória dos homens. É essa imortalidade o pedaço de bom que nos incentiva a passagem pela Terra.

Mesquitinha foi grande, imensamente grande. Seu nome estará, através dos tempos, ligado à história do Teatro Brasileiro. Ele foi na arte de representar um portentoso revolucionário, oferecendo ao Teatro a sua verdade. Foi dos mais admiráveis e completos precursores do naturalismo.

Sempre pôs de parte os grossos esgares e os gestos descomedidos. Foi sempre singelo nos seus tipos, dentro da moldagem do real. Não contava suas declamações — dizia-as. Enquanto que muitos forçam a graça desarticulando-se, ele fazia sorrir. Ofereceu ao palco a naturalidade e a vida. Tinha o condão de encontrar e extrair para a evidência, graça, interesse, pitoresco, agrado.

SUA VIDA DE SUCESSOS

Seu verdadeiro nome era Olímpio Bastos. Nascido em Portugal em 1902, veio com cinco anos para o Brasil na companhia de seu tio, o ator português Mesquita. Ainda menino — dez anos apenas — estreou em S. Paulo na companhia Sebastião Arruda na revista «Pirralho» passando desde então a usar o nome de Mesquitinha. A graça que demonstrou nesse seu primeiro trabalho valeu-lhe um lugar permanente no teatro musicado da cidade bandeirante. Anos depois, como integrante da Companhia Antônio de Souza, iniciou uma excursão pelo interior que lhe ofereceu saturada aprendizagem. Após a digressão ao norte estreou finalmente no Rio onde o seu nome já tinha sido falado como uma das valorosas promessas do teatro musicado.

Seu nome foi inopinadamente decorado do norte ao sul do país. Foi depois para o João Caetano com Margarida Max, como ator-empresário. Casou ao tempo com d. Olga Bastos, sendo madrinha, sua colega Margarida. Iniciou uma demorada excursão que terminou em São Paulo no Cassino Antártica. Em 1930 tentou o teatro declamado protagonizando a comédia «O Homem do Fraque Preto» de Armando Gonzaga. Coincidiu a estréia com o dia da revolução o que prejudicou grandemente seu trabalho. Iniciou nova excursão.

Em 1936, após algumas temporadas de triunfos no teatro e rádio, visitou Portugal contratado por Jardel Jercolis, companhia que levou também Sílvio Caldas, Silva Filho, Grande Otelo, etc. Foi enorme o êxito no Trindade de Lisboa.

Após a temporada na capital portuguesa, iniciou-se uma excursão através de Espanha. Voltaram ao Brasil em 1937. No Rio de Janeiro, resolveu Mesquitinha realizar um filme do qual

Mesmo de cara limpa — ou tapando um olho — Mesquitinha fazia rir qualquer platéia, embora fôsse especialista na composição de tipos que exigiam a pintura do rosto.

MESQUITINHA

Essa era outra figura em que o grande cômico apresentava uma de suas fabulosas criações cômicas: o garção distraído e de voz sempre em falsete...

também foi primeiro ator, «João Ninguém», onde desempenhou, com agrado geral, uma figura chapliniana. Foi êsse o primeiro filme brasileiro que apresentou alguns pedaços coloridos.

Em 1941 aparecia com sucesso total no gênero declamado.

Separou-se então de sua espôsa e passou a viver com a atriz portuguesa Maria Costa.

Formou companhia de comédias com Alma Flora e Salu de Carvalho empreendendo uma demorada excursão ao interior. Voltou ao Rio e alternadamente trabalhava em revista e comédia. Numa das digressões feitas ao interior (em 1946) sofreu um desastre brutal ao regressar da Bahia, quando a camionete em que a companhia viajava, capotou. Quis Deus que não lósse essa a sua última hora.

Formou depois um trio com Modesto de Souza e Natara Ney, atriz por quem se apaixonara e que o fazia esquecer todos os amôres anteriores. Exibiu-se o trio com grande sucesso, em teatro, «boite» e rádio. Resolveu Mesquitinha dissolvê-lo para satisfazer os caprichos da apaixonada, formando companhia, com ela em primeira figura.

De então para cá (até há cinco meses atrás) não mais se separou de Natara, tendo com esta atriz trabalhado em todos os gêneros, em todos os teatros, com todos os empresários. Seu último desempenho no Rio foi na revista «E' fogo no Catete» na companhia de Badaró, já sem Natara, triste, acabrunhado, pensando a todo o momento naquela que tão vilmente o abandonara.

O AMOR... RAZÃO DA MORTE?

Mesquitinha sempre foi infeliz no amor. O que ganhava em triunfos sucessivos na arte que abraçara, perdia nas mulheres a quem se dedicava. O seu casamento com d. Olga Bastos fôra um fracasso, confessado por êle, pelos constantes desentendimentos familiares. Um episódio nos recordaram quando sua ex-espôsa lhe exigiu determinada quantia que êle não tinha para pagar, e isso o levou à prisão.

Com a portuguesa Maria Costa também passou a reinar o desentendimento embora com ela tivesse demonstrado provas de afeto que o artista não voltou a encontrar em qualquer das outras.

O amor para Mesquitinha foi, servindo-nos de definição antiga, um fio que as mulheres lhe deram para torcer segurando-o pelas duas extremidades.

Natara Ney surgiu em sua vida como o apetite ignorado levado até à demência. Após a separação daquela a quem dedicara tôda sua vida, aquela que para êle representou o ardente esquecimento de tudo, o ator passou como que a não existir.

Diz um velho aforismo que o amor e a razão são dois viajantes que nunca vivem juntos na mesma hospedaria: quando um chega, parte o outro. Foi precisamente êste o caso do nosso Mesquitinha.

Êle não conseguiu governar o coração. Uma vontade mais forte o esmagou.

O AMOR FOI PARA MESQUITINHA UM TRISTE DESTINO QUE ÊLE CUMPRIU DE



Esta série de expressões foi feita especialmente para a REVISTA DA SEMANA e para ela, Mesquitinha posou, com a sua habitual boa vontade. — Era notável nessa variação de expressões e em qual-

Senhor de um jôgo fisionômico admirável e favorecido pelo físico, Mesquitinha era sempre novo e irresistível, mesmo fazendo um anjo em trajes menores...

Na vida profissional as únicas exigências de contrato eram para a sua bem amada. Fêz dela uma atriz. Amava-a apaixonadamente. A vida sem ela passou a não ter o menor interesse.

Nas noites cariocas êle caminhava como autômato, ferido pela inesperada separação. Sofria em silêncio. Em cena fazia rir. O público nada adivinhava. A dor corroía-o aos poucos. O amor para êle não havia sido a união de duas vontades. Só êle amava.

Chegou a consultar os espíritos em certas reuniões. Prometeram-lhe as vozes do além que, se tôdas noites à meia-noite batesse três pancadas fortes no chão com o pé direito, ela regressaria.

Tôdas as noites (muitas vêzes em cena) Mesquitinha dava as tais pancadinhas pedidas. Ela voltou. Mas voltou por poucos dias. Traíra-o de novo.

Esta segunda separação foi golpe rude a que não resistiu.

Coincidiu com êsse afastamento um novo apêlo de sua ex-espôsa pedindo aumento de mensalidade. Seria julgado no passado dia 15.

Amontoavam-se em seu espírito as complicações amorosas. Sentia-se totalmente aniquilado. A morte chegou inesperada, pondo fim a todos os seus lamentos. Chegou como carrasco executando a lei da sorte.

SUA ÚLTIMA NOITE

Horas antes de morrer, passeara pelas ruas dos teatros na Praça Tiradentes. Falando com uns e com outros, sempre amável, sempre solícito. Jantou na «Floresta» com Silva Filho e o secretário teatral Franklin. Criticou os companheiros que se banquetearam com um fortíssimo vatapá. «Vatapá a esta hora, é a morte», disse para os companheiros.

As 22 horas, sentiu-se mal. Resolveu procurar o Pronto Socorro da Praça da República onde foi medicado, retirando-se minutos depois.

Regressou ao hotel em que se encontrava hospedado. Cêrca da meia-noite novo ataque de coração o prostrou, sendo imediatamente conduzido ao Pronto Socorro por dois funcionários do teatro Recreio, onde se encontrava contratado. Chegou já sem vida, vítima de um enfarte do miocárdio.

O corpo foi imediatamente removido para a Capela de Santa Terezinha e ali ficou até a hora do entêrro.

Durante tôda a noite grupos intermináveis de artistas e amigos desfilarão no último adeus àquele que sempre soube ser bom e correto para com o seu semelhante. A um ator incomparável.

A hora da saída do corpo para o Cemitério de Catumbi, era enorme o número dos acompanhantes. Em nome do Presidente da República compareceu o major Edison Perpétuo que acompanhou o féretro.

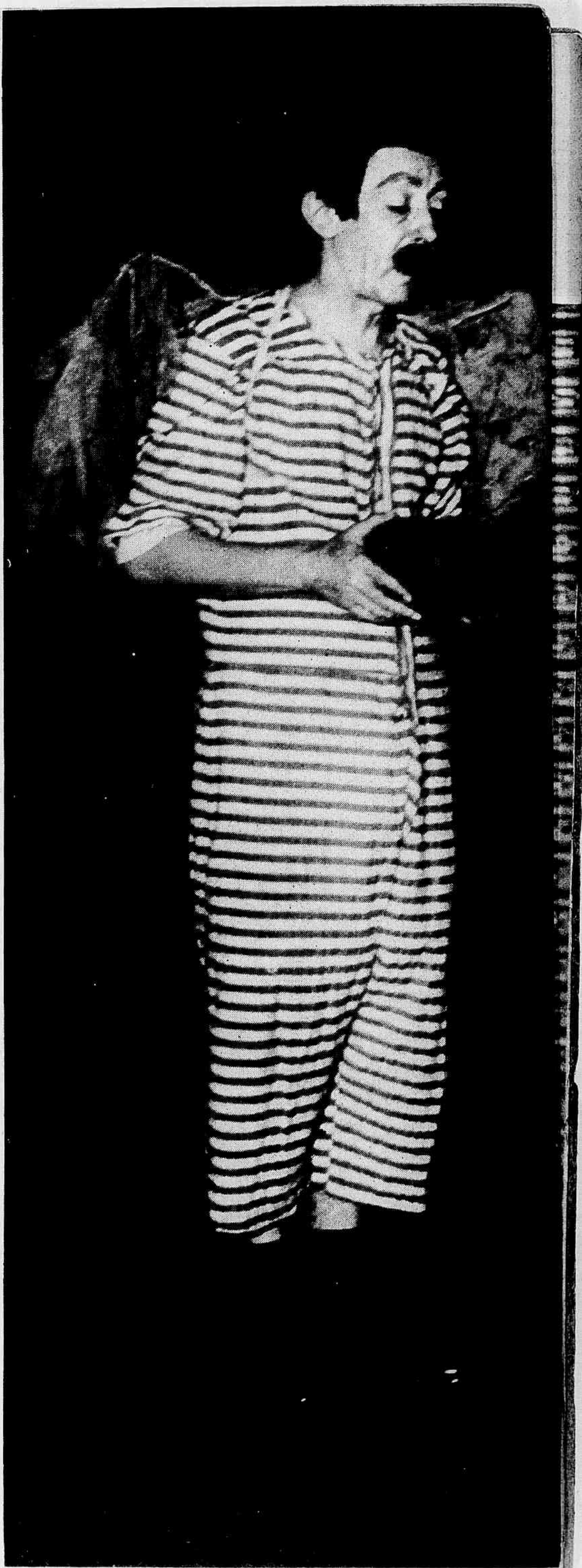
Empresários, atores, cantores, gente do povo, caminhavam em silêncio relembando aquêle que tantas noites de alegria lhes havia oferecido.

Morreu Mesquitinha. Com êle desapareceu o maior tragi-cômico do teatro brasileiro. O homem que chorando fazia rir.

ALMA ABERTA, DISFARÇANDO AS LÁGRIMAS EM TORRENTES DE GARGALHADAS.



quer parte do mundo um ator com tantos recursos, ganharia fortunas. No Brasil, foi um cômico que fazia gargalhar a platéia enquanto interiormente chorava.



Homens que trabalham

Se V. S. sofre de prisão de ventre e esqueceu-se de tomar **Ventre-Livre** ontem à noite, antes de dormir, não esqueça hoje.

Tome uma dose de **Ventre-Livre** hoje à noite, antes de ir para a cama, que amanhã passará o dia bem e trabalhará com prazer.

Os homens ativos, que trabalham com afinco, devem cuidar especialmente da saúde, pois precisam ter o estômago, os intestinos, o fígado, enfim todos os órgãos, e também os nervos, em bom estado, para conservar as suas energias.

A prisão de ventre intoxica o organismo, abate as forças e, por conseguinte, diminui a capacidade de trabalho.

Combata a prisão de ventre sem perda de tempo, usando **Ventre-Livre**.

Ventre-Livre tonifica as camadas musculares do estômago e intestinos e limpa os das substâncias infectadas e fermentações tóxicas, verdadeiros venenos, que perturbam as funções de todos os órgãos e causam tão grande mal aos nervos.

Tome **Ventre-Livre** hoje, à noite.

...

Lembre-se sempre:
Ventre-Livre não é purgante

...

Tenha sempre em casa
alguns vidros de **Ventre-Livre**

Esporte Ilustrado

TODAS AS QUARTAS-FEIRAS

PREÇO CR\$ 5,00



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

OTONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS
E DEMAIS AFECÇÕES
DO COURO CABELUDO

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA COLUNA DE TESTES

- 1—Quem iluminou a estátua do Cristo Redentor, quando de sua inauguração:
 - Graham Bell?
 - Marconi?
 - Graham Green?
- 2—«Esser madre è un inferno» é uma ária da ópera:
 - Arlesiana?
 - Adriana Lecouvreur?
 - Andrea Chenier?
- 3—O «Entêro do Conde de Orgaz» é uma tela de:
 - Velasquez?
 - El Greco?
 - Ribera?
- 4—Pieter Wilhelm Lund, naturalista, era de nacionalidade:
 - sueca?
 - islandesa?
 - dinamarquesa?
- 5—Foi um dos fundadores do Partido Socialista Brasileiro:
 - Jânio Quadros?
 - Juarez Távora?
 - Adauto Lúcio Cardoso?
- 6—Augusto Comte criou:
 - religião da humanidade?
 - o imposto de consumo?
 - a filosofia da História?
- 7—A Estátua da Liberdade foi presente aos Estados Unidos:
 - da Inglaterra?
 - da Espanha?
 - da França?
- 8—O secretário atual da O.N.U. chama-se:
 - Trygve Lie?
 - Paulo Carneiro?
 - Hammarskjöld?
- 9—Henry Beyle celebrou-se literariamente sob o nome:
 - Voltaire?
 - Stenio?
 - Stendhal?
- 10—Escreveu «Estudos Alemães»:
 - Tobias Barreto?
 - Clóvis Bevilacqua?
 - Sílvio Romero?
- 11—Foi chamado, na literatura nacional, «Bôca do Inferno»:
 - Domingos Caldas Barbosa?
 - Agripino Grieco?
 - Gregório de Matos?
- 12—«Dulle Griet» é uma figura da mitologia:
 - holandesa?
 - alemã?
 - francesa?
- 13—E' Prêmio Pulitzer, mora atualmente em Petrópolis:
 - Stefan Zweig?
 - Elizabeth Bishop?
 - Langhorn Clemens?
- 14—Pacificou a política brasileira, cem anos passados:
 - Caxias?
 - Honório Hermeto?
 - Marquês de Paranapiacaba?
- 15—Como se chama o atual ditador da Venezuela:
 - Odria?
 - Somoza?
 - Peres Jimenes?

CLASSIFICAÇÃO: — Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco; de 1 a 3: cultura inferior — selvagem; de 4 a 6: cultura média — estudante ginásial; de 7 a 11: cultura superior — universitário; de 12 a 14: um sábio; todas as 15: um gênio em pessoa.

RESTOAS: 1 — Marconi; 2 — Arlesiana; 3 — Greco; 4 — dinamarquesa; 5 — Juarez Távora; 6 — religião da Humanidade; 7 — da França; 8 — Hammarskjöld; 9 — Stendhal; 10 — Tobias Barreto; 11 — Gregório de Matos; 12 — holandesa; 13 — Elizabeth Bishop; 14 — Honório Hermeto; 15 — Peres Jimenes.

A CONSOLIDAÇÃO DA INDEPENDÊNCIA

EDUARDO TOURINHO

JOSÉ Bonifácio, Gonçalves Ledo, o Grande Oriente Maçônico e os patriotas que se reuniam no consistorio da igreja do Rosário — no Rio de Janeiro — foram as grandes forças que, afinal, desdobram a teoria da Independência. Gerada nos quadros da Revolução Francesa, na liberdade das colônias americanas, nos movimentos revolucionários de Minas, Bahia e Pernambuco, cristalizou-se no GRITO DO IPIRANGA.

Mas o 7 de setembro de 1822 não foi, verdadeiramente, o derradeiro lance do grande drama. Ao norte, os portugueses dominavam o país. As naus de Pereira de Campos e as tropas de Madeira, na Bahia, barravam o largo caminho da liberdade. Foi a derrota dessas forças que assegurou à Nação a soberania política. Foi a entrada do «Exército Libertador» na capital baiana, em 2 de julho de 1823 que — batido o adversário — tornou em esplêndida realidade o brado de libertação erguido às margens do regato paulista.

Coube a Labatut duro quinhão no preparo dessa vitória. A Bahia reconheceu seus belos feitos nas lutas pela Independência do Brasil e glorificou sua memória erigindo-lhe o pequeno PANTEON que guarda suas cinzas no mesmo lugar de seus triunfos sobre as colunas lusas.

x x x

Soldado de Napoleão, conhecera Pedro Labatut — ao lado do grande corso — o trágico revés de Waterloo. A Restauração distinguira-o com a Legião de Honra e tornara-o em disponibilidade... Como outros oficiais franceses que passaram à América, foi para a Colômbia — onde teria ajudado a Bolívar nas guerras emancipadoras que sacudiam o continente.

Emulações dentro do exército colombiano forçaram-no a transferir-se para o Brasil. Em julho de 1822, como general de brigada assume o comando dos corpos que se organizavam para a Bahia, ameaçada de separação do governo central. Chega a Alagoas, opera a junção com as forças de Pernambuco e alcança Sergipe. E' a 28 de setembro que atinge Feira de Santa Ana — onde estavam os corpos que obedeciam à Junta Governativa de Cachoeira — e estabeleceu seu quartel-general. Avançando, garante Cabrito e Coqueiros: excelentes posições a cavaleiro do inimigo.



JOSÉ BONIFÁCIO, Patriarca da Independência, consolidou a liberdade do Brasil frente ao trono português. Completou dessa maneira a ação de Pedro I. às margens do Ipiranga.

A 8 de novembro — tentando romper o assédio — os soldados do brigadeiro Inácio Luís Madeira de Melo investiram contra Cabrito. Os brasileiros mantêm-se na posição e o contingente pernambucano — comandado pelo major Joaquim José da Silva Santiago — força os atacantes ao recuo.

Em fins de dezembro, Labatut desencadeia a ofensiva. Deslocando-se de Pirajá, avança até as proximidades do Largo da Soledade sem, entretanto, perder o contacto com as posições primitivas. Estreita-se o cerco e piora a situação de Madeira de Melo. A 15 de fevereiro de 1823, os combates se estendem a Itapua. De 5 a 20 de maio, encontros em sequência prenunciavam claramente a derrota dos portugueses.

x x x

No mar — litoral e Recôncavo — lutava-se desde junho de 1822, quando a população de Cachoeira aclamara Pedro I como Regente Constitucional e Defensor Perpétuo do Brasil.

Barcos lusos atacaram, véses várias, Cachoei-

ra e Itaparica, onde o tenente João de Oliveira Botas — patrão-mor do Arsenal da Marinha, na Bahia — armara uma esquadilha de que assumira o comando.

A 3 de abril de 1823, somente, lord Cochrane — com a divisão então formada — partiu do Rio de Janeiro para a Bahia. A 20, a capitânea «Pedro I», a fragata «Ipiranga», as corvetas «Liberal» e «Maria da Glória» e os brigues «Guarani» e «Real Pedro» chegaram à barra da Cidade do Salvador. A fragata «Niterói» — que tantas unidades da esquadra de Pereira de Campos aprisionou mais tarde — chegou depois como, em reforço, depois chegaram outros navios.

O porto foi bloqueado. Em face da situação, Madeira de Melo — a 20 de junho — forma um conselho de oficiais do Exército e da Armada para examinar-se a conveniência de uma retirada. Reconhecida como inevitável, na manhã de 2 de julho de 1823, as forças portuguesas — batidas — transpuseram a barra de volta a Lisboa. E' quando a «Niterói» — sob o comando do bravo João Taylor — apreende numerosos barcos lusos numa demorada perseguição, mar em fora...

x x x

Na culminância dessas vitórias, odiosidades contra Labatut explodiram dentro do Exército. No próprio quartel-general de Pirajá, o grande cabo de guerra foi preso pelo coronel Felisberto Gomes Caldeira e a oficialidade que o apoiava. Mas, declarado sem culpas pelo Conselho de Guerra reunido no Rio de Janeiro, Labatut em 1832 — servindo à Regência Provisória — interveio na pacificação do Ceará. Depois — 1840 — o regente Araújo Lima vale-se de seus serviços contra os rebeldes de Piratinin.

Preso Labatut, a Junta Governativa de Cachoeira conferiu o comando da tropa brasileira ao coronel José Joaquim de Lima e Silva. Foi sob seu comando e entre aclamações do povo que essa tropa — o «Exército Libertador» — a 2 de julho de 1823 torna o GRITO DO IPIRANGA esplêndida realidade e transforma o Brasil Colônia em Brasil Nação.

Como, depois, cantou Castro Alves, fulgiu a «liberdade peregrina — Espôsa do Porvir, noiva do sol». E, livremente, tremulou o «auri-verde pendão de minha terra».

CAFÉ ESPERANÇA E JK

HÉLIO ABREU

◆ Cercado por uma atmosfera de expectativa, em que predominava a esperança de dias melhores para os homens do campo, assumiu o sr. Juscelino Kubitschek a Presidência da República. A fama de bom governante fôra conquistada pelo candidato que se empossava através de vasto programa desenvolvido à frente do Estado de Minas Gerais onde, juntando a muque os poucos dinheiros do tesouro estadual a muito ar-rêjo, realizou Juscelino um programa que o ligará para sempre ao progresso da terra das montanhas verdejantes. Os receios de que o candidato limitasse sua ação ao binômio ENERGIA E TRANSPORTES foram abandonados quando Kubitschek fez aliar a êle o principal problema nacional: alimentação. Enfim, sem contar as andanças dos «tanques», as manobras do cruzador «Tamandaré», as perspectivas de luta armada — e tudo dorme agora nos braços do tempo que passou — Juscelino teve campo limpo, braços livres e ação ilimitada para constituir seu governo. Fêz vir de Minas o sr. Clóvis Salgado. Fê-lo ministro, em pagamento à sua ação equilibrada e à sua lealdade. Foi tirar da Câmara o líder José Alkmim. Entregou-lhe o Ministério da Fazenda. Conservou (em boa hora) o intrépido general Lott na pasta da Guerra e não se sabe porque, esqueceu São Paulo. O sr. Maurício de Medeiros, homem honesto e inteligente, viu-se ministro também. Lúcio Meira, patenteando o prestígio do comandante Amaral Peixoto, ganhou os negócios da Viação, o sr. Álvaro Lins foi a chefe do Gabinete Civil. Parsifal Barroso investiu-se no Trabalho e São Paulo permaneceu na berlinda. D. Helder Câmara, santo homem que tanto tem feito em prol dos favelados cariocas, passou a merecer todo o apoio do governo. Foi D. Helder atraído para a órbita juscelinista com armas e bagagens, levando consigo essa figura marcante que é Monsenhor Távora. Tancredo Neves, o alicerce mestre da vitória eleitoral, recebeu um cargo não muito à altura de seu gabarito, a Carteira de Redescostos do Banco do Brasil e o sr. Negrão de Lima é o prefeito do Rio. De São Paulo, para São Paulo, em favor de São Paulo, nada.

Em São Paulo se diz que alguém anda informando mal ao Presidente. Alguém não está contando a Juscelino tudo que êle tem obrigação de saber. Alguém está traindo o Presidente.

Só para dar a ver um dos muitos casos onde o Catete tem se primado pela ausência, citemos o «affaire» dos «cafés finos». Alguns espertalhões estão se aproveitando da boa vontade de grande número de cafeicultores para impingir a história de que a má qualidade do café é a principal causa da perda de mercados internacionais. Ora, é sabido que este ano exportamos dois milhões de sacas mais que em período idêntico do ano anterior. Ademais, ninguém pode controlar a natureza e ela é a principal (se não a única) responsável pela qualidade inferior do produto. O caso é complexo e não pode ser tratado de atogadilho. Deixemo-lo. Sobre tudo isto, dizem os paulistas o seguinte: O exército que elegeu Kubitschek, que com êle lutou e arriscou o pescoço; que se preparou para ajudar o mineiro a governar, jaz barrado, bloqueado nas escadarias do palácio, pela cortina que se estabeleceu em torno do democrático e antigo «Peixe Vivo».

E' isso mesmo: O sr. Juscelino Kubitschek preparou um exército para o combate e, na hora da pugna, viu-se cercado de um Estado Maior que não era o seu. Com este Estado Maior está o Presidente lutando como pode contra os graves problemas brasileiros, contra a intransigente marcação udenista, contra a maledicência e contra a intriga. Daqueles que o ajudaram, que o amaram e que lhe foram dedicados, toma conhecimento S. Excia. apenas vagamente, em suas maratonas, rápidos encontros de efêmera duração. Mas, ainda assim acreditamos no sucesso de Juscelino, na duração de seu governo e na realização de sua obra. Não é possível que êle fique eternamente envolvido pelo segundo tir de peteca que, como São Pedro, tem (e detém) as chaves do Catete.



JUSCELINO



JUVENAL CHEDE



GUILHERME DE ALMEIDA



ALVARO LINS



JÂNIO QUADROS

◆ GOL. Sabe-se que o sr. Janio Quadros, nas muitas gestões que levou a efeito na Europa, conseguiu atrair várias indústrias para nosso país. Cerca de 15 diferentes fábricas, entre as quais figurando duas de automóveis, serão instaladas em breve no Estado, tudo num montante de dois bilhões de cruzeiros. Assim, por demais proveitosa foi a viagem do governador ao Velho Mundo.

◆ RIO, IDA E VOLTA. O sr. Altino da Silva Ribeiro, tesoureiro do PSD bandeirante, fêz nada menos de 72 viagens ao Rio de Janeiro nos últimos quatro meses. S. S. está ganhando (em número) o próprio deputado Emílio Carlos, que era considerado o campeoníssimo do vôo conhecido por «ping e pong».

◆ LIGEIREZA. Durante os festejos comemorativos do centenário de Ribeirão Preto bateram a carteira do prefeito Costabile Romano. Ninguém foi preso, e isto se deve ao fato de haver na referida carteira apenas um bilhete de loteria do Estado do Rio de Janeiro, e assim mesmo branco...

◆ O POETA e jornalista (dos bons) Luso Ventura está acessorando o presidente do legislativo paulista, sr. Rui de Almeida Barbosa. Luso Ventura é também o diretor-redator chefe do «Correio Popular» de Campinas, um dos mais importantes órgãos do interior paulista.

◆ VISITA. O general Porfírio da Paz, governador em exercício, visitou as Indústrias «Leonam». Nesta oportunidade S. Exa. foi saudado pelo sr. Mancel Am-

brósio Filho, idealizador da máquina de costura Leonam.

◆ BORBOLETA. O poeta Guilherme de Almeida está usando gravata borboleta. Dizem que êle anda inspiradíssimo e que em breve lançará novo (e bem sucedido) livro. Esperemos.

◆ RESTABELECIDO. O industrial e político paulista sr. Juvenal Chede, um dos baluartes da campanha juscelinista, já se acha em atividade. Juvenal Chede, como se sabe, é diretor da FIESP e aluno da Escola Superior de Guerra. Como elemento da referida FIESP, Chede estava cursando a Escola Superior de Guerra quando, há cerca de dois meses, enfermou.

◆ PERIQUITO. O deputado Luís Carlos Pujol recebeu (de presente) um periquito australiano. Quem o ofertou foi o sr. Waibo Chama, que por sua vez o pegou em arapuca armada nos terrenos do sr. Nagib Malluf. Comentando o «pedigree» do referido periquito, disse o deputado Furlan: «Como pode ser australiano um periquito pegado em arapuca aqui no Brasil?» Mas logo veio a resposta: O bichinho não é da Austrália. «Australiano» é o nome que lhe deram.

◆ MINIMO. O salário mínimo continua a preocupar São Paulo. Já se sabe que não passará de 3.800 cruzeiros, o que já é um consolo. Mesmo assim muitas indústrias passarão mal.

◆ COMETA. A empresa de ônibus Viação Cometa S/A, que tem como superintendente o dinâmico Tito

Mascioli, acaba de receber da Academia de Letras do Distrito Federal o diploma de «grande eficiência». Isto se deve ao fato de, em recente excursão, terem os membros dessa Casa de cultura se utilizado de um dos veículos da referida empresa, oportunidade em que puderam mais de perto conhecer seus serviços. Os acadêmicos viajaram incógnitos, sem o prévio conhecimento da companhia.

◆ BATENDO BIELA. O sr. Aloísio Sobral Teles, velho amigo do tempo em que não tínhamos dinheiro para o catêzinho, anda bem de vida. Tão bem que há dias foi visto dirigindo o seu possante (e caríssimo) PONTIAC catalina, carro de custo superior a um milhão. Aloísio é alto funcionário federal e encontra-se lotado em São Paulo. Nunca foi um portento (estudamos juntos) mas foi sempre ligeiro...

◆ IMPEACHMENT. Todas as classes de São Paulo estão contra a manobra que visa alijar o governador de Santa Catarina de seu posto. O sr. Jorge Lacerda já obteve o pronunciamento das mais expressivas figuras do Estado bandeirante em favor de sua causa.

◆ CAFÉ. O deputado João Pacheco e Chavez foi escolhido pela bancada paulista do PSD como o homem para os negócios do café. Do bolso do colete de S. Exa. é que sairá o futuro presidente do IBC.

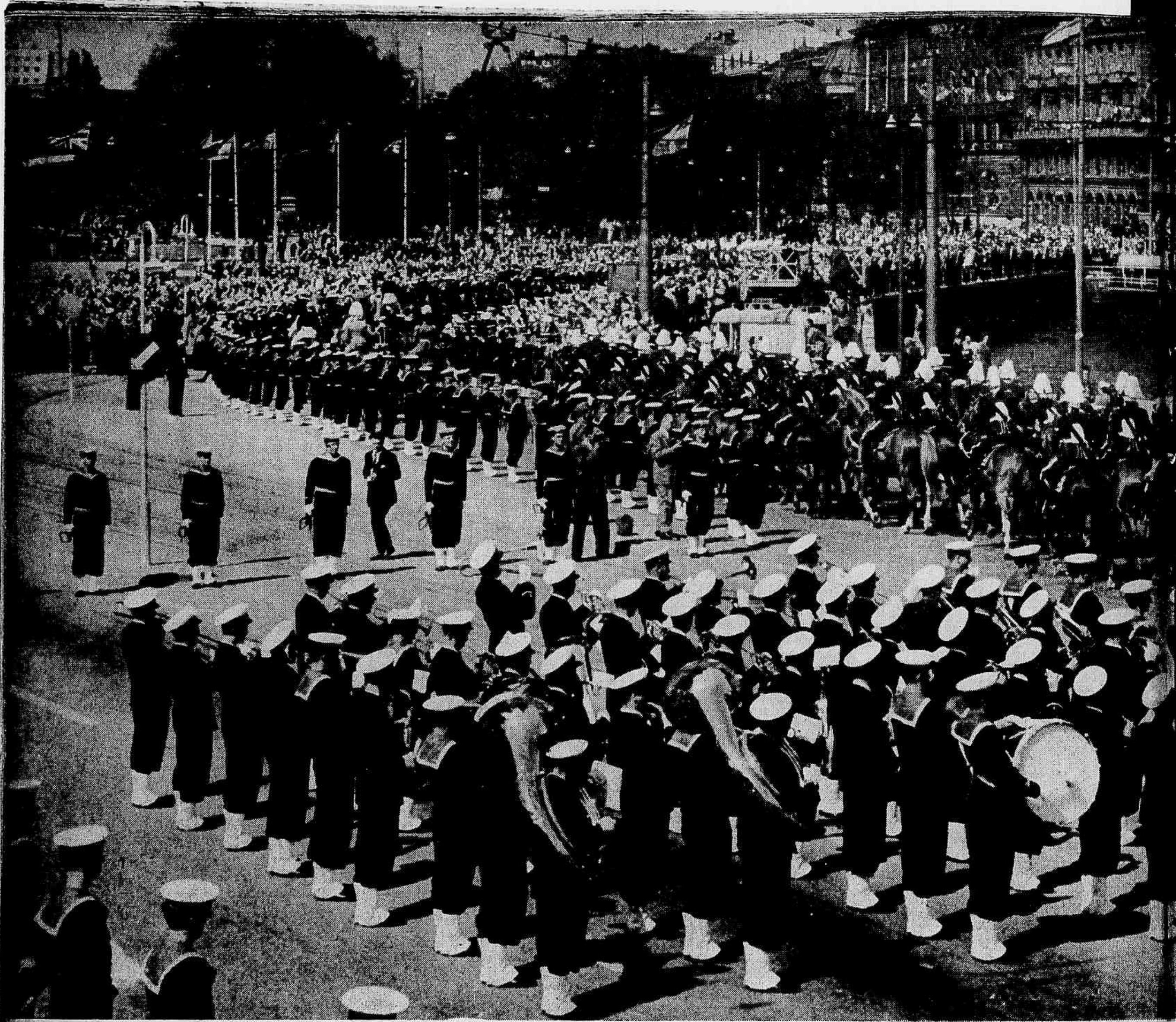
◆ ONU. Volta-se a falar na ida do professor Canuto Mendes de Almeida para a Organização das Nações Unidas, velha aspiração do professor e antiga promessa de Kubitschek.

S. Majestade Elizabeth II ao desembarcar em Estocolmo percorre as ruas da cidade em companhia do soberano sueco, enquanto as tropas militares apresentam armas. Preparativos de grande gala foram adotados pelo governo sueco para maior pompa da recepção à soberana.

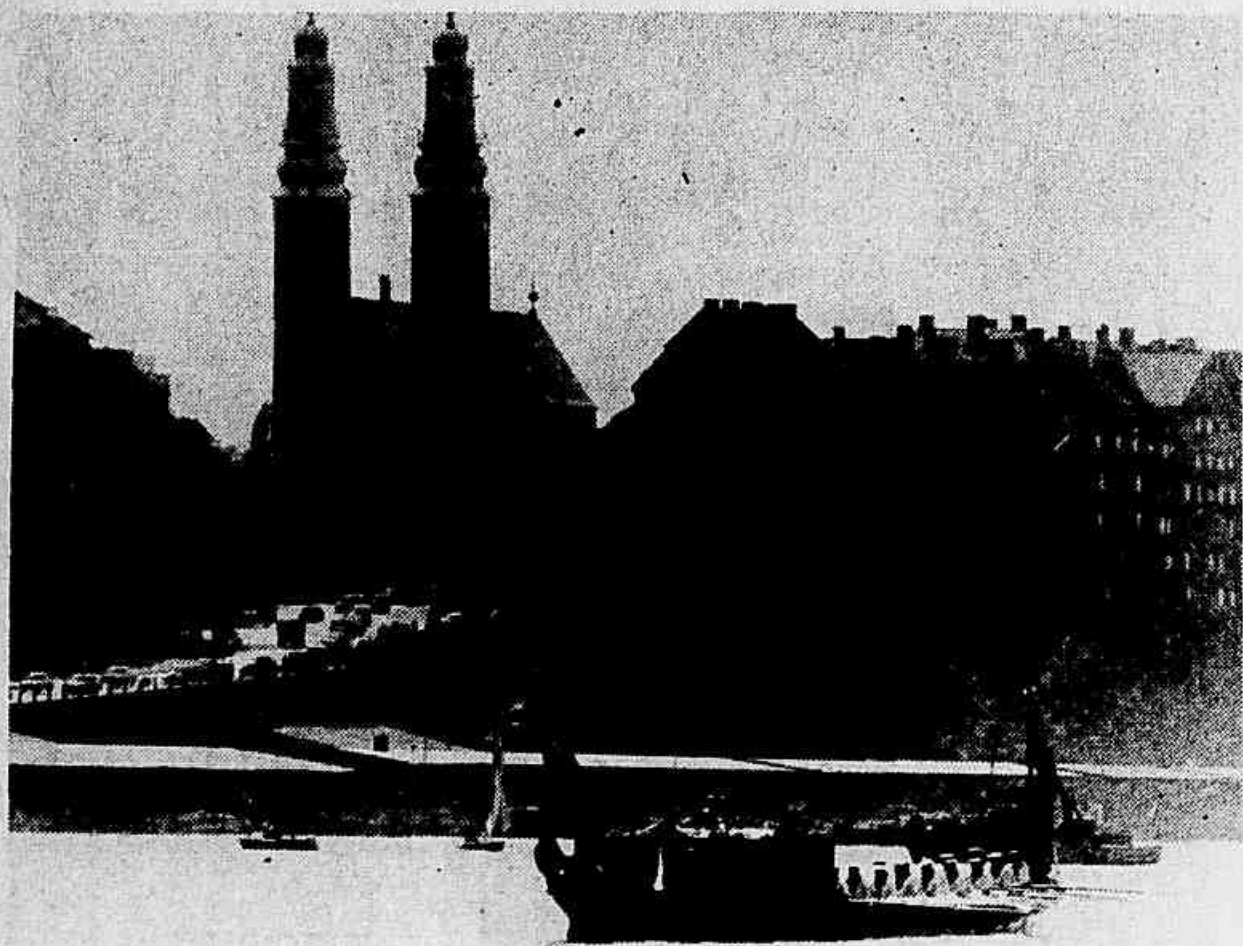


ENCONTRAM-SE OS SOBERANOS

E O POVO SUECO RECEBE EM CALOROSAS MANIFESTAÇÕES DE ENTUSIASMO, A RAINHA DA GRÃ-BRETANHA. OLIMPIADAS EQÜESTRES, PRETEXTO PARA A VISITA E UM POUCO DE PROTOCOLO QUE NÃO FAZ MAL A NINGUÉM...



Foi um dia de festa o da chegada de Elizabeth a Estocolmo. O povo saiu para as ruas ávido de render homenagem a simpática rainha. — Vista panorâmica (em cima) do desembarque; o povo aglomerado (à direita), não esconde a sua enorme alegria, e o escalor em que desembarcou a



OS jornais deram relatos telegráficos pormenorizados da recente viagem, agora em junho, empreendida pela rainha Elizabeth II, à Suécia, para assistir às provas de Olimpíadas Equestres. Sabe-se que uma das características desse irrepreensível povo, consiste em manter-se controlado dentro da mais rigorosa pragmática, ainda quando prevaleçam razões de monta para transbordamento de entusiasmo. Correto e compenetrado como um cidadão sueco... só um cidadão britânico. Pois com a presença da soberana britânica, o protocolo espontâneo do povo foi quebrado, e o que se viu, em Estocolmo, a gra-

ve e circunspecta Estocolmo de todos os dias, foi para os observadores, algo de espantoso: o povo foi para as ruas saudar a rainha e acabou por deixar envolver-se pela onda de entusiasmo mais tropical que se poderia admitir. O rei Gustavo bem que havia prevenido a sua real hóspede, de que em Estocolmo, «um pouco de protocolo nunca fazia mal a ninguém»... E a realidade foi outra: Contam os cronistas suecos que depois das manifestações ruidosas de que foi cenário o centro de Estocolmo, foi Elizabeth quem disse ao seu real anfitrião:

— Pelo que vejo, as normas pro-

ENCONTRAM-SE OS SOBERANOS



jovem rainha inglesa (em baixo)
se atraiu ao cais da capital sueca.

tecelares são por demais... elásticas, neste esplêndido país!

E assim, entre a mais fidalga troca de amabilidades, transcorreu a visita da soberana inglesa aos domínios suecos. Dela nos dá uma pálida idéia a reportagem fotográfica inserta nestas páginas. Sabe-se que os resultados práticos dessa viagem, muito rápida mas eficiente, foram inúmeros. Conta o Suécia, a partir de agora, com as simpatias mais fundas, não só do governo em caráter oficial, mas — e principalmente — da rainha em caráter pessoal.





«Hamlet» lança em Sérgio Cardoso o homem de teatro completo — empresário, encenador e intérprete clássico.

POR QUE DIRIGI “HAMLET”?

SÉRGIO CARDOSO, QUE VEM DE REAPARECER EM SÃO PAULO COM UMA COMPANHIA PRÓPRIA E EM UM TEATRO POR ELE READAPTADO — O BELA VISTA — RESPONDE A PERGUNTAS DE INTERESSE GERAL

Por SÉRGIO CARDOSO

(Diretor e intérprete de «Hamlet», no Teatro Bela Vista de São Paulo)

A INAUGURAÇÃO do Teatro Bela Vista foi o fato mais importante da carreira de Nydia e da minha, porque, qualquer que tenha sido o mérito da estréia de «Hamlet», ela resultou em ter-se dado uma ótima casa de espetáculos a São Paulo. Um novo teatro é ainda mais importante que o lançamento de um autor, encenador ou cenógrafo, porque este pode fazer-se em qualquer tempo, enquanto uma construção ou mesmo a adaptação depende de muitos fatores. A realização de «Hamlet» significou uma tomada de contas comigo mesmo, depois de 8 anos ininterruptos de trabalho. Pus em prática o que aprendi com todos que me diriram, ten-

tando, senão uma prova definitiva, ao menos uma súpula do meu aprendizado.

A Empresa Bela Vista e a companhia são independentes, ou melhor, interdependentes. O teatro está nas mãos da empresa, mas não totalmente, porque por delegação minha. Por outro lado, o teatro está nas minhas mãos com o aval da empresa. A Companhia Nydia Lícia-Sérgio Cardoso é o inquilino preferencial do teatro por temporadas de 2 anos, com intervalos de 6 meses, durante 20 anos. Nada impede, porém, que façamos outros ajustes. Sobre os

problemas financeiros, tenho a declarar: o capital da empresa é de 5 milhões de cruzeiros, já quase totalmente subscritos. A companhia teve diversos patrocinadores, à frente dos quais está o editor José Olímpio. O caso foi assim:

Quando Antônio Callado publicou «A cidade assassinada», quis encenar a peça, mas ponderei que era muito dispendiosa necessitando de um produtor. Antônio Callado prometeu conseguir um. Quando precisei de enfrentar a batalha do capital para o elenco, já havia recorrido a muitos amigos, para subscreverem as ações da empresa, e o sistema de sócios já estava gasto. Pensei no apoio de um «mecenas».



Berta Femel como Ofélia e Emanuele Corinaldi como Polônio. Os ensaios de «Hamlet» consumiram quatro intensivos meses, de fevereiro a maio.



Carlos Zara (Rei Cláudio) e Nydia Lícia (Rainha Gertrudes). Nydia e Sérgio marcaram o fato mais auspicioso de suas carreiras com essa estréia.

e me lembrei da promessa de Antônio Callado. Ele me aproximou de José Olímpio, pessoa boníssima e muito acessível. Ao invés de tornar-se o produtor de «A cidade assassinada», José Olímpio aceitou o encargo de patrocinar a própria companhia. Valeu-se ele também, em virtude dos pesados ônus, de um grupo de amigos: Irene Giorgi, Otto Meimberg, Armando Ribeiro, Oswaldo Scatena, comendador Bonfigliani, Antônio Olavo Pereira e Eugênio Santos Neves. O capital do elenco é de 1 milhão de cruzeiros. Entre as pessoas que colaboraram efetivamente para que o teatro pudesse ser inaugurado, desejo citar os incorporadores Otto Meimberg e Capote Valente, e os 3 proprietários do edifício, Antônio de Fuccio, Luiz Raia e João Fattore, além de todos os acionistas, que depositaram em nós sua confiança.

Quanto ao repertório da companhia, há diversos critérios para sua escolha. Vai-se do ecletismo a um programa exclusivista, escondendo ambas as tendências, a meu ver, falta de orientação. Outro critério valoriza os quadros ortodoxos ou acadêmicos, baseados na história do teatro. Procura-se uma tragédia grega, uma peça medieval, e assim por diante. Barrault anunciou um critério mais original, o da curva dramática, segundo o qual a peça em cena justificaria a próxima, e seria justificado pela anterior. Mas o próprio Barrault abandonou, ultimamente, esse critério. Sendo a nossa uma companhia de jovens, há 4 gêneros de peças cuja encenação devemos realizar a contento: as clássicas, as modernas, as comerciais e as brasileiras. O repertório clássico e o moderno dignificam uma companhia, o comercial a sustenta e o brasileiro justifica a sua existência. Do repertório clássico, pretendemos apresentar, além de «Hamlet», o «Tartufo» de Molière, o «Don Juan» de Zorrilla, «A Castro» de Antônio Ferreira; do repertório moderno, «A larsa no castelo», de Molnar, «Sua alteza e o groom» de Alfred Savoir, antes de um Bernard Shaw, um Anouilh e o «Henrique IV» de Pirandello, mais delíceis. Do repertório comercial vamos interpretar «O cabeleireiro de senhoras», de Roger Ferdinand e «A noite tudo encobre», de Emilin Williams. As peças brasileiras serão escolhidas com a assistência de um conselho permanente de leitura formado por Alfredo Mesquita, Clóvis Garcia, Décio de Almeida Prado, Ruggero Jacobbi e Sábato Magaldi.

Perguntam-me por que dirigi «Hamlet» e a resposta é esta: Tendo estreado no teatro há 8 anos com «Hamlet», a peça continuou comigo em permanente elaboração e me fixei numa linha que, se fôsse mudada, tudo o mais mudaria no espetáculo. Para que tivesse ao menos 90% de afinidade comigo. Aquêles com quem conversei seriamente tinham outra concepção da tragédia. Aliás, na Bela Vista, só encenarei peças das quais tenha uma visão muito nítida, como no caso de «Hamlet».

Quanto à preparação do espetáculo, comecei por corrigir a dicção dos atores. Os primeiros ensaios foram quase unicamente dedicados a essa tarefa. Tendo a concepção de cada personagem, procurei transmiti-la aos intérpretes, sem impor propriamente a minha linha, o que seria perigoso, porque também sou ator. Sinto que o elenco progrediu. Quanto às tarefas às quais me dediquei, posso citar a revisão de toda a parte dos acessórios e a execução de alguns, como os cintos usados em cena. Como tenho uma certa habilidade manual, usei-a como derivativo, para conceder-me um pouco de descanso.

Para concluir e em aditamento às palavras de Sérgio Cardoso, podemos dizer, a título de curiosidade, que ele conseguiu revelar um elenco jovem e de grande mérito. O elemento mais idoso é Sérgio Cardoso, que tem 31 anos, enquanto o mais jovem, a quem foi atribuído o papel do velho Polônio, é Emanuele Corinaldi, que acaba de completar 21 anos.

A famosa cena das medalhas, vivida por Nydia (Rainha Gertrudes) e Sérgio (Hamlet), na tragédia shakespeariana.





200

das 4,30

às 24,00 hrs.

cada 8 minutos

VIAGENS POR DIA

Onibus diretos para SÃO VICENTE e PONTA DA PRAIA

AGÊNCIAS

SÃO PAULO

Av. Ipiranga, 885 - Fone: 34-1395

Parque D. Pedro II, 1.092 - Fones: 32-8733 e 34-5393

Rua Senador Queirós, 85 - Fones: 34-2399 e 36-6402

Rua Tabatinguera, 37 - Fone 33-3326

SANTOS

Pça. Barão de Rio Branco, 62 - Fone 1314 (S. Vicente)

Av. Presidente Wilson, 186 - Fone 4-4090 (José Menino)

Pça. Independência, 11 - Fone 4-3426 (Gonzaga)

Pça. Mauá, 11 - Fones 2-2299 e 2-8777 (Cidade)

Av. Conselheiro Nebias, 841 - Fone 4-5788 (Boqueirão)



VÁ PELO MELHOR!



**EXPRESSO
BRASILEIRO**

VIAÇÃO Ltda.

AZASO - EB-2

MÚSICA

BOLIVAR COSTA

Firkusny no Municipal

◆ Personalidade, expressão, exuberância de técnica e firmeza emocional são os fatores que fazem de Rudolf Firkusny um pianista de primeira linha, de grande estilo — um autêntico clássico da pianística contemporânea. Sua conduta externa, quer com relação ao instrumento, quer com relação ao público, se chegasse a merecer reparos seria antes pela desmedida modestia que por um exagero de qualquer outra natureza. Mas como o valor intrínseco é o valor apreensível por excelência, tudo o mais em Firkusny resultaria sem sentido.

A «Tocada em dó menor» de Bach foi apresentada com amplitude e profundidade, sem rebuscamento excessivo, sem equacionamento de tonalidade, perfeita em seus mínimos detalhes: sutileza e versatilidade salientaram a sua sonoridade, que é marcante, e a sua estrutura, que é, indiscutivelmente, uma das mais complexas do repertório «bachiano».

Nos dois improvisos de Franz Schubert (opus 142, em fá menor e opus 90, em lá bemol maior) foram o brilho e a expressividade que deram a nota dominante à execução. Novamente o poder de evidenciar detalhes ressurge, e agora com mais intensidade do que na anterior. Com sua peculiar psicologia de interpretação, naturalmente aliada a um profundo conhecimento técnico, Rudolf Firkusny parece querer reconstruir a grandeza da totalidade de qualquer obra através de uma visível elaboração do pormenor.

A belíssima «Sonata, op. 58, em si menor» recebeu de Firkusny a compreensão emocional — fator de grande importância na interpretação de Chopin. Seriedade emotiva, sem descair para o pieguismo rotundo e vulgar tão característico em certos pretensos «pianistas chopinianos», foi o que sentimos na execução da peça.

Já em Bella Bartok (Sonata), a impressão deixada não correspondeu ao que se podia esperar. É que a distorção da temática folclórica num sentido demasiado profundo, causa, nesta obra, um certo mal estar.

A «Dança Negra» de Camargo Guarnieri teve uma interpretação sob todos os aspectos satisfatória: ritmo forte, realismo e convicção.

Por último, tivemos as «3 Danças Tchecas», em cuja recriação Firkusny demonstrou um «virtuosismo» raro. O justificado entusiasmo do público forçou o recitalista a voltar cinco vezes ao piano. O sucesso foi integral. De parabéns as diretorias da ABC e PRO-ARTE, pela capacidade de entendimento e espírito seletivo.



● NO AUDITÓRIO do Ministério da Educação foi realizada uma Noite de Poesia e Música, comemorando a recente outorga do Prêmio José Maurício ao ilustre professor Murilo de Carvalho, que se encontra atualmente enfermo, convalescendo de grave enfermidade. Tomaram parte os poetas Manuel Bandeira, Alvaro Moreira e Olegário Mariano, o soprano Alice Ribeiro, o mezzo-soprano Valdez Silva Ramos e o baixo Alexandre Trik, os últimos, alunos do Murilo de Carvalho, sendo que Valdez e Alexandre se classificaram respectivamente em primeiro e segundo lugar nas provas de canto do recente concurso Rádio Ministério da Educação. Na foto, o professor Murilo de Carvalho, quando em sua residência recebia a comunicação de que lhe fora outorgado o prêmio, aparecendo ainda Manuel Bandeira, Andrade Murici, Alvaro Moreira e senhora e Maciel Pinheiro.

QUE É UM EPISCOPAL?

Por W. NORMAN PITTENGER

Professor de Apologética Cristã no «General Theological Seminary».

Especial para a REVISTA DA SEMANA — Copyright United Press



W. Norman Pittenger

◆ Um Episcopal é um membro da Igreja Protestante Episcopal, que é um ramo da Comunidade Anglicana. É um membro de um grupo religioso que se espalha hoje em dia pelo mundo, e que conta com cerca de quarenta milhões de fiéis.

Existem Igrejas Episcopais em todas as partes do mundo, porém a da Inglaterra é a matriz. Muitas de nossas Igrejas são autônomas, como por exemplo a japonesa (chamada de «Santa Igreja Católica no Japão») ou a canadense. Todas utilizam o «Livro da Oração Comum». Todas estão em contacto com o Arcebispo de Canterbury. Todas têm por chefes e pastores Bispos.

A Igreja Episcopal é católica ou protestante?

De certo modo, é, ao mesmo tempo, católica e protestante. Por isso há quem a chame de «a Igreja ponte».

A Igreja Episcopal aceita os antigos credos católicos, e professa seus sacramentos; e essa era a intenção dos reformadores protestantes do século dezesseis. Por outro lado, é uma «Igreja reformada», porque durante aquele século, a autoridade do Bispo de Roma — ou Papa —, foi posta em cheque, e muitas modificações foram introduzidas no culto e na doutrina. Em nenhuma ocasião, contudo, os primitivos reformistas ingleses quiseram denegar a «Verdade Católica».

A denominação usual da Igreja na América do Norte, «Igreja Protestante Episcopal», foi adotada quando a palavra «Protestante» queria significar tudo o que não fosse «papal» ou «romano».

Em relação ao Catolicismo Romano, qual a posição da Igreja Episcopal?

Presentemente, a Igreja Episcopal não tem uma posição oficial com relação ao assunto. Acredita ela que a Comunidade Anglicana possui todas as características essenciais do Catolicismo Histórico, tal como a fé apostólica e mais os sacramentos e o clero. Muitos Episcopais, porém, não se podem furtar a críticas que dizem respeito a excessiva centralização de poder nas mãos do Bispo de Roma, bem como a certa tirania exercida sobre a Igreja Católica Romana, como sejam a supressão da liberdade intelectual e da própria liberdade de crítica.

Foi Henrique VIII quem fundou a Igreja Episcopal?

Não. Foi sob o seu reino que a autoridade do Bispo de Roma foi abalada, na Inglaterra; foi um período de agitação e protesto contra as inúmeras usurpações de autoridades cometidas pelos Papas romanos. O pretexto para o rompimento, como todos sabem, foi um divórcio pretendido por Henrique VIII, e negado pelo Papa. Sentindo-se ultrajado, o rei proclamou a separação da Igreja britânica da Romana, sob o nome de «Igreja da Inglaterra».

Quais são os credos básicos dos Episcopais?

Tais credos estão contidos no Ato dos Apóstolos e no de Niceno.

O Ato dos Apóstolos é a antiga fórmula de batismo. É assim utilizada, nos serviços religiosos Episcopais:

«Creio em Deus, Pai Todo Poderoso, Criador de Céu e Terra; e em Jesus Cristo seu único Filho e Senhor Nosso; o Qual foi concebido do Espírito Santo e Nasceu de Maria Virgem; Sofreu sob Pontius Pilatus, foi crucificado, morto e sepultado; Desceu aos infernos; no Terceiro dia ressurgiu dos mortos; ascendeu aos céus; e sentou-se ao lado direito de Deus Pai todo Poderoso, de onde voltará para julgar vivos e mortos.

«Creio no Espírito Santo; na Santa Igreja Católica; na Comunhão dos Santos; no Indulto dos Pecados; na Ressurreição; e na Vida Eterna. Amen».

O Ato de Niceno, usado no serviço da Santa Comunhão, é uma fórmula que engloba igualmente (como o Ato dos Apóstolos, com o qual, em suma, se identifica) toda a fé cristã. Um e outro estatuem os pontos principais da fé, tal como preconizada por Cristo, em forma pictórica e solene. Muitas de tais frases são claramente simbólicas. Assim, por exemplo, «sentado ao lado direito de Deus Pai», não pode ser tomado em seu sentido lato. Outras são alusões históricas, como «nascido»,

«crucificado», «morto», «sepultado», «ressurgido». Diversas outras frases são, afinal, baseadas na antiga liturgia judaica, e contêm um fundo filosófico que é a tradição daquele velho povo.

Que pensam os Episcopais sobre Cristo?

Eles acreditam que Jesus é «verdadeiramente Deus e Homem, em uma só pessoa», para a salvação da Humanidade. Há vários modos de interpretar e de entender tal doutrina, que é contudo básica e imodificável, no credo Episcopal.

Qual o ponto de vista da Igreja Episcopal com relação à Virgem Maria?

Os credos e a liturgia da Igreja Episcopal mantêm a fé tradicional de que Jesus nasceu de Maria sem possuir um pai humano. Não há oposição, na Igreja Episcopal, do ponto de vista teológico, ao nascimento de Jesus de uma viagem. O que porém existiu sempre, existe e existirá, é oposição do ponto de vista biológico. Muitos Episcopais por isso aceitam o fato como verdade integral; outros, porém, como símbolo, apenas.

De resto, dentro da Igreja podem caber os dois tipos de concepção do nascimento de Jesus, desde que todos os fiéis Episcopais aceitem a Encarnação. Essa é uma verdade básica de nossa fé — a verdadeira divindade e humanidade de Cristo.

E quanto à Santíssima Trindade?

A Trindade é o ensinamento cristão quanto a Deus. A luz da experiência humana da ação divina no Universo, foram os Cristãos levados a admitir que Deus é tal como se revela. É um Poder Criador (Deus Pai), Mediador (Deus Filho) e Intelectivo (Deus Espírito Santo). Porém, existe um só Deus. E isso já é teologia. O que interessa realmente, no Livro da Oração Comum, com respeito à Trindade, é saber que os Episcopais rendem culto a Deus e O conhecem sob uma fórmula «trinitária».

Praticam os Episcopais as confissões individuais?

Sim, pois no Livro de Oração Comum está dito que aquele que se confessar a um padre e for por ele absolvido sê-lo-á pelo próprio Deus. Todavia, não é obrigatória a confissão, mas opcional. E nisto reside a diferença entre a comissão Episcopal e a católica romana.

Muitos Episcopais utilizam a confissão, frequentemente. Outros, porém, não querem fazer uma confissão privada, preferindo as públicas, que são levadas a efeito nos serviços gerais da Igreja.

Como encaram os Episcopais a Bíblia?

Para eles, a Sagrada Escritura é a fonte de onde emana toda a doutrina cristã. Nada é essencial à Salvação Eterna que não esteja contido na Bíblia. Porém, os Episcopais não aceitam «ipsis literis» o que está na Bíblia. Para eles, a Bíblia é um livro de inspiração sagrada, um livro revelado por Deus. Mas mantêm um balanço entre o Evangelho e a tradição, de um lado, e de outro, a Razão. A liberdade de investigação, as verdades científicas e a restauração de certas verdades são possíveis, sem que violentas controvérsias venham a ser geradas.

A Igreja Episcopal aceita a teoria evolucionista para explicar a origem do Homem na terra, tão bem como novas descobertas, que de modo algum afetam as verdades básicas de nossa fé. E, quer no que se refere à liberdade de investigação quer no que diz respeito à interpretação bíblica, a Igreja Episcopal adotou uma conduta que lhe tem valido, por vezes, a denominação de «liberal», e até de «modernista».

Que é o Livro da Oração Comum?

Ao tempo da Reforma na Inglaterra, os velhos livros de reza foram vertidos para o inglês. Muitos serviços foram traduzidos na íntegra e assim editados. Outros, porém, foram simplificados. Daí resultou o Livro da Oração Comum, «Book of Common Prayer», editado em 1549.

Todos os livros de orações posteriores, incluídos os atualmente editados na América do Norte, são reedições do primitivo livro de 1549, cuja linguagem bela, simples e solene é inimitável. Os serviços regulares, como a Sagrada Comunhão, a Oração da Manhã, e a da Noite, são tomadas ao Livro da Oração Comum.

Acham os Episcopais que uma forma determinada de culto, com partes destinadas ao sacerdote e partes ao povo destinadas, é a melhor maneira de se adorar a Deus. Revisões freqüentes da liturgia são feitas, a fim de ser ela adaptada ao espírito dos tempos. A medula do culto, porém, não muda jamais. Aliás, o culto da Igreja Episcopal não é rígido. Há inúmeras variações no próprio Livro da Oração Comum. As orações especiais (ou «Coletas»), e as diferentes leituras da Bíblia permitem uma considerável variedade de culto, para cada domingo e para cada dia santificado.

(Continua no próximo número)



CINE-ROMANCE

O REI VAGABUNDO

P

OR volta de 1481, aproximadamente, metade do reino da França tinha sido submetido pelos soldados do arrogante, ambicioso e valente Carlos, Duque de Borgúndia, e por seus aliados, a nobreza revoltada contra as taxas que Luís XI lhe havia imposto. Estavam

a ponto de sair Paris, depor o soberano e, em seu lugar, no trono, colocar justamente o duque. Havia porém dois reis, em Paris, por aquela época: um, o legítimo, no Palácio; e François Villon, o Rei dos Vagabundos, o maior poeta, espadachim e ladrão do reino inteiro.

Por causa de seus inúmeros arranhões à lei, Villon era um homem condenado à morte. Mas, como ninguém conseguia localizá-lo ao certo, na França misteriosa do século XV, e como os humildes membros do povo não o denunciariam por nada deste mundo, de vez que o poeta era seu ídolo e protetor, Villon continuava solto, entregue à sua habitual vida boêmia e desregrada. Louro, de olhos azuis, o poeta tinha um sorriso cativante — razão pela qual as mulheres que freqüentavam a Taverna da Risonha Margarida o adoravam, acima de qualquer outro vagabundo da roda... De todas essas mulheres, porém, Huguette, jovem de cabelos negros e de olhos e lábios tentadores, era a que mais amava o poeta, e era justamente em busca de Huguette, e ansiando por vê-la, que aquela noite, no interior de uma pipa de vinho, e acompanhado por seus amigos Colin e Jacques, François Villon retornava a Paris, cidade que o condenara à morte já mais de uma vez.

Assim atravessaram as pontes da cidade, saltaram os três do incômodo veículo, agradecendo ao mercador que os conduzia. Villon aproveitou-se de um grupo de burgueses, que efetuava suas compras na praça de uma igreja, para rapidamente desaparecer no meio da mul-

tição, assim evitando o perigo das patrulhas reais.

Paris, como já dissemos, estava ameaçado de sítio, e por isso Luís XI determinara rigorosas medidas de racionamento. Todos os alimentos deviam ser encaminhados, sem tardança, para os grandes depósitos da cidade, onde seriam avaliados e só depois distribuídos, de acordo com a necessidade da cidade. Um pão dos grandes seria, a partir de então, a ração alimentícia para uma família, segundo acabara de anunciar um heraldo real, debaixo de verdadeira onda de protestos do multidão, que gritava:

— Abaixo o rei Luís XI!

Como tantos outros membros do povo, Villon encarava o rei como um inatco qualquer, um bôbo alegre. Enganava-se, contudo: poucos soberanos foram, em seu tempo, tão argutos como Luís XI. Seu desejo era unificar a França em um reino poderoso, sob seu cetro, fortificando-a e tornando-a inexpugnável a seus inimigos. Graças, porém, a alguns maus ministros e conselheiros, parecia ser um rei ineficiente e incapaz, e assim o cantara certa vez, em versos deliciosos, François Villon. Versos que, de resto, se tinham transformado, na boca do povo, em uma espécie de hino contra o soberano.

Os soldados do rei, porém, ciosos de manter a ordem, irromperam raivosos, dispersando o multidão. Villon e seus amigos se esconderam então numa igreja das redondezas. O mestre-capela ocupava-se, no momento, em conduzir a parte musical de um ofício religioso. Do coro feminino faziam parte Catarina de Vauxcelles e Margarida. O próprio rei Luís XI fazia parte da congregação, e se encontrava no recinto, sem que o poeta o tivesse visto, de vez que, absorvido pela beleza das jovens, só para elas tivera olhares.

Villon vira Catarina certa vez, durante uma procissão, e sua beleza lhe inspirara o desejo de lhe dirigir, imediatamente, alguns versos, solicitando seu amor; Luís, que logo descobrira os olhares de François, passou a observá-lo com mais vagar. Catarina, por sua vez, ficara atraída por François Villon, desde o primeiro momento em que o ouvira cantar, com voz magnífica. Quando Catarina, acompanhada de Margarida, sua ama, encaminhou-se para a carruagem, assim que terminou o ofício, Villon não perdeu a ocasião de lhe dirigir a palavra. Observando-lhe as roupas em farrapos, a admiração no olhar e sobretudo as frases encantadoras e apaixonadas, Catarina perguntou por seu nome.

— Sou François Villon, respondeu o poeta, com um leve tom de orgulho na voz.

— Então, foi o senhor quem me enviou aquelas insolentes e rudes baladas, retrucou Catarina, súbitamente tornada fria e agressiva.

François replicou, humildemente:

— Rudes, talvez. Mas não insolentes. Que não é insolência cantar jamais a beleza.

Quase que no mesmo momento chegava Thibault, ajudante de ordens de Luís XI, e ardente admirador de Catarina. Olhando raivosamente para Villon, exclamou:

— Quem é este cão?

Catarina vacilou, quando Thibault que, montado a cavalo, dirigia o animal para cima de Villon, lançando-se por terra. Apressadamente, a jovem dirigiu-se para o seu carro, não sem antes atirar a François a pequenina Bíblia que tinha o seu retrato, e o seu nome, e da qual jamais se separara antes.

DA RISONHA MARGARIDA



KATHRYN Grayson e Oreste, o novo astro que surge, são os principais personagens de «O Rei Vagabundo», baseado na opereta de Friml, e de que apresentamos uma adaptação.

Luís, muito embora temeroso, por conhecer a extensão da própria impopularidade, gostava de, disfarçado em trajes comuns, visitar os locais mais humildes, a fim de ouvir, com os próprios ouvidos, a opinião que possuía o povo a seu respeito, e de seu governo. Aquela mesma noite, usando um manto andrajoso, e acompanhado por Tristan, seu escudeiro, compareceu o rei à Taberna da Risonha Margarida. Huguette estava cantando quando ambos chegaram. Imediatamente pediram o melhor vinho que a casa possuísse, e não foi com certo gesto de revolta mal contida que souberam, pelo taberneiro, que o mesmo tinha sido roubado das próprias adegas reais... Estavam eles a sorver o vinho e a apreciar as danças e namoricos dos populares, quando o poeta Villon e seus dois companheiros irromperam na sala. Tão logo o viu, Huguette correu a seu encaixo, recebendo-o efusivamente, com provas de amor irrefutáveis. Mas, como o abraçasse, sentiu, em seu bolso, algo assim como um pequenino volume. Pensando que fosse alguma lembrança trazida pelo amante para si, meteu a mão no bolso, e dele retirou a Bíblia contendo o retrato e o nome de Catarina.

— Posso ver, pelo teu olhar, que não me foste fiel — acusou-o ela. Quem é essa sirigaita Catarina de Vauxcelles?

Luís estremeceu ao ouvir o nome de uma das mais finas damas de sua corte.

— Você não a conhece. É uma dama.

A voz de François não tinha nenhum indicio de brincadeira. Huguette temeu que o amante já não a quisesse mais, pois sabia que, quando Villon desejava uma mulher, fosse ela uma rainha ou uma mendiga, ele a obtinha.

Havia outra visita inesperada, àquela noite, na Taberna da Risonha Margarida. Era Thibault. O próprio rei espantou-se ao vê-lo. Viera encontrar-se com certo René de Montigny, espião da corte de Burgúndia. Assumindo um ar de completa abstração, a fim de não chamar a atenção de quem quer que fosse, René passou para Thibault uma carta, que continha uma lista de todos aqueles residentes em Paris que tinham simpatias pela causa do Duque de Borgonha.

(Continua na página 58)

(THE VAGABOND KING) (Capítulo I)

ELENCO

Catarina de Vauxcelles.	Kathryn Grayson
François Villon	Oreste
Huguette	Rita Moreno
Tristan	Sir Cedric Gibbons
Rei Luís XI	Walter Hampden
Thibault	Leslie Nelsen
René	William Prince
Ferrebourg	Jack Lord
Jacques	Billy Wine
e outros.	

(Paramount)

Diretor — Michael Curtis
Baseado na Opereta de Rudolf Friml.

Cortesia de «PICTURE SHOW» & «FILM PICTORIAL»

PAUSA PARA BUSCAR ATRAÇÕES

FERNANDO LÔBO

● O Copacabana Palace está outra vez sem nos dar nenhuma atração. Desde o tempo do Caribé que aquela casa tem uns truques que ninguém descobre. Se um dia ganhávamos a alegria de ver anunciada a figura de Lucienne Delyle, ou de Jacqueline François, de Pual Pery, ou Yves Montand, de repente, mais que de repente um silêncio comia a casa, um mistério envolvia tudo e um esquecimento grande acompanhava os passos do homem noturno. Cronistas davam notas apressadas, sem pé nem cabeça, uma vez que recebiam informações imprecisas dos que o dirigiam, mesmo assim acordamos um dia com a beleza das "Blue Bells Girls" que muito embora num grupo reduzido nos mostraram a perfeição de seus bailados e a beleza de suas roupas e de seus rostos ingleses. Outra vez num cambaleio, outra vez num levantar com uma reprise de Jacqueline François, um embalo com duas cantoras norte-americanas, uma pianista e novamente férias. Um "show" de Carnaval foi montado. O "golden-room" do Copacabana lembrou velhos tempos e o som da bolinha das roletas. Caíram serpentinas, moças bonitas pisaram seu palco. Vimos tudo e aguardamos o que viria depois. Vieram as férias escolares. Férias para os empregados, cantores, músicos, garçons! Férias. Imaginem o maior hotel do mundo dando férias aos que colaboram a bem do seu serviço. Saiu Caribé. Pediu demissão e foi trabalhar com justeza noutro lugar. Oscar Orstein há muito que estava na reserva daquela vaga e entrou firme em campo e de saída anunciou logo Edith Piaff. Os de imprensa, bem como o público de todas as noites, ficaram com o olho de descrença. Diabo, a mulher já havia dado tanto bôlo que não seria essa vez que ela iria chegar. Mas Oscar foi buscá-la pelo braço e o Copacabana virou Copacabana outra vez. Noites bonitas, bem frequentadas e a beleza britânica daqueles "maitres" e garçons nos fazendo acreditar que o mais simpático hotel desse Brasil, conhecido no mundo inteiro, merecia o prestígio de que goza. De repente porém, sai a Piaff, entra uma americana que não marca pontos altos, em seguida canta Ester de Abreu e outra vez o Copacabana fica vazio de atrações! E sabe-se que Oscar foi correndo para a Europa "buscar atrações". Bolas! Será que um hotel que em todos os pontos, desde a copa até a cozinha é dos mais bem organizados do mundo, não soube ainda se organizar artisticamente? Será que a toda hora há de estar correndo um homem para a América, ou para a Europa, a pedir a alguém que venha ganhar dinheiro aqui? Será que um "programa do ano" não poderia ser bem traçado antes com os agentes norte-americanos e europeus? Ou será que o Copacabana não quer mais nada? Então feche as portas das suas duas "boites" e trate de servir apenas os seus bifes variados que por sinal ultimamente não andam nada bons.



ELISETE, SIM, NO «36»

Marcada para julho a estréia de Elisete Cardoso no «Clube 36». Muito se falou dos contratos de cantoras de rádio dentro da noite, afirmando-se mesmo que as estações de rádio não iriam mais permitir que elas cantassem em «ambientes pequenos e cheios de fumaça». Mas foi tudo balela. Carminha Mascarenhas tem enfrentado as madrugadas do «Sacha's» e agora também Elisete vai aparecer no «Clube 36». Paul François, porém, não se divorciará de Dorival Caymmi que enquanto descansa de sua temporada expõe os seus quadros no restaurante daquele clube. E nas horas em que Caymmi tiver vontade, ele cantará as suas canções.



TRIO IRAKITA — Venezuela. A moça bonita é Verônica Beck: «La Cremaillere».

VERÔNICA BECK, essa figura muito simpática das noites da «La Cremaillere» está agora longe do «Trio Irakita» que vai seguir para a Venezuela. Os rapazes que se exibiam com um sucesso dos diabos naquele restaurante, faziam com a moça vários números improvisados. Ela está agora sozinha, mas os três riograndenses do norte voltarão no próximo mês e reaparecerão naquele lugar.

ROTEIRINHO — a cidade com um bom restaurante outra vez: «Le Vendôme». Reabriu com atrações nacionais e estrangeiras. ★ No «Pe-

tit Club» vale provar a «Chicken In The Basket» e antes pode ser uns casquinhas de siri maravilhosos — Se ficar na cidade vá ao «Mesbla», mas leve dinheiro.



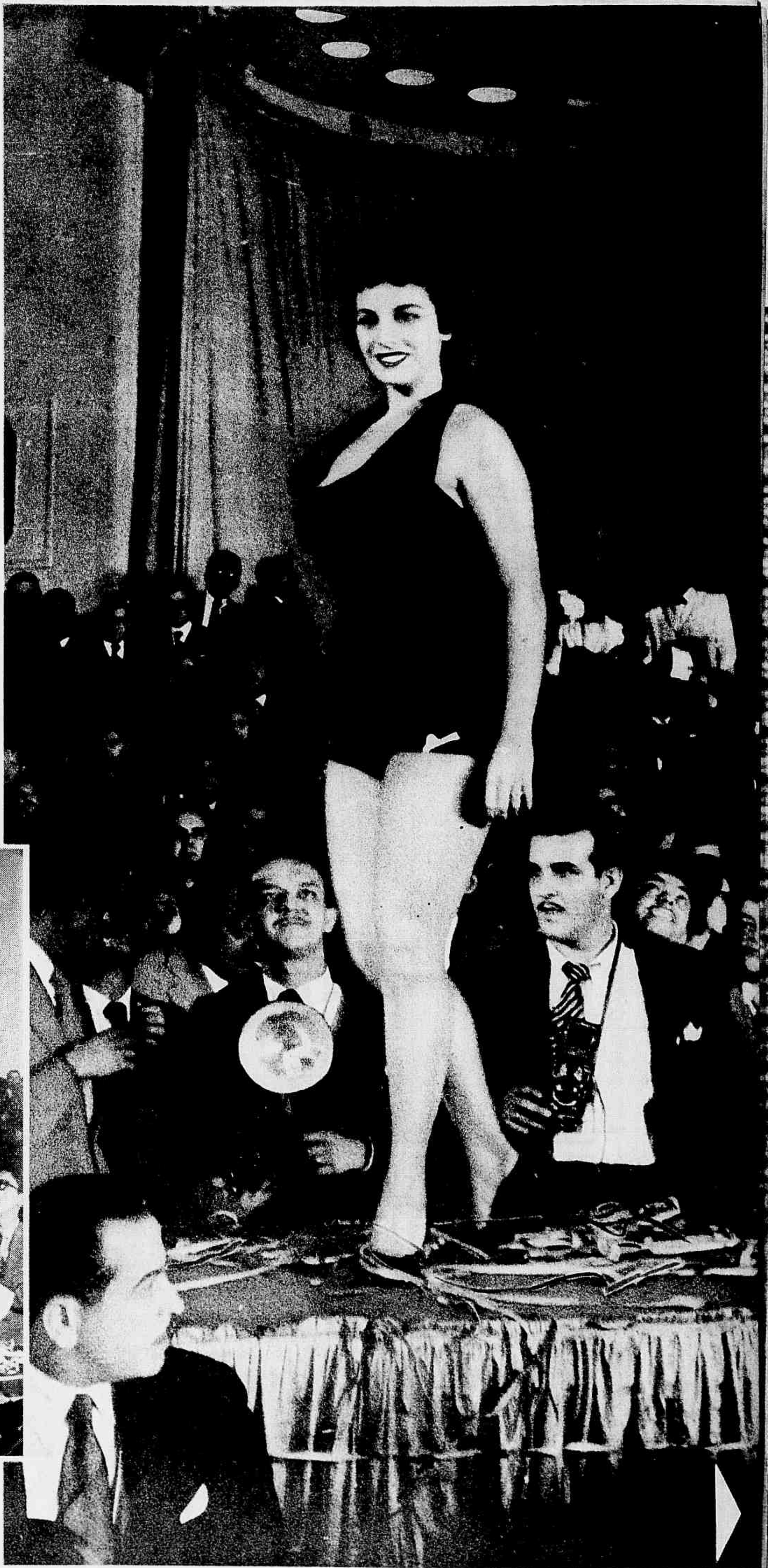
GENE DE MARCO — Era só uns instantinhos em Paris, mas em Paris ninguém fica pouco tempo.

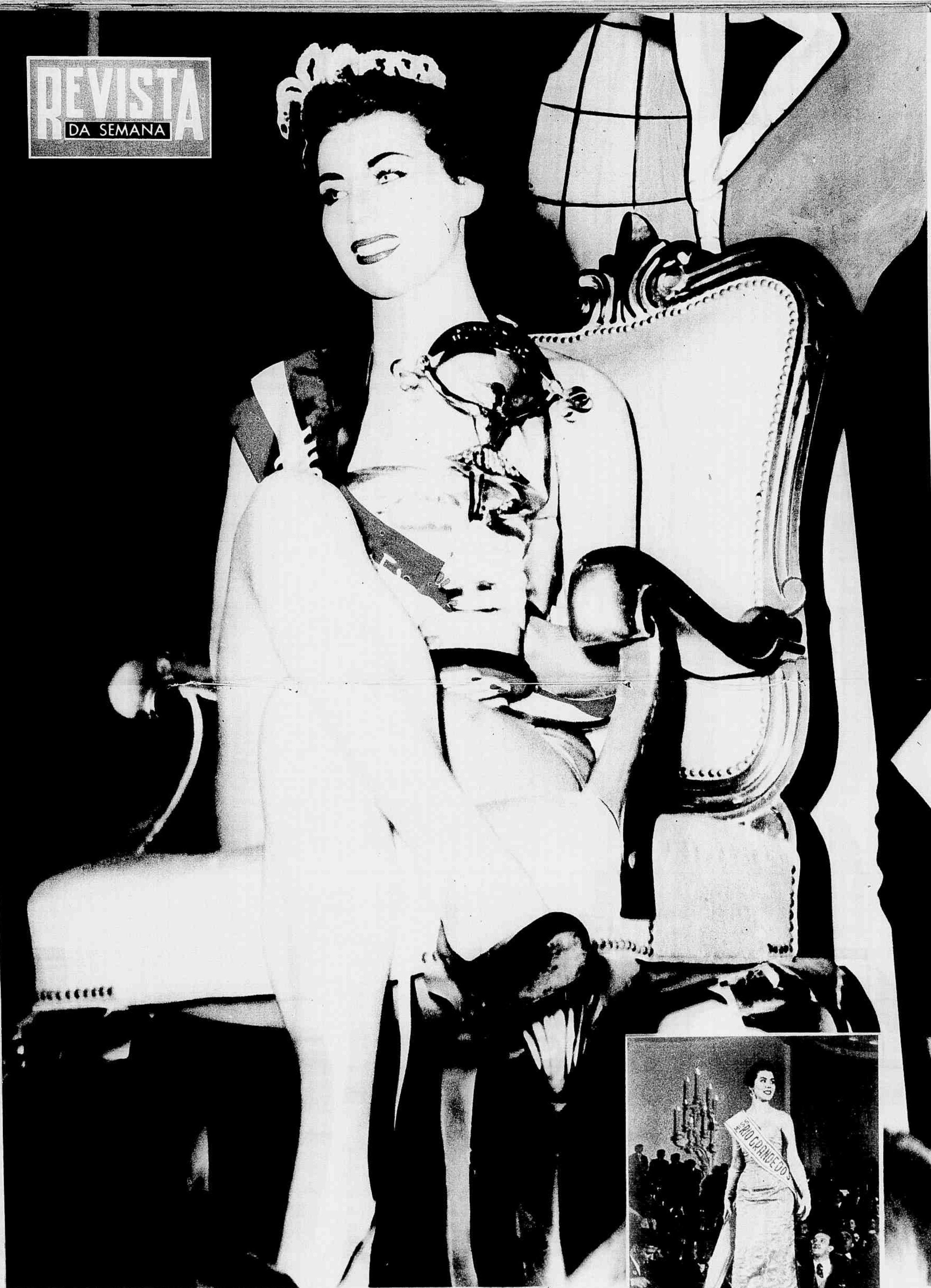
MARIA JOSÉ VENCEU: MAS CONVENCEU?

● MARIA JOSÉ Cardoso, Regina Maura Vieira e Lêda Brandão Rau, respectivamente Miss Rio Grande do Sul, Miss São Paulo e Miss Distrito Federal, foram as três primeiras classificadas no recente Concurso para a escolha de Miss Brasil, a mais bela jovem brasileira, que irá a Long Beach disputar, com as representantes de mais algumas dezenas de países, o título de Miss Universo — ao qual até hoje apenas uma brasileira, Iolanda Pereira, teve acesso. De maneiras diversas encarou o público a



REGINA MAURA VIEIRA, Miss São Paulo. Segunda classificada. Protestou em termos veementes contra a decisão do Júri. Dizem que foi um custo acalmar a representante paulista.





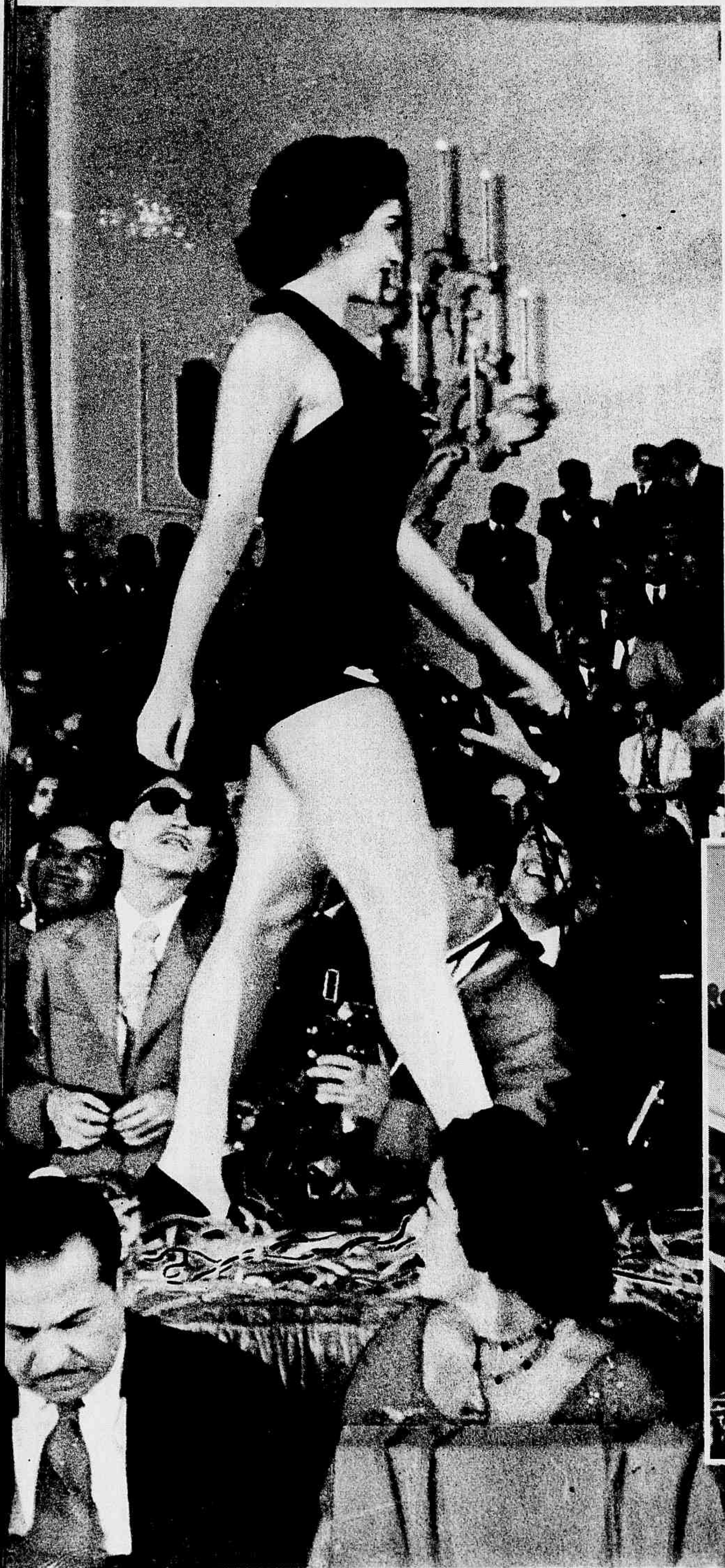
MISS BRASIL 1956

MARIA JOSÉ CARDOSO. Miss Brasil de 1956. Nascida em Santa Catarina, concorreu porém como representante de Rio Grande do Sul, onde reside. Estudante de Belas Artes, tem preparo e bastante. Quanto à beleza e à plástica, essas fotografias, tiradas por ocasião do desfile final, dizem melhor que palavras.



Miss Brasil

atuação dessas três jovens. Maria José, por exemplo, era tida como mais do que provável finalista, dadas a sua beleza e incontestável classe. A paulista Regina Maura também atraía, em Quitandinha, inúmeras atenções. Muitos a davam como franca favorita da competição. Era, porém, para a carioca Lêda Brandão Rau que a predileção de todos se inclinava. Questão de puro bairrismo? Não queremos crer. A jovem representante do Distrito Federal, indiscutivelmente, possuía (e possui) plástica admirável, um rosto gracioso, e tinha tudo, enfim, para vencer o prêmio. Veio o veredicto, e venceu Maria José. Inúmeras pessoas presentes não se conformaram com a decisão dos jurados, e passaram a vaiá-la. Não vaiaram Maria José, note-se bem: vaiaram a decisão do Júri. Como porém, Maria José era o centro do acontecimento, e para ela dirigiam-se todos os olhares, a bela gaúcha não pôde deixar de se sentir constrangida. Na hora, manteve a tranqüilidade. Encarou com superioridade a platéia hostil. Venceu-a. Dominou-a. Mas lá dentro, longe dos olhares da assistência, chorou abertamente. Inconsolavelmente. Agora, prepara-se para partir para os Estados Unidos. Comprou em São Paulo seu guarda-roupa completo. De certo modo, desprezou o Rio de Janeiro. Não tem razão. O Rio é amigo, levado pela emoção pode por vezes desagradar a alguém. Mas no dia seguinte, redime-se da falta e acolhe, de braços abertos, a ofendida da véspera.



LÊDA BRANDÃO RAU, Miss Distrito Federal, foi a terceira colocada. Era a grande favorita. Uma jovem de plástica admirável. Partindo de longínquo subúrbio, quase conquistava o Brasil.

RENOVAÇÃO

SPECTATOR

● Com frequência comentamos nesta seção a necessidade de constantes renovações na programação das nossas emissoras de TV, principalmente através da substituição dos programas que se estendem por longos meses e que, aos poucos vão decaindo de interesse junto ao público.

Nos últimos meses nota-se que essa preocupação de renovação de cartazes e inovação de programas tem atingido aos Canais 13 e 6 que, de semana em semana, oferecem aos espectadores novidades e programas bastante variados.

Outro mal de que sofriam as nossas emissoras de TV era o de não dosarem devidamente a sua programação durante todos os dias da semana. Por vezes, em uma mesma noite e no mesmo canal, o espectador era obrigado a assistir a um ou dois programas quase que seguidos, tratando do mesmo assunto e estes eram geralmente teatro e futebol. Havia também dias em que as atrações eram todas de grande importância e outros em que não interessavam absolutamente, pela falta de atração de que se revestiam. Atualmente, também esses pequenos senões vêm sendo remediados na medida do possível e o público, cada noite, tem uma atração de destaque a presenciar.

A TV-Rio anunciou para o mês de junho uma grande ofensiva e de fato a cumpriu, exibindo no vídeo grandes atrações como foram as estréias de Caubi Peixoto, Elizete Cardoso e a montagem dos ótimos "shows" de Carlos Machado.

Os telespectadores do Canal 6 não se viram prejudicados pois a emissora da Urca que de há muito vem cuidando com carinho dos seus lançamentos, continua dando ao público sempre bons espetáculos.

No momento, têm o maior destaque entre as atrações televisivadas aquelas feitas à base da concessão de grandes prêmios. A idéia foi lançada pela Tupi com a "Grande Pergunta", depois apareceu o "Boliche" animado por Lídia Matos e Murilo Neri e que despertou o maior interesse junto ao público. Heber de Bóscoli, pouco antes de morrer, havia lançado um programa do gênero dos que oferecem oportunidade para o alcance de ótimos brindes e "O céu é o limite", atração que já há algum tempo vinha alcançando grande sucesso na TV paulista, agora é ofe-



Lamartine Babo e Sílvio Caldas na estréia do programa «Museu de Cêra» que a TV-Rio apresenta agora todas as sextas-feiras às 22 horas.

recido também aos telespectadores cariocas que, dêsse modo, têm à sua disposição mais uma ocasião para jogar com a sorte através dos seus conhecimentos sobre os mais variados assuntos.

Nada é mais interessante do que essa atividade, criando junto ao público um ambiente cada vez maior de receptividade pelos assuntos televisivados. Em algumas noites da semana, os espectadores acham-se em dificuldades para assistir a dois bons programas que são exibidos ao mesmo tempo, nas diferentes emissoras.

O constante progresso apresentado pelas realizações feitas através da TV, tem sido notado por pessoas que fazem constantes viagens ao Rio, a cada nova visita à nossa cidade. Nada pode ser mais animador do que isso para os batalhadores dêsse setor de diversões públicas que, para levar avante a sua tarefa, têm que lutar contra inúmeros obstáculos.

Vamos melhorar?

Mário Giudicelli tem um povo programa na TV-Rio, feito através de «shows» variados. Por ocasião da estréia, Mário exibiu o conjunto musical de Pecegueiro que no entanto não teve sucesso em virtude da falta de unidade e mesmo desatinação com que eram executados os diversos instrumentos. Giudicelli precisa arranjar atrações de destaque para os seus «shows» a fim de que eles não se assemelhem a muitos outros que são televisivados e que servem apenas para exibir elementos novos, nem sempre de valor.

★

Embora «Uma certa janela» já venha sendo exibido pelo Canal 6 há algum tempo, somente há duas semanas nos foi possível tomar contacto com essa apresentação. A idéia é das mais interessantes e oferece oportunidade a que diversos assuntos, os mais variados, sejam trotados ao mesmo tempo. No entanto, nem sempre a execução é boa o que faz com que todo o esforço empregado na composição do programa seja desperdiçado.

★

Já que hoje tratamos da necessidade de constantes renovações nas atrações de TV, por que não levá-las também ao campo dos programas infantis? O público já está cansado de assistir a teatro de marionetes e pequenos «shows» onde se exibem meninos e meninas cantando ou recitando e que na maioria das vezes não demonstram o mínimo talento. «Gente Importante», está no rol das atrações que há longos meses vêm se repetindo semanalmente. Seria ótimo se o produtor do programa aproveitasse apenas as crianças que de fato têm talento e as exibisse em espetáculos previamente preparados e devidamente ensaiados onde elas po-

deriam demonstrar com muito maior eficácia o que realmente são capazes de realizar.

A programação dos Canais 13 e 6 continua



Flagrante tomado durante a primeira apresentação de «O céu é o limite», atração que vem alcançando muito sucesso junto aos espectadores do Canal 6.

sendo grandemente prejudicada pelo constante atraso com que são exibidos as diversas atrações, geralmente em completo desacôrdo com o horário previamente estabelecido. Os espectadores acabam por cansar-se de aguardar o programa que desejam assistir, devido ao avançado da hora. Não haveria maneira de organizar melhor essa questão de horários?

Grau dez:

Para a TV-Rio que semanalmente oferece aos tevendoz ótimos recitais de canto com Maria Helena Raposo, dona daquela extraordinária voz que o público conheceu através da gravação do hino oficial do XXXVI Congresso Eucarístico Internacional. Maria Helena, além de possuir talento, é muito simpática.

Para Carlos Machado que, através dos seus «shows» agora apresentados na TV-Rio, oferece aos telespectadores a oportunidade de conhecer os seus maravilhosos espetáculos. Essas exhibições agradam não só pelo ótimo elenco que apresentam como pela movimentação geral que domina em todos os números. Na noite da estréia Carlos Machado ao lado dos seus artistas, apareceu ante às câmaras com toda a naturalidade, vivendo o papel de empresário, que interpreta diariamente, na vida real.

Sem dúvida o guarda-roupa confeccionado por Gisele que se preocupa com os mínimos detalhes e com a perfeita harmonia das cores, também concorre em muito para o sucesso dos «shows».

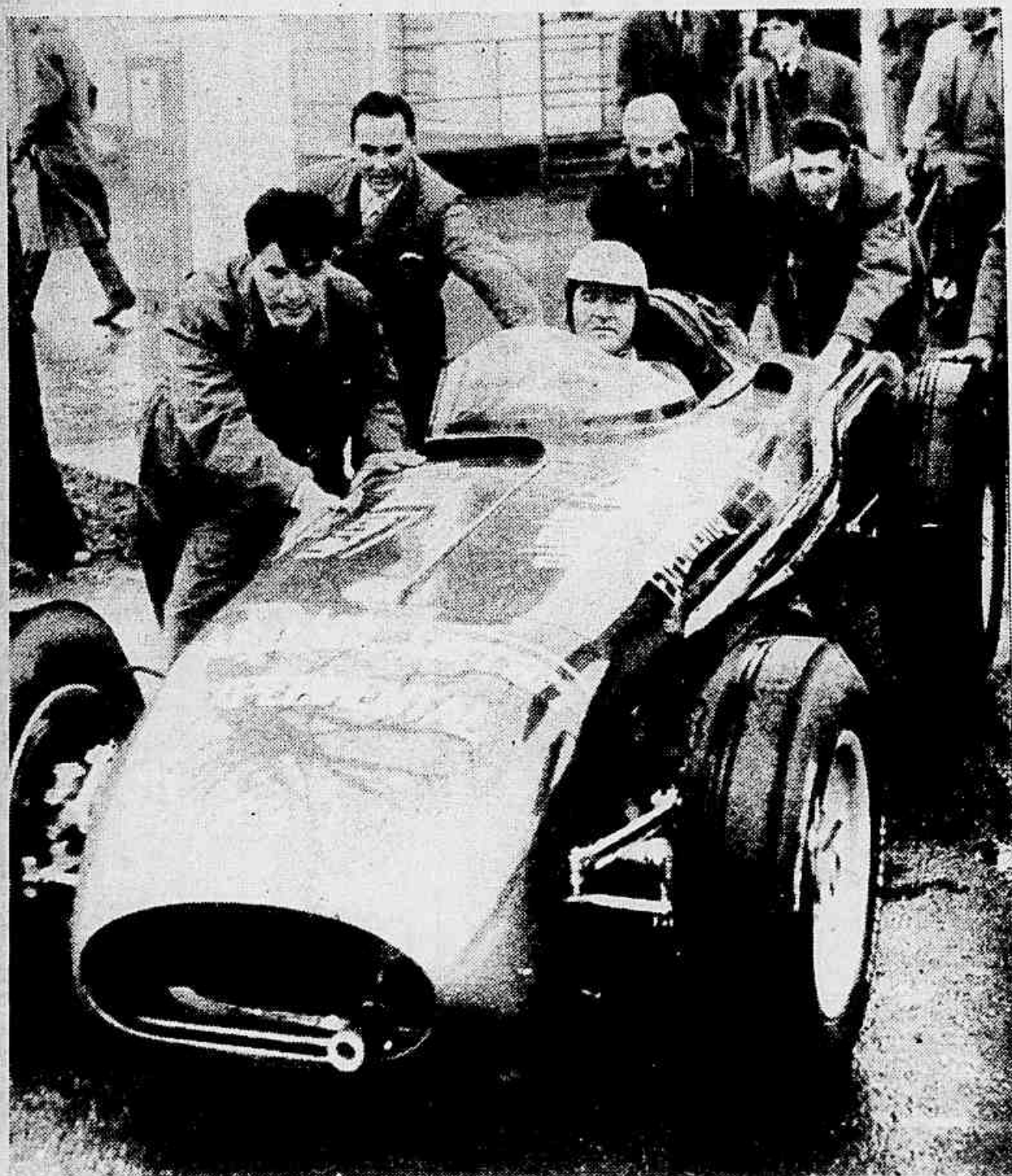
★

Para o Departamento de Divulgação da TV-Rio que vem mantendo estreito contacto com os cronistas especializados sobre o assunto, facilitando-lhes em muito a tarefa com o envio semanal de material fotográfico e das notícias sobre os próximos lançamentos do Canal 13.



LEONARD CAESAR fugira da prisão em que se encontrava, em Nova Orleans, U.S.A. Procurado por vários dias, foi afinal recapturado. Eis como os policiais tratam de imobilizá-lo ao solo, pisando-lhe os pulsos com os tacões dos sapatos, num verdadeiro atentado à dignidade humana.

POR ESSE MUNDO DE DEUS



O **HOMEM** do centro, que luta por sua terra e por sua raça, é considerado pelos ingleses, que ocupam Chipre, um perigoso terrorista. Chama-se **Michael Karualis**, e a essas horas, com certeza, já terá sido fuzilado.

NINO FARINA, grande volante italiano, experimenta seu novo carro, uma «Ferrari-Bardahl» que lhe custou dois milhões de cruzeiros, e com a qual efetuou esse ano, nos Estados Unidos, diversas grandes corridas.



PABLO PICASSO, que além de grande pintor tem certa inclinação para a palhaçada pura, aqui aparece disfarçado em marinheiro, com nariz e barbas postiços. Será a decrepitude?



O IMPERADOR Hirohito e seu filho Masahito, examinando alguns espécimens raros da coleção ictiológica da família. Hirohito é conhecido mundialmente por seus estudos sobre os peixes.



O PRIMEIRO de maio foi como sempre comemorado com toda a pompa, em Moscou e em outras grandes cidades russas. Os desfiles foram inúmeros. O que aqui aparece partiu da Praça Vermelha, em Moscou, e se compunha de alguns milhares de participantes, que empunhavam grandes retratos dos chefes comunistas. Pela primeira vez, o de Stalin não apareceu. Sinal dos tempos...



ESSE VELHOTE aí, com cara de gênio em férias, é Charles Boyer, que se prepara para tomar o navio que o conduzirá à Europa. Suas fâs são todas maiores de 40 anos...

A qualquer hora
do dia
ou da noite
a

RÁDIO RECORD

de São Paulo
tem um PROGRAMA
que VOCÊ ouvirá
perfeitamente
em qualquer
ponto do país
EXPERIMENTE!

ondas médias: 1.000 kcs. 50.000 watts

ondas curtas: 19, 25, 31 e 49 metros

Record

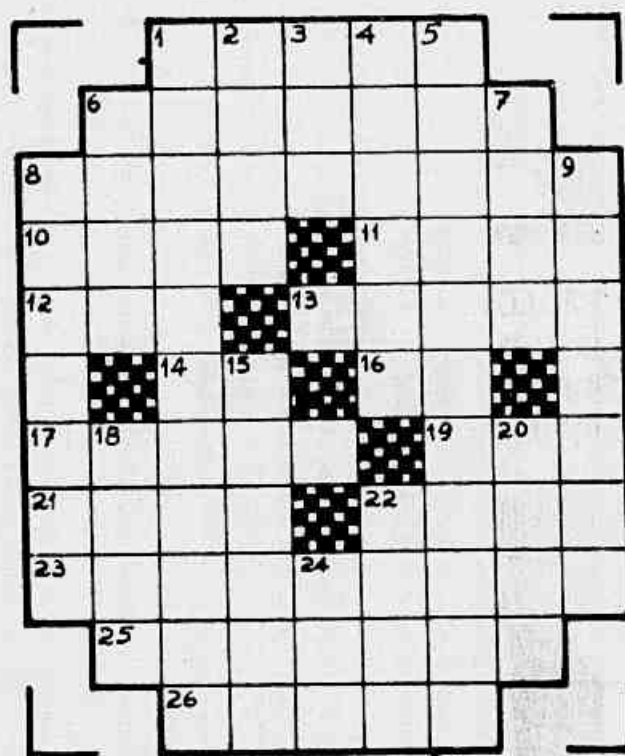
PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMAS Nº 126

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — 1. Choupana de indígenas — 6. Iguaria feita de massa de feijão cozido, frita em azeite de dendê — 8. Pequeno peixe da Amazônia — 10. Situação particular — 11. Dispnéia — 12. Espécie de palmeira — 13. (Alexandre José Montagny), célebre violonista belga — 14. Rio da Sibéria — 16. Caracteres que pluralizam a representação da primeira letra — 17. Ladrão de navio (pl.) — 19. Meu (ant.) — 21. Quinto filho de Sem — 22. Povoação da França, no departamento de Drôme — 23. Elemento inicial — 25. Velhaco — 26. Terreno arenoso ou barrento.

VERTICAIS: — 1. Desarvorados — 2. Serigote — 3. Espécie de baiacu — 4. Extorquira ardidamente — 5. Liquidação de contas — 6. Navegar — 7. Abandonado — 8. Estimular — 9. Relativo à arte de curar — 15. Bico de peito — 18. Sapo da Amazônia (pl.) — 20. Oriente — 22. Distinguirá — 24. Lisonja.

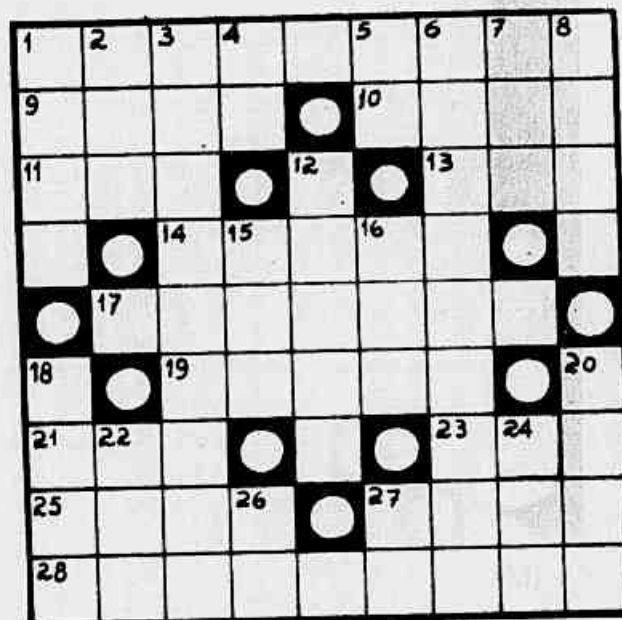


OTANER - Rio

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — 1. Digno de admiração — 9. O mesmo que ligar — 10. Emudece — 11. Oceano — 13. Monarca — 14. Cerca com muro — 17. Agricultores; habitantes de colônia — 19. Duro como pedra ou roca — 21. Unidade das medidas agrárias — 23. Reza — 25. Dão miados — 27. Costumes — 28. Causara ruína.

VERTICAIS: — 1. Espírito humano — 2. Espaço de vinte e quatro horas — 3. Dar aspecto de mármore — 4. Seguir — 5. Antes de Cristo — 6. Mulher atacada de varíola — 7. Pronome pessoal — 8. A ponta da vêrga — 12. Permuto — 15. Gemido — 16. Nome de mulher — 18. Leito — 20. Moradia — 22. Sorrir — 24. Grande porção — 26. Filho de jumento e égua — 27. Prefixo o mesmo que úni.



OTANER - Rio

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 125

PARA VETERANOS

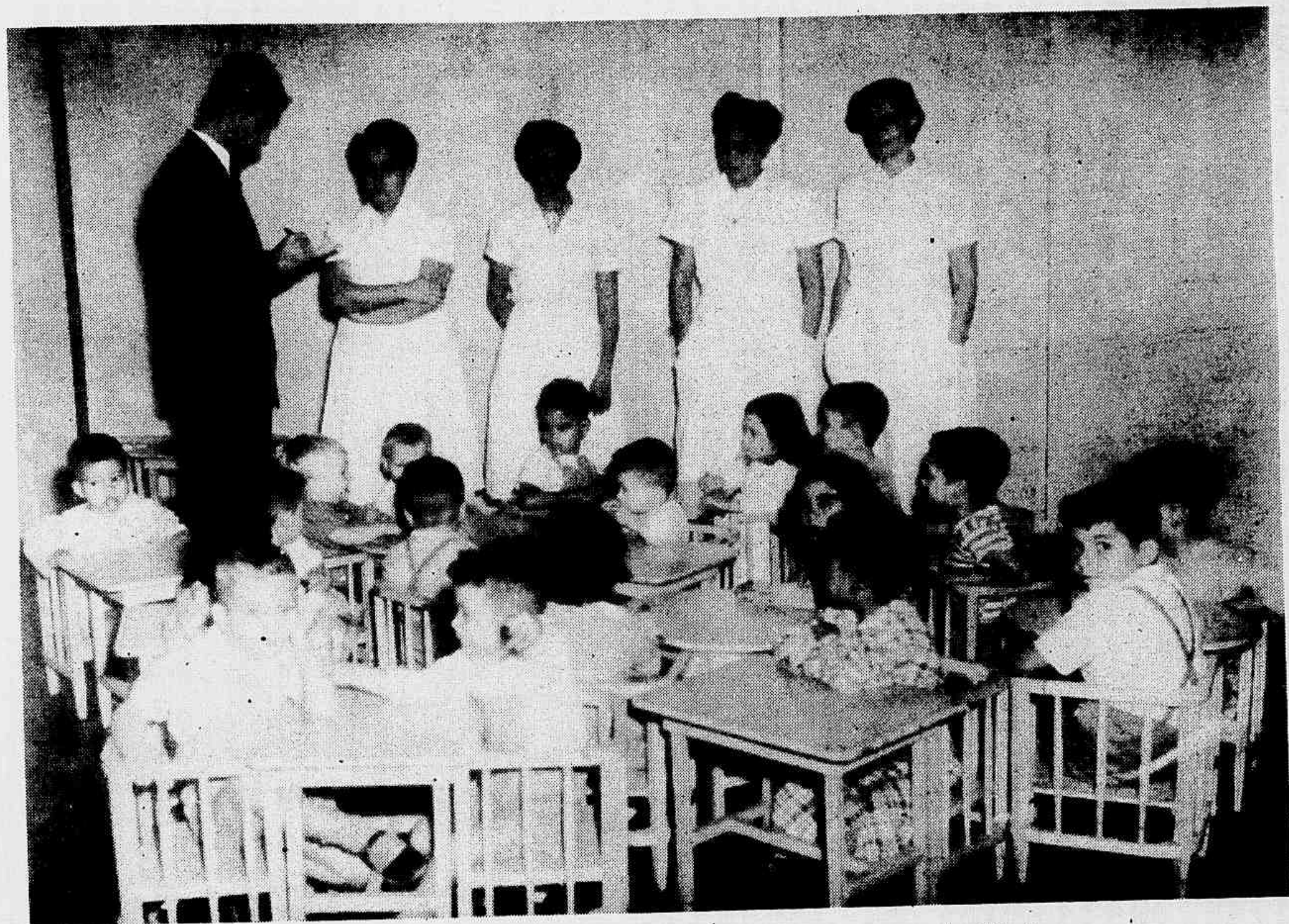
HORIZONTAIS: saudela — narrativa — an — dia — il — ritonelo — afar — arte — il — ra — acue — soma — palustres — id — See — Ni — solecista — remanso.

VERTICAIS: sanificador — ur — ardor — dair — etana — li — aviltamento — nara — aloe — taful — error — Apis — ousem — stein — Asia — seca — lê — S.S.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: Paraíso — pega — aura — Air — siu — paulistas — parte — acartonar — rir — tra — amar — tael — amatará.

VERTICAIS: peia — agruparam — Ra — ia — sustentar — oria — papeara — austral — mirto — lar — sto — cima — área — rá — ta.



Um grupo de crianças e o repórter num dos poucos momentos de silêncio...

OS PEQUENOS FERROVIÁRIOS DA CENTRAL

ENQUANTO AS MÃES TRABALHAM, NOS DIVERSOS ESCRITÓRIOS DA GRANDE VIA-FÉRREA AS CRIANÇAS BRINCAM, COMEM E, NOS LIGEIOS REPOUSOS QUE A TRAQUINICE PERMITE, SONHAM COM DEUS E OS ANJOS... ASSIM VEM A ESTRADA CUMPRINDO UM DOS PONTOS MÁXIMOS DO PROGRAMA DE ASSISTÊNCIA DO PRESIDENTE JÚSCELINO KUBITSCHKE.

A Central do Brasil, onde 45.000 servidores dão, dia a dia, e muitas vezes, noite a noite o fruto do seu suor fecundo, incrementando as riquezas e a prosperidade da Nação, através os milhões de passageiros que se revezam, transportados de cidades em cidades, de vilas em vilas, de sertões a outros sertões, também dedica aos filhos dos seus abnegados e honrados servidores a mais carinhosa atenção. No Edifício-Sede, 18º andar, funciona a Creche, freqüentada por cerca de 100 crianças, diariamente. Essa Creche é subordinada ao Departamento de Assistência Social, de que é chefe o engenheiro Cyro do Vale Ferro, e cuja ação se estende no âmbito familiar a toda a Via-Férrea, sendo dirigente da Secção de Puericultura o dr. Elias Jorge Teixeira, um dos nossos mais completos pediatras.

A alimentação consiste em: almoço, lanche, caldo de frutas, vitaminas em suma, 3 refeições ao dia, de acordo com o moderno regime dietético infantil. Escusado é dizer que a alimentação que a Central proporciona é das melhores e mais caras, sem diferença alguma das que os pais, com

grandes recursos, proporcionam aos seus queridos filhos. As quintas-feiras, as crianças podem ser visitadas e, às sextas, vão ao cinema, no 8º andar, e ali assistem desenhos animados, histórias de fadas e outros filmes educativos próprios da idade.

Diariamente, os meninos e meninas da Creche são assistidos pela dra. Maria Cotrin, sendo por ela tomadas todas as medidas cabíveis.

O dr. Jair de Oliveira, diretor da Central, aprovando uma sugestão do dr. Elias Teixeira, resolveu criar num dos maiores terraços do edifício um completo «play-ground», com material, do melhor, fabricado no Brasil. A Creche, apesar de todo o conforto que já apresenta para as crianças, está sendo modernizada. A encarregada é dona Hilda Faiva de Castro, formada pela Universidade do Brasil. Dezesete enfermeiras, além de serviçais, estão atentas as «artes» que as crianças proporcionam a cada momento... E, naquele maravilhoso Berçário, onde as crianças gritam e cantam e encantam, das sete às dezessete horas, cai um véu de tristeza... sim! cai um véu de tristeza nos... quando elas se retiram

De cabeça fria falam os juizes de Miss Brasil - 1956:

PANO DE FUNDO DE SUBÚRBIO

DECLARA OSVALDO TEIXEIRA

SOB o signo do tumulto e da manifestação exaltada de paixões regionalistas, por parte de um público numeroso que compareceu a Quitandinha para assistir ao julgamento final do Concurso Miss Brasil, 1956 — um grupo de abnegadas criaturas, formando o corpo de jurados, com muito sangue frio e indulgência, escolheu a mais bela das brasileiras para enviá-la a Long Beach a fim de representar o país no Concurso de Miss Universo.

Foi eleita, por maioria insignificante (apenas 1 voto sobre a representante de S. Paulo) — a candidata pelo Rio Grande do Sul, srta. Maria José Cardoso, de 21 primaveras e cujas medidas eram «as que mais se aproximavam do padrão universal, já estabelecido em concursos anteriores».

A OPINIÃO DE MISS UNIVERSO, 1930

Passados os primeiros instantes de emoção e ainda com o eco das ensurdecedoras vaias que precederam e acompanharam a apresentação final da vencedora — fato sob todos os aspectos lamentável — uma frase de um dos componentes do júri, (por sinal de uma ex-rainha de beleza, d. Yolanda Pereira (Miss Universo, 1930), sintetiza muito bem o que de decepção foi a desprimorosa manifestação da platéia de Quitandinha:

— «Fiquei penalizada de horror e tristemente impressionada ao contemplar pela última vez o rosto da vencedora do concurso. Como tudo agora é diferente do meu tempo...»

Relembrando sua eleição como Miss Universo, fala-nos d. Yolanda Pereira do «espetáculo muito mais democrático daquela época», do «julgamento feito na calçada fronteira do «Copaca-

bana-Palace» — com todo o povo participando e aplaudindo as candidatas finalistas».

— Hoje... se o brasileiro quiser apreciar as mulheres belas de sua terra terá que pagar para isso... e veja o senhor que não é pouco...

MUITA AFOBAÇÃO

Dizendo que foi apanhada de surpresa, pois acabava de chegar do Recife, indo direto à Quitandinha, para participar do júri, conclui a ex-Miss Universo:

— Havia muita afobação e nenhuma calma para que pudéssemos julgar ponderadamente. Num recinto que se tornou pequeníssimo, em face do grande número de pessoas que ali se reuniram quando do único contacto pessoal que tivemos com as 22 candidatas participantes, era muito difícil escolher. Não obstante, acredito que a jovem gaúcha seja mesmo a que mais se aproximava dos padrões que nos foram fornecidos como modelo de beleza universal destes «tempos novos».

NÃO GOSTOU DOS VESTIDOS

O pintor Osvaldo Teixeira, diretor do Museu Nacional de Belas Artes, participou também do júri e assim resume suas impressões pessoais:

— Inicialmente, devo dizer que as moças não estavam bem vestidas. E isso, evidentemente, só poderia lhes ser desfavorável num julgamento como este. Certos detalhes de porte e elegância foram para muitas candidatas fatores negativos, em face da indigência do corte e do estilo das vestimentas. A beleza física de muitas moças deixou de ser realçada pela pobreza da sua apresentação.

PANO DE FUNDO DE SUBÚRBIO...

Tecendo considerações em torno do ambiente em que foram apresentadas as jovens, continua o artista:

— Aquêle pano de fundo horroroso, só mesmo numa apresentação de subúrbio distante era possível figurar. Tudo ali denotava mau gosto, o que, sem dúvida, perturbava o nosso trabalho. A côr deveria ser neutra; simples cortina, sem decoração. Além disso, deve-se levar em conta também a péssima colocação em que nos encontrávamos. O corpo de jurados num ângulo visual que nos obrigava a verdadeira «ginástica» de pescoço, não deixou, em absoluto, possibilidade para uma apreciação favorável.

PORQUE FOI PREJUDICADA «MISS DISTRITO FEDERAL»

Reclamando, também, contra a exigüidade de tempo e de espaço para julgar as candidatas, acrescenta o sr. Osvaldo Teixeira:

— O contacto pessoal, para uma observação mais demorada das moças foi muito limitado. Não haveria, mesmo, tempo para uma escolha criteriosa, levando em conta fatores diversos — além da beleza estética. Como afirmei de início, muitas das candidatas sofreram tremendamente com a desfavorável apresentação das vestimentas. Foi o caso da jovem Lêda Brandão Rau, Miss Distrito Federal. Tenho, para mim, que ela foi muito prejudicada por êsse motivo, embora levasse ligeira vantagem ao desfilar de maiô.

EM BOA HORA A RETIRADA...

Concluindo, frisa o conhecido pintor:

— Mas, de qualquer forma a vitória da gaú-

● Para a escolha da mais bela mulher do mundo, estabelece o «Miss Universe Beauty Pageant, Inc.» entidade promotora do concurso internacional, certos padrões de beleza feminina pelos quais terão que se guiar os julgadores de todos os países. O julgamento, então, é feito levando-se em conta: «beleza de rosto, perfeição de linhas físicas, graça, personalidade e desembaraço social». Como se vê, é coisa um tanto complexa...

A mulher pode ser bela de rosto, possuir um corpo de perfeitas linhas físicas, ser graciosa, mas... não ter desembaraço social. Daí, também, o embaraço dos julgadores...

* * *

«O concurso deste ano não trouxe beldades superlativas» — opina um dos juizes que já participou dos últimos dois certames. «Não havia por onde julgar a «beleza exótica», que embora diferindo da «beleza clássica», é o tipo que melhor representa a mulher brasileira» — explica outro com-

ponente do júri. «As moças não estavam bem vestidas e isso prejudicou muito o julgamento» — afirma um outro jurado.

«Padrões diferentes foram considerados nas eleições preliminares, o que dificultou muito a nossa tarefa» — conclui um terceiro.

«Não houve tempo suficiente para que um artista pudesse julgar como deve» — reclama o mais veemente.

Mas, de qualquer forma aí está a nossa Miss Brasil, 1956. Gaúcha, nascida em Santa Catarina — levou para as plagas sulinas o cetro que já pertenceu a Bahia e depois ao Ceará — prognosticando a repetição do feito de outra conterrânea que foi a única brasileira a ostentar o título universal — Iolanda Pereira, nos idos de 1930.

Agora, resta torcer (sem que naturalmente cheguemos aos excessos) pela vitória da gaúchina no certame de Long Beach, em julho próximo.

E CECÍLIA MEIRELLES: "VAMOS VER EM LONG BEACH..." — MISS UNIVERSO 1930: "FIQUEI PENALIZADA" — HERBERT MOSES: "HOUE UMA COMBINAÇÃO..." — DULCINA: "EU! NUNCA MAIS!" — A PALAVRA DOS DEMAIS COMPONENTES DO JÚRI.

Reportagem de W. GUARNIERI

cha de Santa Catarina representou o que de melhor havia para escolher, tendo em vista, justamente, os padrões pelos quais será ela julgada nos Estados Unidos. Sob todos os aspectos lamentável no entanto, foi o espetáculo da manifestação do público presente em Quitandinha. Até para nós, membros do júri, a todo momento importunados com as exaltadas exclamações da massa que nos circundava — foi uma felicidade, quando alguém sugeriu em boa hora que nos retirássemos, antes da apresentação final da vencedora...

O QUE O PÚBLICO NÃO VÊ

Cecília Meirelles, talentosa escritora e poetisa, também formou no grande júri para escolha da «mais bela». Lamentando, de início, que a «beleza exótica», embora diferindo da «beleza clássica», não ofereceu padrões para julgamento, o que não favoreceu muitas candidatas, como Miss Piauí e Miss Paraíba, diz-nos:

— O público que tão incompreensível se mostrou na sua intolerante manifestação de desagrado pela escolha do júri, deve inteirar-se de que somente mesmo um contacto direto com as candidatas, pode oferecer oportunidade para um julgar criterioso. As vezes, uma jovem que, vista ao longe, se nos afigura bela e atraente, quando examinada de perto, sem as luzes dos refletores, não confirma aquela primeira boa impressão...

PORQUE FOI DIFÍCIL

— A escolha foi muito difícil. Nenhuma das candidatas preenchia os requisitos de acordo com os padrões firmados. A beleza plástica do rosto de algumas, não condizia, às vezes, com a harmonia desejada pelo todo. Todas elas tinham pedaços muito bonitos... mas, infelizmente, nenhuma conseguia reunir todas as condições ao mesmo tempo. Por isso, repito, foi uma escolha muito difícil.

PADRÕES DIFERENTES

— A meu ver — conclui Cecília Meirelles — os padrões pelos quais foram escolhidas as candidatas em seus Estados de origem, não foram os mesmos em que nos baseamos para escolha da mais bela. Por isso, havia necessidade de muitas seleções. Quando, ao julgar, lembrávamos dos olhos de uma, não víamos jeito de conciliar o alinhamento defeituoso de sua dentadura. Isso tudo, tendo em vista sempre que a moça iria representar o nosso país no exterior, quando então teria também que se revelar distinta e de certa forma sociável para não destoar em ambiente tão seletivo.

«Um dos fatores que a meu ver influíram — conclui — foi o fato de já ter a jovem Maria Cardoso um desembaraço satisfatório, pois, co-

mo é sabido, já esteve nos Estados Unidos representando a beleza gaúcha.

— Vamos ver se a nossa gaúchinha consegue impressionar, também, o júri de Long Beach — finaliza d. Cecília Meirelles.

NÃO HOUE MARTA ROCHA...

O escultor Leão Veloso, que é tradicionalmente convocado quando se trata de selecionar padrões de beleza, acha que nenhuma das candidatas inscritas se destacava com evidente superioridade:

— Neste ano, achei as candidatas em condições bem inferiores aos dois últimos concursos de que também participei. Não havia, por assim dizer, nenhuma Marta Rocha ou Emília Correia Lima que se destacasse das demais. Todas as moças eram razoavelmente bonitas, mas nenhuma conseguia despertar o entusiasmo dos julgadores, como aconteceu nos anos anteriores... Daí, a dispersão final de votos, que deu a vitória à jovem representante do Rio Grande do Sul, pela contagem mínima.

QUANDO UM ARTISTA NÃO TEM TEMPO DE JULGAR...

Mostrando-se ressentido com a manifestação de desagrado do público, que na ansiedade de ferir os juizes, desconsiderou na sua opinião a vencedora, acrescenta o escultor:

— E' bem um «sinal dos tempos»... Todo o julgamento decorreu ao ritmo vertiginoso da era da jato... Para um artista poder realizar um trabalho sério e criterioso de apreciação, é necessário algum tempo. Estudamos, com certo cuidado, vários detalhes para podermos avaliar o todo harmônico, ponderando demoradamente. Mas, o que se viu em Quitandinha foi a preocupação da pressa em tudo. Ora, não é possível a um artista ajustar todos os detalhes, julgando por um padrão universal de beleza, elegância, e distinção, num ritmo de alucinação e vertigem...

ROUPAS PROVINCIANAS...

— De todas as candidatas, aquelas que mais pareciam se destacar pela elegância de suas vestimentas, foram as representantes de São Paulo e do Estado do Rio. Ora, isso evidencia que só mesmo nos grandes centros seria possível complementar-se a elegância da mulher brasileira pelo realce de um talhe de vestido bem feito. Não acontecia o mesmo por exemplo com as restantes, que se apresentaram ostentando arranjos de indumentária muito próprios de nossas cidades provincianas... fator que, evidentemente, as desfavorecia grandemente. Já nos desfiles de maiôs, tal não sucedeu. E a razão era evidente: todas as peças mantinham um

Maria José Cardoso, cabelos castanhos escuros, olhos azuis-esverdeados, tem o Curso de Artes Plásticas e algumas noções de inglês e castelhano. Desfilou com um vestido azul-turquesa com bordado nacarado. Fã de Gregory Peck, leitora do colunista Jeff Thomas.



MISS BRASIL

equilíbrio de bom gosto, permitindo que a beleza fosse melhor apreciada.

— Mas, mesmo sem estes fatores adversos, nenhuma delas conseguiu me impressionar como das outras vezes... finaliza o escultor.

ASSUNTO PERIGOSO

O indefectível dr. Herbert Moses, como não podia deixar de acontecer, formou, também, entre os julgadores. Desfilou suas impressões com muita prudência:

— Assunto de mulher é coisa sempre muito perigosa — adverte — por isso não digo em quem votei. Mas, posso adiantar que houve de fato uma combinação entre os membros do júri de se dar a vitória por unanimidade... Não que houvesse «cabala», mas pelo simples fato de que um julgamento maciço é muito mais impressionante...

13 VOTOS NO PRIMEIRO ESCRUTÍNIO

— Vou-lhe revelar um fato inédito: Quando do primeiro escrutínio para escolha das 5 finalistas, em todas as papeletas dos juizes figurava o nome da jovem Maria José Cardoso. Daí se pode concluir que a unanimidade desejada já estava quase definida. Mais tarde, todavia, quando fomos obrigados a selecionar entre as finalistas, houve uma natural dispersão de votos, mas que de nenhum modo deixou de mostrar a preferência do júri pela que melhores condições reunia para alcançar o título.

NÃO VIU O MINISTRO DORMINDO...

Como fato muito comentado durante a realização dos desfiles das Miss, havia a referência de que o Ministro da Saúde, dr. Maurício de Medeiros teria tirado «um cochilo», muito desculpável até, dado o adiantado da hora em que se realizou o certame. Mas, o dr. Moses rebate com veemência:

— Se o ministro dormiu, eu não vi... Pois como deve saber não enxergo de uma vista... E era justamente do lado em que se encontrava

sua excelência... Mas, não acredito nisso. Ele até que estava «muito vivo» e de olho aberto durante a apresentação das belidades...

— Espero que a vencedora tenha uma «bonne chance» no julgamento de Miss Universo — finaliza o jornalista.

FALTOU GAÚCHO EM QUITANDINHA

O Ministro da Saúde, dr. Maurício de Medeiros, outro componente do júri, não escondeu sua decisão:

— Dei meu voto à vencedora. O resultado final, para mim, foi justo. Os fatos desagradáveis que se desenrolaram, fora do concurso, deve-se levar em conta ao temperamento apaixonado do brasileiro. Cada qual pensa e age como melhor lhe convém, por isso a «torcida» a favor de Miss Distrito Federal foi veemente...

— Mas — o que faltou também em Quitandinha foi gaúcho, para ovacionar a sua representante... de modo a «dar compensação» ao estrilo dos cariocas, em evidente maioria no momento...

O dr. Peregrino Júnior, membro da Academia Brasileira de Letras, também foi discreto na sua manifestação:

— A vencedora é uma moça muito bonita. Espero que faça boa figura no certame internacional. O tipo de beleza da mulher brasileira ainda não está definitivamente caracterizado, pois ainda somos um complexo de raças.

«Mas, a morena de olhos verdes lá do Sul é bem uma aproximação do que é o tipo brasileiro da mulher bela». — conclui o ilustre médico.

A atriz Dulcina de Moraes confessa-se arrependida de ter participado do júri:

— Como a coisa é difícil!... foi uma experiência nova para mim, mas espero nunca mais ter que tomar parte em outro julgamento.

QUEM ENFEITA O VESTIDO É A MULHER

— Todas elas eram, realmente, muito bonitas e estavam vestidas razoavelmente. Aliás, sou de opinião de que o modo de trajar em nada influi para o julgamento da beleza da mulher:

Quando a mulher é bela realmente, é ela mesma quem enfeita o vestido... E, afinal, nós ali estávamos para julgar da plástica e não das roupas...

Com relação às manifestações do público, assim se expressa a popular comediantes:

— Notei, apenas, um grande entusiasmo por parte da platéia que assistiu ao julgamento. Um público entusiasta é a coisa que mais admiro, pois revela que o brasileiro, aplaudindo ou vaiando, ainda é capaz de manifestar-se veemente. É um bom sinal.

O VOTO DO PREFEITO

O prefeito do Distrito Federal, o mineiro sr. Negrão de Lima, preferiu omitir sua opinião sobre os resultados finais:

— Meu voto foi secreto — diz à guiza de advertência aos que insinuam ter votado na representante de São Paulo.

«Considero justa a vitória de Miss Rio Grande do Sul. A gaúcha é bonita mesmo, e ademais representou a escolha unânime de todos nós».

E concluindo, com o magnífico «humour» que nunca o abandona:

— Participar desse júri, foi até hoje o ato mais sério e agradável de toda minha atuação na vida pública do país...

O mais discreto de todos os jurados foi o Ministro da Educação, sr. Clóvis Salgado:

Apenas uma frase:

— «Mesmo sem maioria absoluta, a votação da gaúchinha foi a mais democrática possível».

NÃO MAIS NA QUITANDINHA

Em face da confusão, da falta de organização e de outros inconvenientes que mais uma vez se registraram na prova final em Quitandinha, fala-se que em concursos vindouros, outro local mais apropriado — e amplo — será escolhido. Desde logo o Maracanã foi apontado como um dos mais adequados, mas há outros em perspectiva. Além de tudo, a escolha de Miss Brasil far-se-ia na Capital da República. Pelo menos, enquanto ela estiver situada em terra carioca...

QUADRO COMPARATIVO DAS CANDIDATAS

MISSES	Altura mts.	Pêso kls.	Busto cms.	Cintura cms.	Quadril cms.	Coxa cms.	Tornoz. cms.	Cabelos	Olhos
MISS UNIVERSO. 55	1,70	59	91,4	58,4	91,4	—	—	louros	azuis
RIO GRANDE DO SUL	1,70	59	95	60	96	43,5	21	cast. esc.	azuis esverd.
SÃO PAULO	1,63	58	92	61	92	58	23	cast.	castanhos
DISTRITO FEDERAL	1,645	57	90	60	93	57	21	cast. cl.	castanhos
CEARA	1,70	61	91	66	96	57	22	cast. cl.	cast. escuros
RIO DE JANEIRO	1,685	53,6	89	57	90	56	20	cast.	castanhos
PARA	1,66	59	93	58	97	57	22	louros	verdes
ACRE	1,655	63,8	90	69	101	61	23	cast.	castanhos
AMAZONAS	1,66	56	92	59	92	58	22	cast. esc.	cast. escuros
MARANHÃO	1,61	52	84	60	91	50	23	cast.	cast.
PIAUI	1,66	59	91	64	90	51	22	cast. esc.	pretos
R. G. DO NORTE	1,63	50	88	53	89	54	20	cast. cl.	verdes
PARAIBA	1,66	59	90	60	100	59	21	cast. cl.	cast. claros
PERNAMBUCO	1,685	60,3	86	65	98,5	61	21,5	cast. esc.	castanhos
ALAGOAS	1,62	49,3	86	58	94	56	19	cast. cl.	cast. claros
SERGIPE	1,59	50	79	58	81	51	21	cast. esc.	cast. claros
BAHIA	1,64	55	88	59	96	53	20,5	cast. esc.	castanhos
ESPIRITO SANTO	1,63	53	88	58	94	54	22	cast. cl.	cast. escuros
PARANA	1,615	56,5	88,5	61	95,5	55	22	pretos	cast. escuros
SANTA CATARINA	1,64	51	87	59	88	52	20	cast.	castanhos
MINAS GERAIS	1,65	52,8	87	61	95	54	22,5	cast.	castanhos
MATO GROSSO	1,60	47	86	60	90	53	21	cast. cl.	verdes
GOIAS	1,64	50,5	86	62	91	53	20,5	pretos	cast. escuros

MEDIDAS OFICIAIS DAS CANDIDATAS INSCRITAS E FORNECIDAS AO JÚRI PELA COMISSÃO ORGANIZADORA DO CONCURSO, TENDO, PARA CONFRONTO, AS MEDIDAS DE MISS UNIVERSO DE 1955, A SUECA HILLEVY ROMBIN

"REVISTA" HÁ 50 ANOS

Domingo, 8 de julho de 1906

CARTAS DE UM TABAREO

Carissimo Compadre

● Se, em vez de uma despresticiosa carta, tivesse eu a necessidade de escrever uma chronica, que de assumptos, seu Compadre! Que penca de dias cheios de factos chronicaveis, meu amigo; estes dias têm de tudo, como na botica; desde o deslumbramento das festas dos Bombeiros, até a reles tentativa de suicidio pelo kerozene... de tudo. Mas, como estas cartas não são chronicas, nem tem pretensões de sel-o, vou apenas apontando os factos mais salientes, commentando uns e deixando outros em branco; já para te deixar livre o raciocinio, já para não me comprometter, como é dos estylos. As festas dos bombeiros, commemorativas do meio centenario de sua creação, tiveram o maior brilho. Outra festa sympathica, a que sempre concorre um grande publico, é a que celebra a Santa Casa de Misericordia a 2 de Julho, dia de Santa Isabel. Não me conformo, entretanto, com a visita do Hospital; é uma tradição, mas acho que é uma cousa que devia acabar por tudo e... por tudo.

Ainda agora, quando se acha na forja o ocaso da casa do Congresso, forjam um projecto de atarrachar vitaliciamente á mesa do orçamento, como velhos pensionistas arreventados, os presidentes que forem deixando o governo. Neste andar, dentro em pouco, todos quantos no Brasil tiverem a ventura de exercerem um cargo eletivo (?), de juiz de paz, vereador, deputado ou senador, podem dizer que estão com a vida ganha, porque, terminado o tempo, terão a gratificação que os poderes competentes não regatearão, dado o precedente, não achas?

Fallemos de outras coisas... são tantas! O Retiro Litterario Portuguez festejou condignamente o seu anniversario e aproveitou a festa para offerecer os diplomas de honorarios aos srs. dr. F. Mendes de Almeida, redactor, chefe do "Jornal do Brasil", e José Malhóa, pintor portuguez que neste momento deslumbra os nossos amadores de bellas artes com uma exhibição de seus apreciadissimos trabalhos. E adeus.

Teu Bermudes.

EXPOSIÇÃO MALHOA

No Gabinete Portuguez de Leitura inaugurou-se quarta-feira passada, a exposição de quadros, do festejado pintor portuguez, commendador José Malhoa. O acto foi solemnizado com a presença dos srs. presidente da Republica, prefeito do Districto Federal, representantes da imprensa e pessoas gradas. Artista de merecimento, trouxe para o Brasil as melhores perolas do seu atelier e é assim que nos deu uma exposição de trabalhos tão escolhidos e dignos de seu pincel.

A BORDO DO «RUGIA»

◆ Sempre que a «Hamburg Amerika Linie» tem um vapor novo na sua linha da America do Sul, dá uma festa. Este augmento não é só um crescimento de numero, é sempre um melhoramento na qualidade. O ultimo é sempre melhor que o anterior. Assim foi com o «Rugia». E' um esplendido vapor com secções compostas de saleta, dormitorio, banheiro e latrinas; pa-

ra grupos de dous passageiros, tudo mobiliado com conforto e elegancia. Todos os camarotes são espaçosos e tem tudo que precisa um vapor de primeira ordem. Salões para homens, senhoras, crianças, bar, tudo emfim. Na festa offerecida no dia 14 do mez findo á imprensa e a outras pessoas gradas, os agentes da companhia, o sr. Brebrens, commandante do vapor, e o sr. F. Missen, superintendente-inspector, foram amabilissimos para com os seus convidados.

THEATROS

Despedindo-se do publico carioca onde grangeou sympathias e admiradores do seu talento artistico, Tina di Lorenzo representou em matinée a delicada e vibrante «Zazá», bastante querida de nossa plateia. O desempenho da peça de Berton e Simon, serviu ainda domingo passado de enjeo a mais uma victoria de interpretação da genial artista que por alguns dias deliciou a plateia do Rio de Janeiro, conquistando a sua admiração e seu applauso franco e entusiastico.

HONORARIOS

O sr. Fausto Cardoso apresentou, na Camara dos Deputados, um projecto de lei determinando que os ex-presidentes da Republica fiquem sendo senadores honorarios, com o vencimento mensal de 2:000\$000.

EU SEI TUDO

DE JULHO

Agora vão domesticar
a bomba-H

Um Faraó revolucionário
E possível criar a vida?

O mistério Rasputin
Um pedaço da lua...
por cem dólares!

Não haverá mais bêbedos?

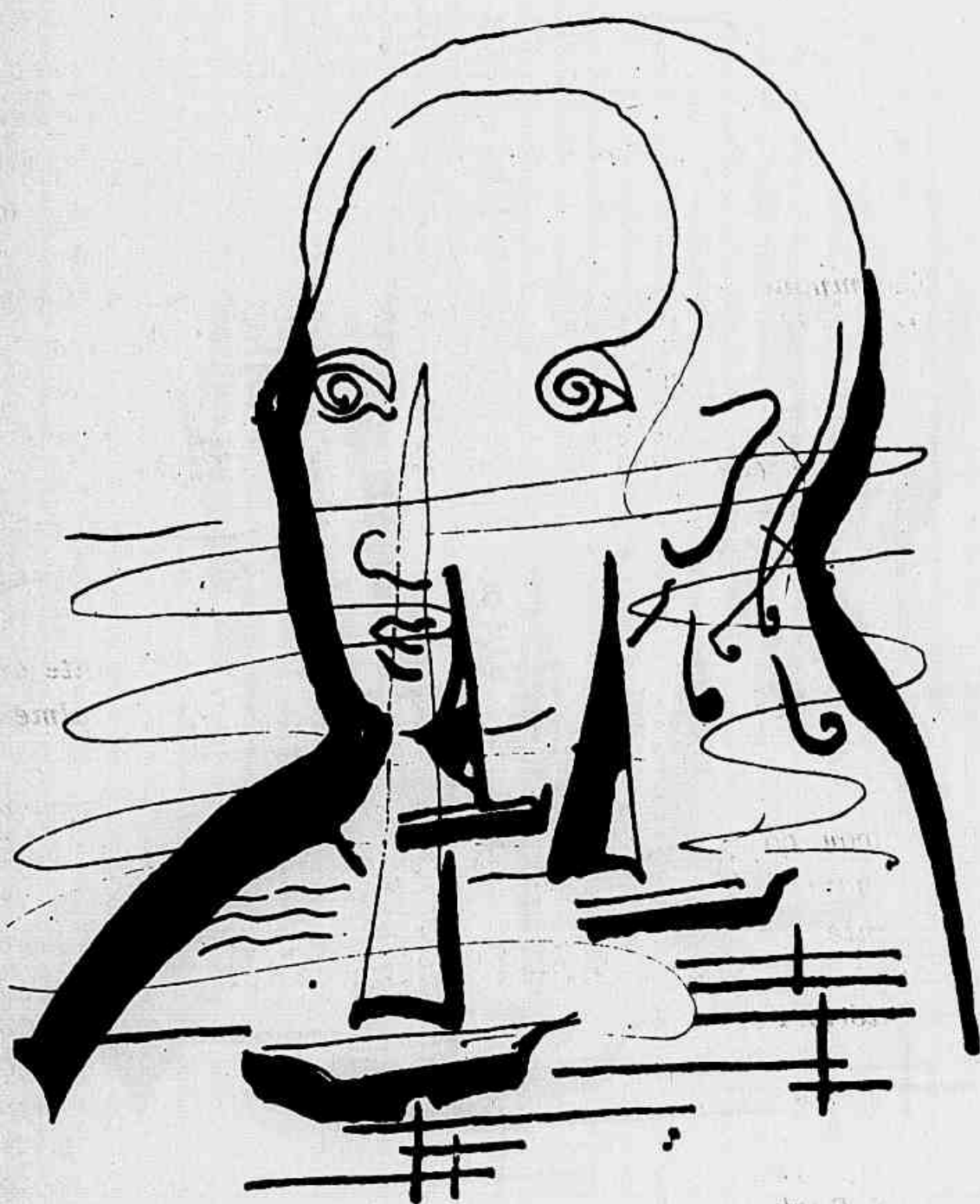
E MAIS:

DOIS ROMANCES ★ CONTOS
★ DISTRAIA-SE COM O SEU CÉ-
REBRO ★ ECONOMIA DOMÉSTI-
CA ★ TUDO SE EXPLICA ★ CHA-
RADAS ★ MISCELANIA ETC.

PREÇO: CR\$ 10,00 EM TODO O BRASIL
REDAÇÃO: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa

Literatura e arte

JOSÉ ROBERTO TEIXEIRA LEITE



Poema

*O pai morto
e o homem fitando fixamente o teto.
Sacodem-se as sombras, fere-se o medo.
Não há mais nada, tudo se foi
na torrente dos olhos que giram.*

*Mortos são também os navios,
Marinheiro. Lenços acenantes e lágrimas
No convés que parte para sempre.*

*Mortos são também os mares;
a procura, o silêncio da procura
no horizonte afinal chegado.*

TELMO PADILHA (Desenho de Maria Thereza)

LIVROS EM DESFILE

♦ OCTAVIO BRANDÃO, conhecido escritor e estudioso, de orientação marxista, acaba de publicar «Os Intelectuais Progressistas», estudos sobre cinco escritores brasileiros cujas idéias representaram um avanço sobre as de seus contemporâneos, no que diz respeito à questão social: Tavares Bastos, Tobias Barreto, Silvio Romero, Euclides da Cunha e Lima Barreto. O autor traça um esboço biográfico de cada um desses escritores, e depois examina-lhes a obra, apontando-lhes as inexatidões e os méritos, sempre de acordo com os postulados de Karl Marx. Particularmente comovente o trecho do livro que descreve o assassinato de Euclides da Cunha, com a posterior absolvição do infeliz que o matou, para opróbrio da justiça brasileira (164 páginas, Organização Simões Editora Rio, 1956).

♦ O GENERAL Klinger (ou «jeneral», como ele mesmo escreve), acaba de publicar a terceira edição da Cartilha Osbriana, além de vários outros escritos relacionados à reforma ortográfica do idioma nacional, que se propõe realizar. Tudo sob o título geral «Ano XVI da Ortografia Simplificada Brasileira». O autor cita uma longa série de gramáticos, filólogos e homens de letras brasileiros, «ce deixaram roteiro de suas navegações grandes pelo Mare Nagnum, tenebrozo, da grafia alfabética», e que se chama Moraes Silva, Frei Caneca, Padre Feijó, Mário Barreto, Ayres da Mata Machado Filho, etc. Uma tentativa de racionalizar a ortografia brasileira, que tal como está hoje, e segundo a expressão do general, não passa de «Tortografia» (130 páginas, Gráfica Laemert, Rio, 1956).

♦ «ASSIS TAVARES, O Poeta Que Não Quis Envelhecer», é o título do estudo de Flávio Jarbas sobre aquele homem de letras, a quem chama, em dado ponto, de «o Knut Hamsum de nossa poesia». Vá lá que o fôsse. O que de modo algum podemos tolerar, porém, é uma frase como essa, que surge logo à página 16 do livrinho: «Em sua poesia, toda ela banhada de doce e terno lirismo, não há o rábido rugir de rios em roldões, mas o romântico ronronar de ríridos regatos». Que brincadeira é essa, afinal de contas? (38 páginas, Tipografia de «O Combate», Vitória da Conquista, Bahia, 1956).

♦ NA COLEÇÃO «Documentos para a História do Brasil», a Civilização Brasileira vem de editar «O Governo Dutra», volume que encerra algumas realizações, as diretrizes doutrinárias e políticas do quadriênio de 1946 a 1950, em que o Brasil foi governado pelo Marechal Euripo Gaspar Dutra. A seleção é de José Teixeira de Oliveira (375 páginas, Civilização Brasileira, Rio, 1956).

ARTE

O Clube de Gravura de Pôrto Alegre



CARLOS SCLIAR

♦ EM CINCO anos de existência, o Clube de Gravura de Pôrto Alegre, constituído por elementos jovens e estudiosos, conseguiu amearhar, nos vários salões que se organizam no Rio de Janeiro e nos Estados, nada menos de dois Prêmios de Viagem pelo Brasil, três medalhas de ouro, quatorze de prata, oito de bronze, seis primeiros prêmios e oito segundos. É um acervo altamente valioso, conquistado graças a muito esforço e dedicação.

A diretriz principal do Clube (por cujos moldes vários outros já se organizaram, aqui mesmo, no Brasil, e até em Lisboa e em Montevideú) é que,

acima de todo o resto, deve pairar a responsabilidade profissional. Os membros do Clube de Gravura de Pôrto Alegre não são amadores bisonhos: são, isso sim, profissionais conscientes da dificuldade imensa da arte que escolheram, perfeitamente familiarizados com sua técnica e história. E já aí está explicado o seu sucesso. O presidente do Clube é Carlos Scliar, Prêmio de Viagem pelo Brasil em 1955, no Salão Moderno. Autodidata, a partir de 1947 Scliar faz um curso em Paris, na Escola de Belas Artes, aprofundando-se nos meandros da gravura. Ao voltar ao Rio Grande do Sul, une-se a outros artistas



VIDA LITERÁRIA

◆ **ANIVERSÁRIO DE JORNAL DE LETRAS.** — Comemorado, com um coquetel, o sétimo aniversário deste mensário de literatura e idéias. Também lançado o número correspondente ao mês de junho, impresso em rotativa, contendo matéria variada e abundante, quase sempre de boa qualidade. O preço baixou para cinco cruzeiros, o que não deixa de ser espantoso, em se tratando de fato acontecido no Brasil. Nós, que temos criticado por diversas vezes o mensário dos irmãos Condé, sentimos-nos agora perfeitamente à vontade para elogiá-lo sem restrições. Que o «Jornal de Letras» continue nesse rumo por muitos anos mais são nossos votos.

◆ **O «ORLANDO DANTAS» DE 1956** — Já conhecidos os resultados do Prêmio Orlando Dantas de 1956, instituído pelo «Diário de Notícias» em 1955, e destinado a premiar um autor brasileiro: o romance «Loucos, poetas e amantes» de Getaldo Santos, classificou-se em primeiro lugar, e o de Macedo Miranda, «Lady Godiva», em segundo. Um e outro serão publicados pela Livraria São José, que aliás acaba de editar «Dize-me o teu nome», de Heloneida Studart, e «João», de João Uchoa Cavalcanti Neto, vencedores do ano passado. Para o ano deverá ser premiada uma peça teatral.

◆ **CURSO DE CONTO NA ACADEMIA** — A exemplo do que vem executando em anos sucessivos, a Academia Brasileira de Letras apresentará, esse ano, um Curso de Literatura, ministrado por alguns de seus mais capazes membros. O conto foi o gênero escolhido por tema do presente curso, que será inaugurado, a 28 do corrente, com uma palestra de Alceu de Amoroso Lima.

moços, e com eles funda o Clube. Organizam, reunidos, exposições ao ar livre, sacudindo o movimento artístico da capital sulina. Conseguem, afinal, elevar o nível cultural do povo porto-alegrense. Criam um público para as suas gravuras — público mais e mais exigente. Mais ainda: já agora dispondo de uma Editôra (A «Estampa»), lançaram o primeiro de uma série de álbuns (A Estância, de Scliar) e prometem, tal o êxito desse lançamento (200 exemplares vendidos a mil cruzeiros cada, só em Porto Alegre) lançar em breve o segundo, de Glenic Bianchetti. Mantém intercâmbio com vários países das Américas e da Europa, intercâmbio valioso e que já está dando seus frutos: agora mesmo, a Editôra Holbein, de Bâle, Suíça — uma das maiores edi-

tôras de livros de arte do mundo — lançará um álbum de Carlos Scliar, sobre cenas da vida estancieira no Rio Grande do Sul. Por falar em Carlos, esse gravador está expondo presentemente, no saguão da Biblioteca Nacional, e sob os auspícios do Clube da Gravura do Rio de Janeiro, inúmeros trabalhos, efetuados de 1942 a 1956. Todas as tendências, todas as orientações da arte de Scliar estão aí representadas, constituindo a mostra um precioso depoimento sobre a gravura do artista gaúcho. Levando em consideração que desde 1945 o autor não expõe individualmente entre nós, é interessante que se acentue o valor dessa exposição, a que o carioca apreciador de boas mostras artísticas não pode, e nem deve, faltar.

ALDEMIR, Prêmio Internacional de Desenho em Veneza.

◆ **O CONHECIDO** desenhista cearense Aldemir Martins, de há muito radicado em São Paulo, foi contemplado na recente Bienal de Veneza com o Prêmio Internacional de Desenho, um dos maiores e mais importantes do mundo, no valor de 250 mil liras. Raymond Cogniat, conhecido historiador de arte francês, era o presidente do Júri, o que só faz valorizar a vitória do moço cearense. Com esse triunfo, Aldemir projetou bem alto o nome do Brasil, no campo artístico internacional.



UM LIVRO

SÔBRE A LITERATURA NORTE-AMERICANA

● **SÓ PODEMOS** atribuir a infinidade de erros de revisão contida nas páginas do livro que o senhor Marcus Cunliffe escreveu sobre a Literatura dos Estados Unidos, e que «Revista Branca» vem de publicar em português (1), à precipitação e à leviandade de seus editôres. Porque, afinal de contas, não se admite que um livro possua tantas falhas, tantos senões, como o presente possui. Esses erros e falhas são mais contraditórios para as últimas páginas, algumas totalmente prejudicadas pelo seu grande número. Tome-se, por exemplo, a página 189: nada menos de oito erros de revisão, sendo que um incrível: «grande-mor Tandade», por «grande mortandade»... São pequeninas coisas, mas terminam por aborrecer o leitor, por desviar-lhe a atenção, que vai do conteúdo, do pensamento do autor, para os errinhos de imprensa. Também não podemos deixar em brancas nuvens a péssima qualidade da tradução, devida a um certo senhor A. Cadaxa. O que querem dizer essas duas frases, tiradas também da fatídica página 189, é o que não sabemos:

«Os imponentes vultos do passado e do presente eram apresentados uns infelizes como lamentáveis e frustados»; ou

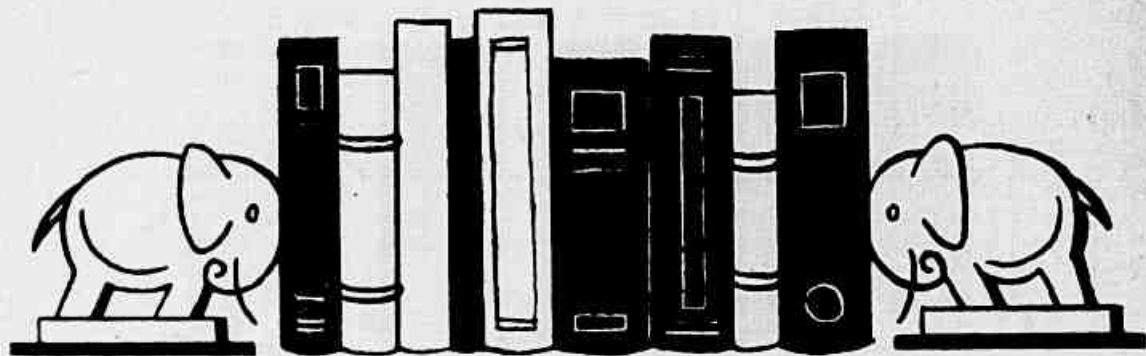
«O mesmo em relação aos «Vitorianos» os de 1920 não podiam perdoar a um escritor como Howells a sua carência de sexualidade (para ele, a palavra intercuro implicava-se no adjetivo social; para eles, sexual)».

Isso não é português, é patuá de baixa qualidade, é mistura desconexa de frases sem sentido.

E queremos deixar bem claro que a página 189 é somente uma amostra do resto do volume, o qual é, todo ele, principalmente as páginas finais, uma antologia de erros de imprensa e de tradução mal feita. Quanto ao conteúdo da obra, propriamente dito, ficou, como não podia deixar de ser, prejudicado, e muito, pela tradução de miserável qualidade e pelo trabalho de revisão deficiente. De modo geral, porém, o trabalho de Marcus Cunliffe (que dizem ser um crítico britânico de grande capacidade) é meritório. Possui lá suas antipatias (para ele, a fama de Edgar Allan Poe é mais uma invencionice dos franceses, de Baudelaire a Valéry), menospreza a literatura de inspiração negra, e entre outros, omite os nomes de Lincoln (o que não é grande pecado), Erskine Caldwell, Dorothy Parker, Louis Bromfield, Pearl S. Buck, Upton Sinclair, William Saroyan e Richard Wright (o que é pecado enorme). As conclusões do autor são melancólicas: a Literatura dos Estados Unidos sofre, presentemente, uma crise. As razões de tal crise, para Cunliffe, são essencialmente aquelas que soem aparecer depois de uma Grande Guerra. E como o tempo atual é de tensão, não de paz, as perspectivas são pouco animadoras.

O livro, na tradução brasileira, não pode ser indicado, de sua consciência, a quem quiser penetrar no vasto mundo que é a literatura norte-americana. No original, pode ser lido, com reservas.

(1) Marcus Cunliffe — «A Literatura dos Estados Unidos». Tradução de A. Cadaxa. Edição Revista Branca. Rio, 1956, 246 páginas.





A novata Maria do Carmo, que agora vem de ingressar no grupo, além das qualidades visíveis a olho nu, é estudiosa e disciplinada. Seu primeiro sucesso foi registrado em Montevideu.



Nair Eugênia e Devaldino Bento, como «Porta-Estandarte» e «Balisa» no quadro «Carnaval».

NÃO ESTÁ MILIONÁRIO

O diretor da «Brasileana»

A Brasileira acaba de partir para uma segunda «tourné» internacional. Isso vem demonstrar que pela primeira vez um conjunto típico brasileiro desperta interesse em larga escala, no estrangeiro, até competir com os mais famosos que percorrem o mundo. De fato, a Brasileira — não somos nós a dizê-lo, mas bastantes críticos europeus — tornou-se uma séria concorrente da famosa Katherine Dunham. Isso pode deduzir-se das constantes propostas recebidas de empresários dos cinco continentes. Dizem que seu diretor está milionário — uma inverdade. Os gastos com material cênico, transporte, equipes técnicas e artísticas, aluguéis de teatros e publicidade, são astronômicos, levando em conta que o «staff» efetivo sobe a cinquenta pessoas, sem considerar elementos contratados nos próprios locais de apresentação, como orquestra de vinte e cinco pessoas, ajudantes, camareiras, maquinistas, eletricitas e outros auxiliares.

Entre um contrato e outro, há os hiatos dispendiosos, o que desta vez se procurou evitar, organizando a «tourné» com grande antecedência. As perspectivas são muito animadoras, agora que todas as portas se abrem para o conjunto brasileiro, cujo elenco foi aumentando (saíram três e entraram quinze novos elementos). O guarda-roupa e os cenários foram renovados, ao que informou à nossa reportagem Miécio Askanasy, seu diretor. E novos quadros estão sendo montados. A cooperação do novo figurinista e cenógrafo Heitor Rico, faz sentir-se notadamente no «Carnaval» e em «Maracatu». Este último quadro custou trezentos e cinquenta mil cruzeiros.

— Há muito tempo que a Brasileira deixou de ser uma experiência — acrescentou Askanasy. Num país onde os conjuntos negros ainda estão dando os primeiros passos, a sólida realidade da Brasileira é mais evidente. Se contássemos com maior apoio oficial — con-

cluiu — poderíamos ampliar o âmbito de nossas atividades. Promoveríamos conferências (como a que se fez em Paris, na sede da Unesco), organizaríamos exposições e concursos permanentes, além de preparar novos artistas. E — por que não? — seria elevado o nível dos nossos espetáculos, até agora sujeitos a uma certa «teatralidade», concessão obrigatória quando se vive exclusivamente de um público ainda não afeito às verdadeiras formas do que é nosso.

Depois Askanasy aborda outro aspecto curioso: — Quando um dos membros da Brasileira foi dispensado, com outros dois componentes do grupo, por pretensões descabidas, jornalistas mal informados falaram em «cisão na Brasileira». Cômico! Poderei provar que todos os nossos elementos continuaram firmes e o número de pessoas que até se pintariam de preto para poder ingressar no conjunto, é tão alto que da-



onde os fabulosos passistas mostram o frevo autêntico às grandes platéias de todo mundo.

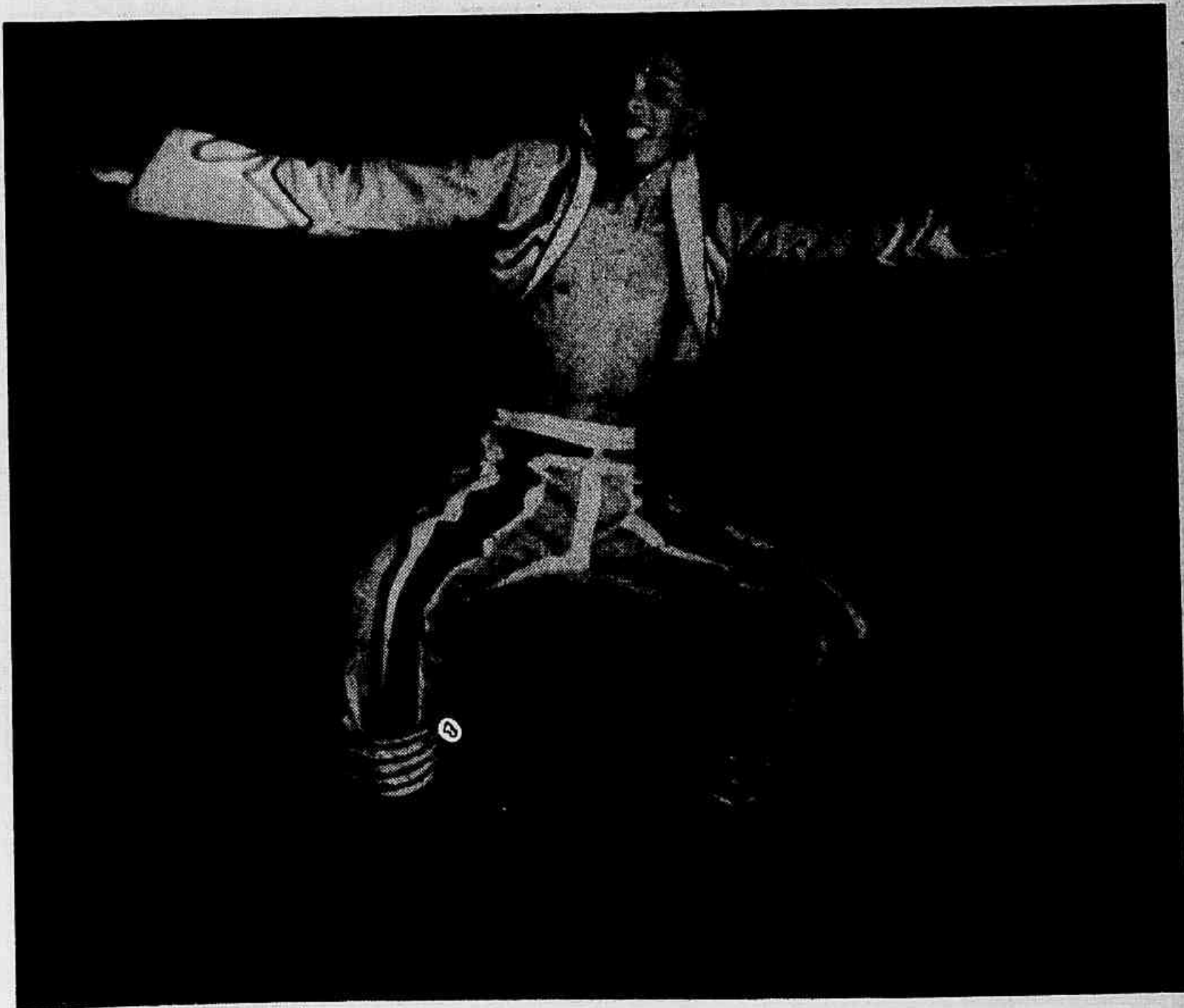
MAS O JÁ GRUPO FOLCLÓRICO BRASILEIRO ENRIQUECE DE TRIUNFOS E AGORA MESMO INICIA OUTRA «TOURNÉE» MUNDIAL — CRÍTICOS EUROPEUS APOSTAM ESSE CONJUNTO COMO SUPERIOR AO DE KATHERINE DUNHAM — OS PERCALÇOS DO SUCESSO.

ria para formar alguns novos e grandes elencos... Mas o caso da cisão é um exemplo menor. Todos os que fazem teatro em nosso meio conhecem de sobejo os fatores que ameaçam constantemente o bom desenvolvimento de um programa de trabalho imbuído da melhor boa vontade e idealismo: o acúmulo de pequenas dificuldades, mesquinhas e irritantes, que absorvem esforços dignos de melhor causa.

O conjunto que agora vai ao Canadá e daí novamente à Europa, tem renome mundial e continua empenhado em levá-lo ao plano que lhe é devido. Quer atingir o âmago desse espírito múltiplo, contacto de culturas diversas, que se traduz, por exemplo, nos mistérios do «Candomblé» e na poesia do «Maracatu». Depois de uma bem sucedida série de espetáculos em Montevideu, a Brasileira prossegue em sua marcha, disposta a repetir os sucessos da excursão anterior, feita ao Velho Mundo.



Este é Berni Maia, norte-americano e ex-componente do grupo de Katherine Dunham, que ele trocou pela Brasileira. De alta escola e indiscutível valor, é o «maitre de ballet» do conjunto.



Jonas Moura parece desconhecer as leis de gravidade, nos seus passos espetaculares, em que demonstra todo o virtuosismo do colorido e movimentado número do «Carnaval pernambucano».



Flagrante feito na Tribuna de Honra do Hipódromo, onde se vêem o ministro Luiz Gallotti entre os drs. Carlos Guimarães de Almeida e João Borges Filho.

No almoço aos criadores, realizado no Salão das Rosas, a sra. Zélia G. Peixoto de Castro em palestra com o ministro brigadeiro Armando Trompowsky, segundo vice-presidente do Jockey Club Brasileiro.

O dr. Francisco Eduardo de Paula Machado, primeiro vice-presidente do Jockey Club, e o dr. João Saavedra, diretor-social, no dia do Grande Prêmio Cruzeiro do Sul.

CONFRATERNIZAÇÃO NO TURF CARIOCA

◆ O Hipódromo da Gávea viveu, no primeiro domingo de junho, com a realização do G. P. Cruzeiro do Sul um dos seus maiores dias. O tradicional almoço que a diretoria do Jockey Club Brasileiro oferece aos criadores nacionais, ao ensejo da prova máxima que lhes é proporcionada, ofereceu desta vez o belo espetáculo da confraternização dos turfistas que trabalham sob a bandeira da grande sociedade metropolitana. A mesa, em torno dos atuais administradores do Jockey Club Brasileiro, sentaram-se todos os grandes nomes do nosso turf e os discursos trocados entre homenageados e homenageados ratificaram, nas expressões mais eloqüentes, a cordialidade que o ambiente demonstrava.

O presidente do Jockey Club Brasileiro, dr. Mário de Azevedo Ribeiro, em magnífica oração, disse do júbilo que tinha a nova diretoria de, na primeira manifestação do seu mandato, ter a oportunidade auspiciosa de testemunhar seu aprêço aos criadores, ressaltando sua dedicação e operosidade em favor do turf nacional. Assinalou a seguir as medidas que o Jockey Club Brasileiro vem adotando, em consonância com os dispositivos estatutários e os preceitos da legislação federal, e que, pelos resultados alcançados, aprovam a orientação seguida, não estando longe o dia de se fixar o tipo do cavalo nacional. Adiante, sob aplausos calorosos da assistência, disse o dr. Mário de Azevedo Ribeiro: «Quiseram os fados que o Grande Prêmio Cruzeiro do Sul de 1956 tivesse um significado bem expressivo: não ficou adstrito, unicamente, ao aspecto técnico da prova. Com acentuada alegria para todos nós, assinala um movimento de congraçamento que era aguardado, ansiosamente, pelos verdadeiros turfistas. Assistimos, orgulhosos, a uma demonstração de esportividade que só pode honrar o nosso quadro social.» Depois de ressaltar a elevação em que se colocaram as correntes que disputaram as últimas

O GRANDE PRÊMIO CRUZEIRO DO SUL PROPORCIONOU O CONGRACAMENTO DA FAMÍLIA TURFISTA ★ O ALMOÇO AOS CRIADORES ★ OS DISCURSOS DO DR. MÁRIO DE AZEVEDO RIBEIRO E DO SENADOR DANIEL KRIEGER

eleições e dos amigos e companheiros que embora em posições diferentes, voltaram aos seus lugares donde nunca foram considerados ausentes, recorda, nessa festa de criadores, a figura inesquecível de Linneo de Paula Machado, turfman ímpar, que, no aplauso do 1º vice-presidente da sociedade a essa confraternização, teve no mesmo o seu continuador. O cinquentenário do Haras São José que se comemora, também domingo, mereceu palavras lisonjeiras do presidente dr. Mário de Azevedo Ribeiro que, concluindo sua brilhante oração de saudação aos criadores e pelo progresso do turf e grandeza do Jockey Club Brasileiro, declarou: «Com a sinceridade de minhas convicções, afirmo, sem pretensões: sinto-me feliz por me haver reservado o destino, o papel que desempenho neste momento.»

A seguir, em brilhante improviso, discursou o senador Daniel Krieger, em nome dos criadores. Depois de agradecer a honra da investidura, passou a fazer considerações sobre o papel do criador do cavalo de corrida, salientando sua afeição por essa árdua tarefa que, mau grado os ônus que acarretava, proporcionava grandes satisfações. Agradeceu e louvou o gesto elevado da nova diretoria do Jockey Club Brasileiro provocando aquele ambiente de cordialidade que a

todos satisfazia. Salientando a seguir que criadores e dirigentes de sociedades turfistas não podem viver isolados, concluiu, sob intensos aplausos, por concluir a todos que fizessem dentro do Jockey Club Brasileiro uma escola de felicidade.

Antes de ser disputado o G. P. Cruzeiro do Sul, convidados pelos cronistas de turf, foram à tribuna da imprensa, onde assistiram ao canter, os casais dr. Mário de Azevedo Ribeiro e dr. A. J. Peixoto de Castro Júnior, acompanhados das mais destacadas figuras que participaram do almoço. Ao champagne o presidente da Associação dos Cronistas de Turfe do Rio de Janeiro, dr. Gerson Cordeiro, saudou o casal Peixoto de Castro e agradeceu a presença do dr. Mário de Azevedo Ribeiro, pedindo a seguir que o presidente do Jockey Club Brasileiro e o titular do Haras Mondesir, entregassem respectivamente, às senhoras Peixoto de Castro e Mário de Azevedo Ribeiro, belos apanhados de orquídeas. Voltaram todos à tribuna de honra do Hipódromo da Gávea para apreciar a disputa do G. P. Cruzeiro do Sul, prova ganha por Timão, da sra. Zélia G. Peixoto de Castro, que assim se candidata à tríplice-coroa.

No Salão das Rosas a diretoria do Jockey Club Brasileiro fez servir uma taça de champagne, tendo o presidente dr. Mário de Azevedo Ribeiro saudado o casal dr. A. J. Peixoto de Castro Júnior. A saudação foi respondida pelo dr. Peixoto de Castro, que de novo se declarou encantado por todas as homenagens que vinha, com sua esposa, recebendo e, por fim, deu conhecimento do destino que teria o prêmio conquistado por Timão: Seria, todo ele para os pobres. E sugeriu uma comissão composta das sras. Mário de Azevedo Ribeiro, Peixoto de Castro, Oswaldo Aranha e Olegário Mariano para escolher os beneficiados. Novas palmas coroaram essa comunicação. E foi dentro desse clima de cordialidade e alegria transbordantes que se concluiu a grande festa do dia 3 de junho no Hipódromo da Gávea.

Estiveram presentes ao almoço como convidados as seguintes pessoas: General Danton Teixeira, diretor geral da Remonta do Exército, embaixador Oswaldo Aranha, casal Dr. A. J. Peixoto de Castro, senador Daniel Krieger, drs. Carlos Teles e Carlos Gilberto da Rocha Faria, Linneo E. de Paula Machado, Euclides Aranha Neto, Roberto Seabra, Abelardo Aceta, Aloysio Francisco de Castro, Massilon Saboia, José Bstos Padilha, José Candido de Miranda, Dr. Inah de Moraes e Roberval Baeta Neves, criadores; dr. Albano Nova Monteiro, presidente da Associação dos Proprietários de Cavalos de Corrida; dr. Ricardo Xavier da Silveira, dr. Gerson Cordeiro, presidente da Associação dos Cronistas de Turfe do Rio de Janeiro; Egberto Land, presidente do Centro de Cronistas Esportistas de Turfe; Isac Moutinho, vice-presidente da Associação de Cronistas Desportivos; Comandante Mário dos Reis Pereira; drs. Julio Moura; Paulo Rubens Monte; Carlos da Cunha Amaral, Bernardo Chazan e Manoel Silva Gonçalves.

A diretoria, conselheiros e comissários do Jockey Club Brasileiro estiveram presentes nas pessoas dos drs. Mário de Azevedo Ribeiro, Francisco Eduardo de Paula Machado, brigadeiro Armando Trompowsky, professor Luiz Pinheiro Guimarães, dr. Jair Negrão de Lima, srs. Alvaro Carijó e Pedro Camargo; ministro Luiz Gallotti, desembargador Toscano Espinola, senador Alencastro Guimarães, almirante Augusto do Amaral Peixoto, deputado Danton Coelho, drs. Nelson Monte, Adair Eiras de Araújo, Celmar Padilha, Victor Bouças, João Saavedra, Alvaro Werneck, Carlos Velasco Portinho, Edgard Pereira Braga, Guilherme Pen-teado, Ibsen de Rossi, Jorge Marcondes, José Moreira da Fonseca, Paulo Burlamarqui, Renato Pacheco Filho, Eduardo Bahouth, Justo de Moraes, Alberto Paiva Garcia, Marino Machado, Oscar Aguiar Moreira, Adherbal Pongy, Augusto Niklaus Junior, José Manoel Fernandes, Bráulio Eugênio Muller, Humberto Schmith de Vasconcellos, Jayme Oliveira Santos, Pedro Magalhães Corrêa, José Caetano de Oliveira, Rodolpho Porto D'Ave e Jorge Tavares Guerra.



O dr. A. J. Peixoto de Castro Júnior quando agradecia ao dr. Mário de Azevedo Ribeiro, presidente do Jockey Club Brasileiro, as palavras com que enalteceu o feito de «Timão», ganhador do Grande Prêmio Cruzeiro do Sul

SEMANA ASTROLÓGICA

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 7 E 13 DE JULHO DE 1956
(HEMISFÉRIO SUL)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

- ★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — A semana lhe exigirá grande esforço físico e mental, é certo, mas lhe dará ótima compensação. Anuncia-se o maior êxito nos seus empreendimentos e nos negócios em que fôr parte. Bons lucros.
- ★ TOURO (21/10 — 20/11) — Os próximos sete dias serão favoráveis à constituição de sociedade, à organização de firmas, aos noivados e casamentos. Os três últimos dias do novo período favorecerão também as mudanças.
- ★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — Se tem necessidade de empréstimo ou da intervenção de pessoa influente em favor de uma pretensão sua, aproveite a oportunidade. Os dias 7, 9, 10 e 11 serão excelentes, no caso. Boa sorte.
- ★ CANCER (23/12 — 20/1) O leitor está incluído na lista dos favorecidos da sorte para a próxima semana. Os influxos então reinantes serão os melhores e darão toda chance nos negócios e nas iniciativas que tomar.
- ★ LEAO (21/1 — 20/2) — O novo período lhe promete contrariedades na vida sentimental, conjugal ou doméstica. Seu nome será enredado perigosamente por pessoa da sua própria «entourage». Previna-se, pois, e do melhor modo, nos quatro últimos dias da semana em pauta.
- ★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — A semana não se prestará para as iniciativas novas, para novos empreendimentos. O astro que lhe governa o destino escreveu, no céu, com caracteres de fogo, a seguinte frase: Não colherás o fruto do teu esforço. Deixe passar esse período desfavorável.
- ★ LIBRA (23/3 — 20/4) — O influxo planetário da semana será bem equilibrado. Sua produção normal não sofrerá alteração e os objetivos poderão ser realizados sem esforços maiores. Os três primeiros dias serão os melhores.
- ★ ESCORPIÃO (21/4 — 20/5) — Há perigo de traição. Companheiros desleais poderão comprometer-lhe o nome, criando-lhe uma situação embaraçosa. Evite as companhias mais duvidosas e, em qualquer sentido, não emita cheque em branco.
- ★ SAGITÁRIO (21/5 — 23/6) — Não durma no ponto. A sorte passará ao alcance de suas mãos, mas a galope. Antecipe-se em tudo no curso da semana, pois, não o fazendo, ficará apenas, com a notícia do que passou...
- ★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — Os melhores dias da próxima semana, no seu caso serão os quatro primeiros. Haverá, no período, surpresas agradáveis e boas notícias de parentes ou amigos distantes.
- ★ AQUÁRIO (23/7 — 21/8) — Não se exceda em libações ou na mesa. Seja comedido em tudo o que fizer ou disser, no benefício da sua economia física e moral, os dois domínios ameaçados pelo influxo astral da semana.
- ★ PEIXES (22/8 — 20/9) — O leitor vai ser dominado, durante a semana, por um certo sentimento místico. A alma reclama, por vezes, o seu alimento e esse alimento é a prece, a oração, o recolhimento ou a contemplação. Atenda ao chamado interior.

OS NOMES DA SEMANA

Julho, 7	—	Eutrópio	—	Eliana.
" 8	—	Juvêncio	—	Almerinda.
" 9	—	Sitonho	—	Sueli.
" 10	—	Carmelo	—	Eudora.
" 11	—	Donato	—	Silvana.
" 12	—	Hermano	—	Sofia.
" 13	—	Eurico	—	Eriza.

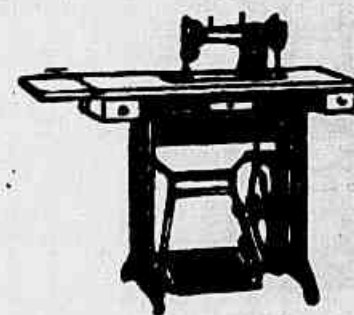
EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio dia de Greenwich

Julho, 7	15° 19' 08"	(Signo do Câncer)
" 8	16° 14' 22"	" " "
" 9	17° 13' 36"	" " "
" 10	18° 10' 49"	" " "
" 11	19° 8' 3"	" " "
" 12	20° 5' 17"	" " "
" 13	21° 2' 31"	" " "

NOTA — As efemérides e as tábuas astrológicas de que nos servimos são preparadas para o hemisfério norte. Nas previsões para o hemisfério sul, temos de invertê-las para que os prognósticos correspondam à realidade, como acontece em relação aos fenômenos cósmicos. Observamos, neste particular, a doutrina e a técnica do Colégio Astrológico de França, único centro, em todo o mundo, de astrologia verdadeiramente RACIONAL E CIENTÍFICA.

MAQUINAS DE COSTURA EM GERAL
Importações diretas de várias procedências
Motores, Móveis e Acessórios em geral
VENDAS A VISTA E A PRAZO
ATACADO E VAREJO



CASA MOACYR

MOACIR LINDOSO

NOSSO LEMA: VENDER BARATO PARA VENDER BASTANTE

RUA ORIENTE, 267 — FONE: 9-9810 — SÃO PAULO

Representantes exclusivos das máquinas de costura CLIMAX no Brasil.
Aceitam-se representantes para todo o país.

ESPECIALIDADES FARMACÊUTICAS

Consagradas pela tradição
e por sua eficiência
comprovada

Gynegon
Stopyl
Valemin
Citrobi
Titanol
Colomy
Chromogon
Coqlucin
Yakritamin
Tuberculina
Anti-infectuosa

Fabricante e Distribuidor:
INSTITUTO BIOLÓGICO DO RIO DE JANEIRO, LTDA.
Rua Santa Luzia, 799-13º and. — Tel. 22-0902 — RIO

COMO APRENDER A DANÇAR

7ª EDIÇÃO AMPLIADA



Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Choro e Marcha.
Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início sem cavalheiro ou sem dama.
Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Avenida da Liberdade nº 120 — São Paulo.
Pedidos pelo reembolso postal: Cr\$ 70,00 — Caixa Postal 649 — São Paulo. A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

EM PORTUGAL: A venda na Livraria Clássica Editora
Praça dos Restauradores nº 17 — Lisboa

"Mil" lhe oferece:

PORTA MALAS
SUPER LUXO
CROMADOS-PINTADOS

REMOVIVEL - COLOCAÇÃO FACIL

Pessoal Técnico Especializado
GARANTIA e HONESTIDADE

R. MEXICO - 98 A

52-1066 - 22-6144 RIO DE JANEIRO



A

O participar a meu velho tio da minha resolução de partir para aquela pequena cidade distante, não esperava nenhuma palavra que me dissuadisse da idéia. Havia terminado meus estudos e não desejava mais permanecer no mesmo lugar. Aquela casa onde passara a infância, oprimia-me, angustiava-me. Era um prédio sólido, construído de pedras, outrora alvas, mas que o tempo escurecera, e não seria triste se fôsse possível abrir as janelas. Mas isto era terminantemente proibido, portanto a penumbra reinava ali todo o tempo nunca se sabendo se era dia ou noite lá fora. Sômente quando em meu quarto, é que escancarava as

esquadrrias e respirava forte, ávido de ar puro.

Foi depois do jantar, única hora em que nos víamos, que lhe comuniquei meu projeto de partir. Limitou-se a levantar a vista da toalha, onde habitualmente a tinha pregada e fixá-la em mim, com uma expressão vasia que eu nunca soube precisar. Era um olhar largo abran-

no grotão, qrrastados pelas alimárias. A morte fôra instantânea e só se esperava socorro para retirarem os corpos.

Se chorei, foi por ver o desespero contagioso da criadagem. Antônia beijava-me entre lágrimas e dizia-me todo o tempo, quase sem parar:

— Meu querido menino, que desgraça, meu Deus! Meu querido menino...

O som da sua voz, seu rosto molhado, enervavam-me e os soluços oçorriam-me sem cessar. Mas na hora do entêrro mal tive tempo de chorar. Tudo aquilo era novo para mim. Os panos negros que caíam dos portais com imensas cruzes douradas, as chamas das velas que se alongavam bailando trêmulas, era um espetáculo que eu nunca presenciara. E até meus pais estendidos, lado a lado em atitude serena, pareciam-se criaturas estranhas.

Tempos depois levaram-me dali. Antônia, a boa Antônia seguiu comigo. Pouco falamos e só me pôs ao par da minha nova vida, quando nos aproximávamos da minha atual moradia. O casarão, no meio da noite, tinha um aspecto sombrio.

— Vamos para casa do seu tio Carlos, irmão

de seu pai, e em sua voz havia uma imperceptível mudança.

Comecei a estudar dia e noite numa ansiedade doentia. Precisava terminar quanto antes meus estudos, tornar-me independente e largar pora sempre aquela casa. Qualquer coisa lá dentro, me sufocava, me atormentava, sem eu saber definir o quê. Sômente Antônia procurava me agradar com carinhos infantis e meigos, e foi sômente ela quem chorou ao saber que eu partiria tão breve.

— Meu menino, falou-me inquieta, com os olhos claros embaçados pelas lágrimas e pelos anos, por que não fica aqui?

— Não posso. Antônia, tenho de ir embora. Você não pode compreender o que sinto. E' como se tivesse sido prisioneiro todos êstes anos. Não sei bem explicar o motivo, mas eu sufoco, Antônia, eu sufoco.

A pobre mulher nada falou. Apenas seu rosto fatigado, pareceu ainda mais velho que antes.

E comecei os preparativos. Assaltava-me um desejo ardente de partir, de fazer tudo só, arrumar os livros, emalhavam num canto, destruir por um tempo e

A Casa de Pedra

gendo o ambiente, sem limites definidos, e no entanto, olhar que parecia perfurar-me a alma.

Como continuasse em seu mutismo, prossegui:

— Devo partir por todo êste mês. Preciso começar a minha vida, pois já fui bastante pesado ao senhor. Talvez que um dia eu lhe possa recompensar de tudo o que fêz por mim, terminei.

Por pouco não saíra a palavra pagar, mas não ficaria adequada em semelhante ocasião. Afinal de contas eu não poderia me queixar de tio Carlos. Nunca tivera para mim, um gesto ou uma palavra de carinho, mas também nunca me maltratara. Simplesmente me ignorava. Exatamente: era isto, ignorava-me. E nunca deixou dúvidas de que seria sempre esta, sua atitude a meu respeito.

Recordo-me de um modo confuso da noite em que fôra levado à sua casa. Estava escuro e deveria ser bem tarde já.

Eu ficara com minha ama Antônia, pois meus pais bem antes que eu acordasse haviam saído de carro. Não os vira partir, mas pensava ter ouvido o barulho das campainhas e dos cavalos. Não sei, porém, se realmente lembrava dos fatos, ou se de tanto ouvir falar nêles naquele dia, era como se os tivesse presenciado. As vezes isto acontece e a imaginação e a realidade se fundem de tal maneira, que não podemos limitar onde começa uma, e a outra acaba.

O que posso lembrar com exatidão, foi o momento em que alguém trouxera a notícia. O acidente com o carro fôra fatal e meus pais jaziam

mais velho de seu pai. Doravante passaremos a viver lá, terminou com ar melancólico.

Ao penetrar na sala escura, avistei um vulto, sentado numa cadeira de braços. Esperei um gesto de carinho, como estava acostumado com meu pai, mas o gesto não veio. Os meus olhos, já então acostumados à penumbra, puderam vislumbrar o homem ali sentado. Deveria ser moço naquele tempo, presumo, mas para a infância só existem os grandes e as crianças. E a forma imprecisa, ali sentada, não sei se pela atitude de desencanto, pareceu-me extremamente velha.

Estendi-lhe a mão que êle fingiu não ver e falou como se a voz pertencesse a outro, cansada e rouca.

— Seu jantar está pronto. Você ficará comigo, mas lembre-se que sômente pelas circunstâncias veio para esta casa. Eu sou seu único parente, continuou contrafeito, portanto é preciso me obedecer em tudo. E não se esqueça, não quero ser incomodado em nada.

Foi o maior e único discurso que fêz durante os longos anos em que ali passei. Geralmente suas palavras eram poucas e breves, na maioria das vezes um leve acenar de cabeça. Em tôdas as tentativas que fiz para conquistar-lhe o coração, sentia como se houvesse uma barreira intransponível entre nós dois. Em seguida, com um indistinto acenar de mão, deixou-me ir.

No entanto, em sua segura dalma, não se descurou dos meus estudos. Fêz-me ir a bons colégios, mas nunca se interessou por meus progressos.

Quando finalmente mais tarde transmiti-lhe meu desejo de seguir medicina, redarguiu:

— Muito bem, aí estão ainda todos os livros



emalar as roupas que pendiam dos cabides. Sentia-me por vizes febril, excitado, numa vontade louca de que os dias passassem e que pudesse ir-me embora para sempre.

Uma noite, ao jantar, meu tio inesperadamente rompendo o silêncio falou:

— Então...

Nem lhe deixei terminar a pergunta. Antecipando-lhe a frase, respondi abruptamente:

— Sim, pelo fim da semana devo partir, e lixei a fixá-lo, talvez pela primeira vez, com a petulância da juventude.

Mas detive-me atento. Meus olhos acostumados pela profissão, observaram qualquer sinal diverso, no rosto alterado.

Não mais falamos e a refeição transcorreu num mutismo denso. Apenas o tilintar dos talheres e das porcelanas quebravam o silêncio em torno.

Pela madrugada, despertei com toques aflitos à minha porta. Acordei estremunhado, não percebendo bem aonde me encontrava, tal era a desordem no meu quarto. Pedro, o velho criado, tinha a expressão transtornada e falava aos arrancos:

— O sr. Carlos, patrãozinho, o sr. Carlos...

— O que há com êle, indaguei nervoso, anda, homem, fala.

— Venha, venha, êle está morrendo.

Assim mesmo de pijama, apesar do frio da noite, percorri os longos corredores intermináveis, como se voasse.

Nem precisei auscultá-lo, ou tomar-lhe o pulso. Percebi logo o seu estado e a lembrança de sua fisionomia desfigurada ao jantar, voltou-me à mente. Ali permaneci por toda a noite, resoluto de salvar aquela vida que parecia querer se extinguir. Pela manhã exausto, convenci-me de que o doente melhorara um pouco. Mas havia acontecido o inevitável e a paralisia tomara-lhe os membros. Exclusivamente os olhos tinham vida e acompanhavam-me inexoravelmente pelo quarto enquanto eu andava. Até a voz havia se extinguido. Uns sons roucos saíam-lhe da garganta, inexpressivos e agonizados.

Não era mais possível deixar o pobre homem em tais condições. Os medicamentos deveriam ser administrados com certeza absoluta. Uma única falha e o coração fatigado poderia deixar de bater.

Era-me intolerável ter seus olhos focalizados em meu rosto, como se de mim lhe viesse a salvação.

Na quarta noite de vigília inesperadamente seu estado se agravou. Fazia-se urgente aplicar-lhe uma injeção para a luta contra morte. Corri para a cozinha em procura de ajuda e os longos e frios corredores pareciam nunca ter fim.

Vozes abafadas conversavam. Reconheci-as de pronto e não teria permanecido atento se o nome de minha mãe não tivesse sido pronunciado por Antônia. Pareceu-me estranho falar nela naquele momento pois desde que viéramos para aquela casa ninguém mais pronunciara uma palavra a seu respeito, como se evitando algo desagradável.

— Pobre Sinhá, morrer daquela maneira... Eu ouvi tudo, estava no quarto ao lado e ouvi quando ela disse tudo ao patrão. Para que foi fazer isto? Não precisava. Seu castigo seria o remorso para toda a vida. Coitadinha, não comia, não dormia e parecia uma louca de tanto chorar. Deus que me perdoe, nunca acreditei naquele acidente.

Um breve silêncio e Pedro falou:

— Você acredita mesmo que êle a matou?

— Acredito. Foi muita coincidência êles terem morrido logo no dia seguinte em que Sinhá contou que o menino era filho do sr. Carlos.

A princípio as palavras não formaram sentido. Quando consegui compreendê-las foi como se tivessem arremessado uma pedra em meu peito. Cambaleei atônito e retrocedi com um grande vácuo dentro de mim.

Não sei o que expressava o meu rosto no momento. Recordo-me apenas que apertava furiosamente os maxilares um de encontro ao outro como se lósse arreventá-los.

Penetrei no quarto do doente. Deveria ter a expressão enlouquecida, pois os olhos dêle apa-

vorados, não me deixavam um instante. Tive a sensação estranha de que adivinhava o que se havia passado, pois debatia-se na cama e a garganta emitia alguma coisa, que nada mais era que sons confusos. E em sua face havia um terror acabrunhante.

Cortei a ampola, tomei a seringa e lentamente suguei o líquido. Minhas mãos não tremiam mas sentia uma dor dentro do peito. Então aquele ali deitado era o meu verdadeiro pai. E todo o tempo tratara-me como se eu lósse o culpado da tragédia que se abatera em sua vida. A medida que pensava em minha infância abandonada, uma raiva intensa foi se apoderando de mim.

Em minhas mãos, a seringa enchia lentamente, cuidando para que a dosagem lósse exata. Um descuido, seria fatal.

Preparei-me para aplicar-lhe a injeção. Sentia minha testa molhada, apesar do frio da noite.

Minutos depois êle expirava.

Nunca mais abandonei esta casa. Nunca mais atendi a um só doente.

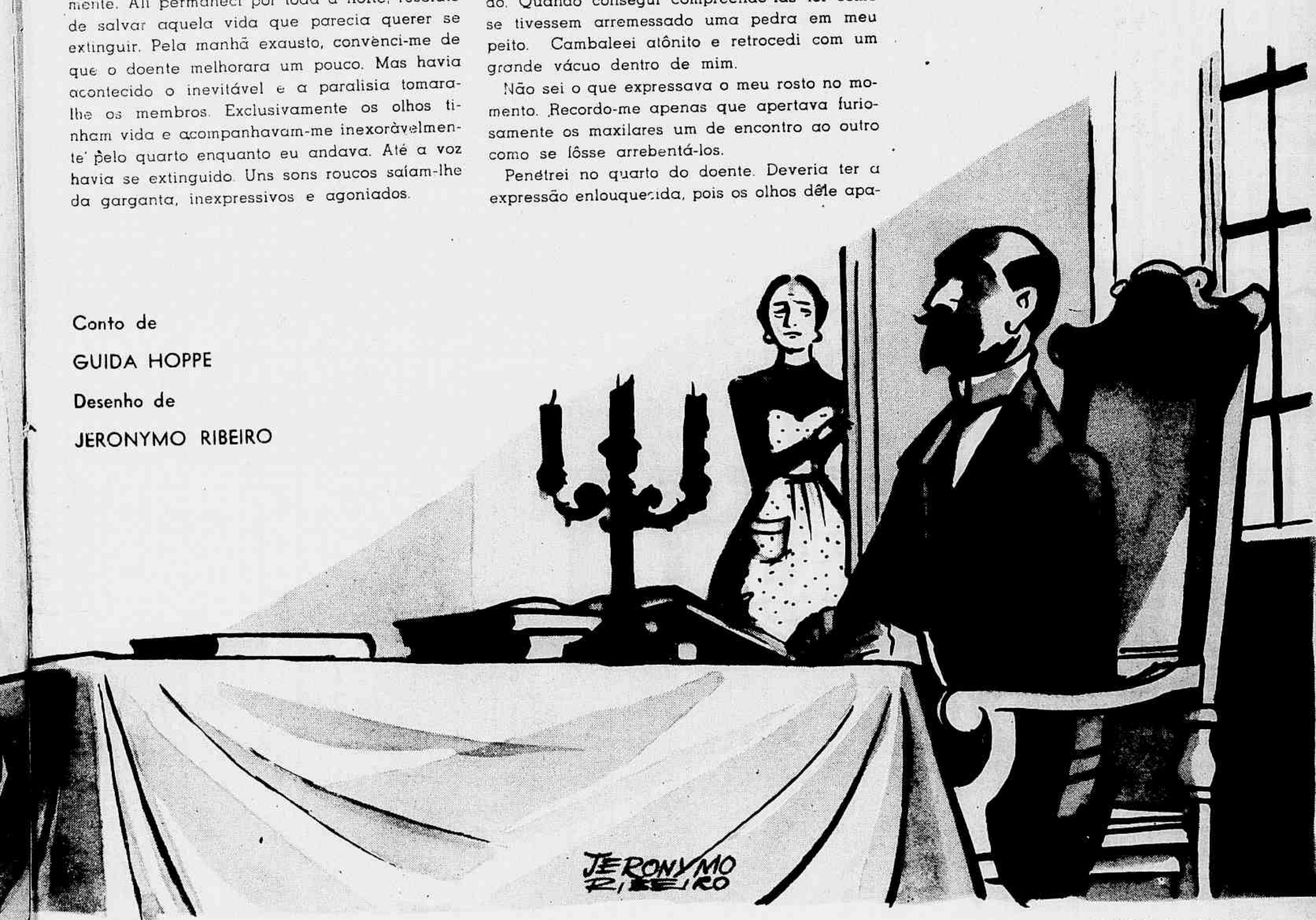
Ficava longas horas na mesma cadeira em que o via sentado, tendo talvez em mim a mesma atitude de desencanto. Procuro convencer-me de que não o matei, de que a dosagem estava absolutamente certa. Como poderei, no entanto, responder pelos meus atos, no momento em que sentia por aquele homem, meu pai, um ódio intenso? Que sabemos afinal do nosso íntimo? E a dúvida me tortura dia e noite. Serei eu o culpado? Teria sido o seu coração? Oh Deus, como poderei saber?

Conto de

GUIDA HOPPE

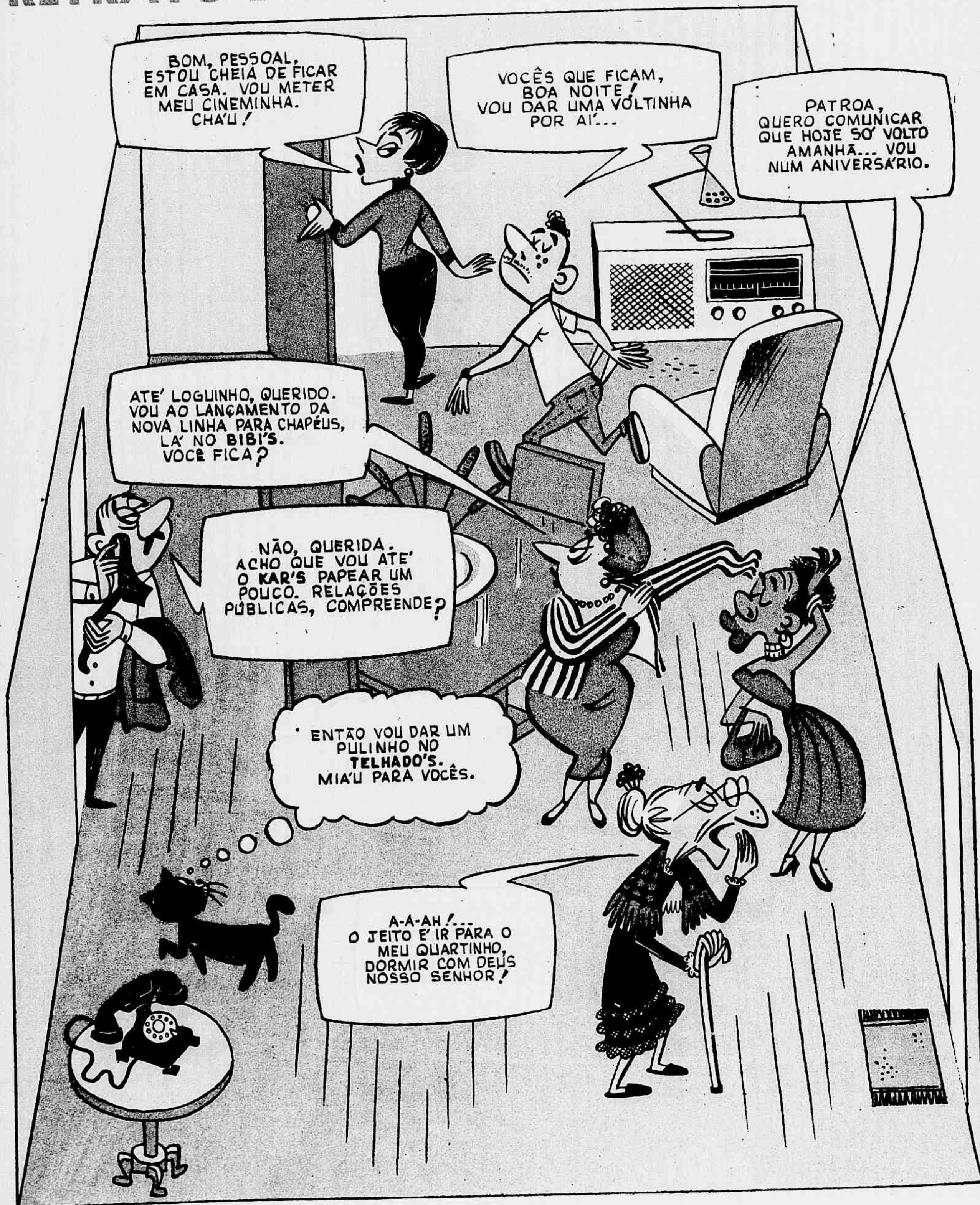
Desenho de

JERONYMO RIBEIRO



FORTUNA (de saída) APRESENTA

RETRATO DE FAMÍLIA SEM TELEVISÃO



RETRATO DE FAMÍLIA COM TELEVISÃO



Conversa de Mulher

LÍGIA JUNQUEIRA
Desenho de JAIRÓ

“Enxaqueca” — uma desculpa

◆ A «enxaqueca» é um mal tipicamente feminino, os homens, quando muito, se queixam às vezes de «dor de cabeça». A literatura do século passado está cheia de páginas descritivas das enxaquecas de personagens frágeis e delicadas. Não é preciso mesmo ir tão longe: no livro de Cronin «Sob a luz das estrelas» há uma moça que sofria de enxaquecas terríveis que eram curadas pela irmã de maneira um tanto enérgica. Os próprios anúncios de comprimidos antinevrálgicos, com tipos femininos de rosto convulsionado, contribuem para divulgar entre as mulheres a atitude típica de uma enxaqueca, pose que adotarão à primeira contrariedade. Pois aqui vai um conselho: não abuse da enxaqueca como uma proteção contra as muitas e inevitáveis coisas de que não gosta e tem que fazer. Não impeça as crianças de brincarem porque fazin barulho e você tem «uma terrível enxaqueca». Nem deixe de acompanhar seu marido ao cinema (exatamente no dia em que ele queria ver um filme de aventuras — por coincidência.) pelo mesmo motivo. Nem dê esse pretexto para livrar-se de fazer uma visita que acha «caete».

Lembre-se que os homens detestam as indisposições e pequenas doenças femininas e que, além disso, **não acreditam nessa desculpa**. Se tem mesmo dor de cabeça tome um comprimido e vá ao cinema ou faça a visita com boa vontade. Se a sua dor de cabeça não passa com comprimidos então procure um médico.

SEM CONTAR VANTAGEM

◆ Pois é isso. O mundo está cheio de mulheres jovens e menos jovens que trabalham para viver, que vivem por sua conta, que resolvem sozinhas seus problemas e nem por isso deixaram de ser femininas. A mulher emancipada é uma realidade e nem de longe se assemelha às figuras masculinizadas com que os caricaturistas representavam aquelas que, no começo do século, tinham idéias avançadas ou «feministas». No entanto, sem perder as suas características de «sexo fraco» muita jovem hoje em dia sustenta mãe e irmãos, e muita senhora consegue manter o marido inválido, ou educar com sucesso uma multidão de filhos. E sem contar vantagem.

PARA O INVERNO

Costume em quadriculado preto e branco, com debruns e botões em Veludo. A vista-segala em linho engomado é um dos detalhes elegantes para este inverno. Modelo italiano.



SUA BELEZA

O verniz de unhas de tonalidade vibrante, e até mesmo escura, está pouco a pouco voltando à moda, em vez dos tons claros que se usaram no ano passado. No entanto só deve ser usado por aquelas que possuam unhas bem longas.

É preciso que você se lembre de, ao menos duas vezes por mês, lavar as escovinhas de unhas, de olhos e de sobrancelhas, as esponjas de pó e de rouge, as escovas de cabelo e os pentes. O sucesso de sua maquiagem depende, em grande parte, da limpeza e da ordem que reinam em seus objetos de tualite.

Ninguém pode se sentir bem disposta dormindo menos de oito horas. Um quarto arejado e escuro, uma cama confortável, são, sem dúvida, o melhor tratamento de beleza que se conhece. Somente depois de uma noite bem dormida seu rosto pode se apresentar fresco e jovem.

Para fazer crescer as pestanas: passe, muito levemente com uma escovinha, um pouco de pomada de «óxido amarelo de mercúrio». Tome cuidado ao aplicá-la, levemente, como ficou dito, para que as pálpebras não fiquem irritadas.



WEEK-END NA COZINHA

◆ Provavelmente você já percebeu que estamos em plena época da couve-flor. Encontram-se em abundância nas feiras e nos caminhões de verduras, por um preço bem mais baixo que há um mês atrás. A couve-flor é um dos legumes de mais delicado sabor, tanto cozida, com óleo ou com molho de manteiga, quanto em forma de deliciosa sopa-creme.

A receita de hoje, porém, é melhor que tudo isso: COUVE-FLOR COM MAZZARELLA.

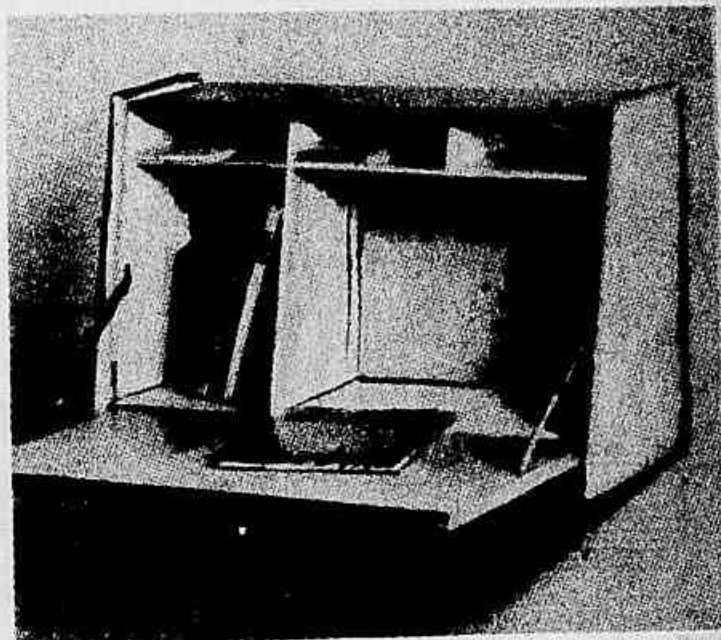
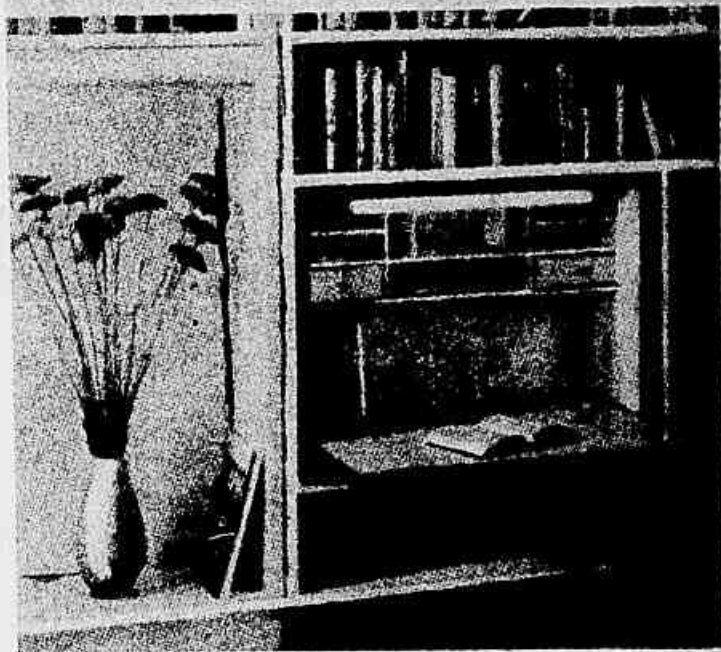
1 — Separam-se os «buquês» da couve-flor, e põem-se de molho em água com limão, ou água com vi-

nagre para limpar melhor. Depois de umas duas horas lavam-se muito bem debaixo da torneira.

2 — Cozinham-se em água, sal e um pouco de leite (uma xícara ou um copo, mais ou menos) que é para suavizar o gosto.

3 — Arruma-se a couve-flor numa fôrma de pirex, untada de manteiga, dispondo os «buquês» numa camada única. Por cima espalham-se pedacinhos de manteiga e arrumam-se as fatias finas de mozzarella.

4 — Põe-se no forno por alguns minutos para derreter a mozzarella. Serve-se assim que sair do forno.



TRÊS IDÉIAS

... para uma escrivaninha, confortável para ler ou escrever. Embutida numa estante de livros, suspensa da parede, ou em pequeno móvel, de qualquer forma ocupará lugar ínfimo em seu apartamento. Observe que todas elas dispõem de escaninhos numerosos para a boa ordem de seus papéis e de sua correspondência.



J.T. VAI RECEBER. — Na quinta-feira desta semana, este colunista vai receber juntamente com a srta. Diva Dolabela uma flotilha de bonitas jovens da sociedade para um chá na "boutique" da "Après-Midi". Esse acontecimento será fotografado pela revista "Rio". — E na sexta-feira o colunista receberá um pequeno grupo no famoso restaurante francês "La Cremaillère", em homenagem à senhora Fernanda Pires da Silva, que está de partida para a Europa. Esse acontecimento será fotografado pela REVISTA DA SEMANA.

Grand Monde internacional

♦ Jeff Chandler convidou a atriz Joanne para substituir Linda Darnell no papel principal de "Drango", como já noticiei em "preview" para vocês. Esta é a primeira produção independente do Jeff. — A princesa Grace Kelly estreou como "hostess" recebendo sir Winston Churchill para um almoço. Começou muito bem. — O conhecido magnata Jack Mintz é o atual romance da sra. Julie Gabor. Julie, como vocês sabem, é a mãe das três irrequietas irmãs Gabor. Com este seu novo romance, está passando as filhas para trás em matéria de saber pescar milionários. — Cy Feldman, ex-romance de Anita Ekberg (que é a atual sra. Anthony Steel), negou-se a presentear Anita com um casaco de "vison" azul. — A esposa do ator Stuart Holmes, que é a conhecida astróloga Branca Holmes, vai fazer uma excursão através de várias cidades, a fim de pronunciar conferências sobre "O casamento e Hollywood". — Nikolas Eden, filho do premier Anthony Eden, anda cortejando a ex-miss Carol Matthews em Londres. Fala-se em casamento. — Continua muito comentado em Hollywood o triste fim de romance entre Jeanne Crain e Paul Brickman. — A figura do milionário brasileiro Jorge Guinle, que no momento se encontra em Hollywood, é vista com frequência em companhia das mais famosas beldades da Meca do Cinema. — A sra. Donald Caldwell, que é irmã da princesa de Mônaco, acaba de receber a visita da cegonha: uma menina que deverá chamar-se Grace, em homenagem à titia princesa. — Norman Brooks é o novo imitador de Al Jolson nos "States". Norman terá agora como seu terrível rival no Brasil o nosso Chuck Woodward, do "shows-busines" de Carlos Machado. — Kim Novak, que durante sua visita à Europa andou de par constante com o conde Mario Bandini, nega agora em Nova York que tenha compromisso de casamento com o referido conde. Tenho a impressão de que o coração da loura Kim continua voltado para seu ex-namorado Mack Krim. — Marlon Brando estreou um novo romance. Ela chama-se Anna Kashfi, nome pouco conhecido dos "gossips makers" de Hollywood. Mas a verdade é que Anna Kashfi é uma bela atriz, filha da Índia Oriental.

Gossips

♦ Pouca gente sabe que o conhecido senhor Joaquim (Après-Midi) Miranda casou-se no começo do mês que passou, com a srta. Maria Antônia Gonçalves. Os recém-casados passaram a lua de mel em São Paulo e Guarujá. — Já descobri o romance do elegante senhor Mauro Vasconcelos. Seu nome é Nância Miranda. Eles estão saindo juntos com uma frequência "record". — Fui informado de que o sr. Poli Lerena está de casamento marcado com a sra. Miriam Aranha, e parece que será para breve. — O comentado casamento entre a sra. Ruth Almeida Prado com o milionário americano Hickman Przewoski, "Gélot"... Pois o sr. Hickman é casado nos "States" e a exploração do ex-futuro casamento foi feita por algum "bisbilhoteiro" sem notícia. — O galante Cesário Melo Franco, que estacionou por alguns dias no Rio o bonito manequim Denise, do costureiro Givenchy, anda melancólico depois que Denise decolou para Paris. — Na semana que passou, a bonita Diva Dolabela recebeu telefonemas interurbanos de São Paulo, de uma figura muito conhecida. Vocês sabem quem é? — Maria Helena Prado disse-me que tinha novo namorado. Maria Helena disse-me ainda que não era verdade a notícia que Alexandre Camacho havia dado ao colunista sobre uma carona de automóvel publicada no primeiro número de "gossips". — A "beaut" Ludmila Popov ainda está sem namorado. Continuo aconselhando Ludmila a vir com mais frequência ao Rio. — Wilde Pinheiro e Elza Marina Moletta acabaram o noivado e subiram ao altar no dia 29 do mês passado em Belo Horizonte. — Parece que Lígia Coutinho anda SNOBANDO determinados "boys", depois que chegou de Buenos Aires. Será que Lígia deixou algum romance por lá? — Não é verdade o que certos colunistas têm noticiado sobre o casamento (agora) de Ilde Garavaglia com o paulista João Batista Amaral Filho. Continuo afirmando para vocês que esse romance já está ficando "Gélot". — A bonita Maria José Cardoso não tem namorado. Zezé confessou que é minha leitora assídua. Merci. — No próximo número tenho "gossips" paulistas para vocês.

Pequenos Flashes

O GÉLOT VIROU NOTÍCIA — O clássico chapéu "Gélot", de que até bem poucos dias muito pouco se falava transformou-se agora em notícia de primeiro plano. Por quê? É muito simples explicar. Depois que o colunista passou a usar o "Gélot" e a comentar com frequência o referido chapéu, inclusive se apresentando nesta coluna com o "Gélot", como vocês podem ver, certos colunistas passaram também a falar sobre o uso dele, sendo que uns confundem esse clássico chapéu inglês, que foi usado por sua Majestade Eduardo VII, com o muito vulgar chapéu "côco", que anda circulando por aí, comprado à preço módico. Com isso eu não concordo. Principalmente quando certo colunista disse que certo cantor de rádio estava de chapéu "Gélot" na cabeça. Não é que eu esteja contra o cantor de rádio por usar esse chapéu, mas simplesmente porque acho impossível isso ter acontecido, uma vez que não existe mais chapéu "Gélot" à venda no Rio. Como disse num programa de televisão, são poucas as pes-

soas no Rio a usar o "Gélot". Destacando-se o colunista e o embaixador Negrão de Lima. Por esta é só. — A sra. Nilza Vasconcelos já está de volta do Velho Mundo, depois de percorrer vários países, visitando as mais luxuosas casas de moda, a fim de trazer os últimos lançamentos para o grande desfile que a "Après-Midi" vai realizar em setembro próximo no Golden-Room do Copa. — O último número da revista RIO já está nas bancas com bonitas reportagens sobre os últimos acontecimentos do "high society", sob a direção do grande Henrique Pongetti. — A bonita modelo Ilka Soares, da Canadá de Luxo, supera qualquer dos mais famosos de Paris. Ilka (sra. Anselmo Duarte) tem muita classe e beleza. — Numa recente terça-feira, compareci como convidado do programa "Samba em "black-tie", da Casa Elmo. Na ocasião, fui entrevistado pelo seu muito perfeito "public-relations", Oscar da Rocha. Asseguro a vocês que esse programa vai realmente de "bola na rede". — O restaurante francês "Bistro" continua

funcionando com elegante frequência. Lá, come-se o melhor "stroganoff" do Rio. — No Sacha's, o organista Jorge Henrique, que toca para jantar, é realmente dos diabos. Como toca o rapaz. — O jornal do jovem jornalista Carlos de Brito (batizado "A Seiva") vai de "bola-na-rede". O rapaz promete muito. — Os embaixadores da Espanha receberam para uma "recepção" no dia 22 do mês passado, na Embaixada de seu país, a sociedade carioca. Na ocasião foi feita a entrega da Ordem do Mérito Civil ao presidente da ABI, sr. Herbert Moses. —

P.S.: Estou chegando de São Paulo, depois de assistir ao maior "casamento do ano", e de passar alguns dias no Planalto, em contato com o "society" local. Para o próximo número, aguardem reportagem. — O chapéu "Gélot" continua em cima. — A bela cantora de fados Ester de Abreu vai fazer uma temporada na "boite" Oasis, de São Paulo, de 15 dias.



Wania Junqueira eleita a mais bonita.
E' um amor.



Verinha Sabóia, foi a «Sinhá Moça» da festa.



O cronista Ronaldo Altílio entrevista
a loura New Cobra.

Festa Junina

Foi no Lagoinha Country Club e teve o patrocínio exclusivo desta coluna, cuja reportagem apresento agora para vocês, como havia prometido no último número. Esta festa esteve muito concorrida e muita gente compareceu vestida a caráter, como manda a tradição nos acontecimentos caipiras. Seu ponto alto foi quando da realização do bonito e diferente desfile, ao fim do qual um júri organizado pela senhora Fernanda Pires da Silva escolheu as cinco mais destacadas jovens bonitas da noite, que participaram do desfile. Foram elas: Verinha Sabóia, que recebeu o prêmio de «Sinhá Moça»; Solange Haouche, a «mais

elegante»; Gilda Joppert, a «mais original»; Irene Dellingshousen, a «mais graciosa»; e finalmente Vânia Junqueira, que foi escolhida a moça «mais bonita da noite». Houve uma jovem participante do desfile que batizou o chapéu com o qual ela desfilou de «Gélot», coisa que foi muito comentada. O sr. Albino Avelar, que parece estar um pouco menos... «Gélot», foi o mestre de cerimônia da noite. Notei que a loura New Cobra, que tomou parte ativa na organização dessa noite, não escondia sua alegria. Pois a festa foi um «bola na rede» muito positiva.



Irene Dellingshousen, a mais graciosa.



Solange Haouche, a mais elegante.



Gilda Joppert, a mais original.

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 280,00 — Casal 380,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

SÃO PAULO — End. Electr. «PRINCIPEHOTEL»



BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil:
Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 706
Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro
Ltda. — Queiram enviar-me por Re-
embolso Postal um vidro de «BÉL-
HORMON» Nº

NOME
RUA Nº
CIDADE
ESTADO

Preço para todo o Brasil: Cr\$ 88,00

CALÇADO



Máximo conforto
garantia absoluta

LEIAM

ESPORTE
ILUSTRADO

★
TODAS AS
QUARTAS-FEIRAS
PREÇO CR\$ 5,00

O POLVO

(Continuação da página 11)

— Diga-me a verdade, Varia. Você sabe que não me deixo enganar. Sou capaz de arrancar a verdade das entranhas da terra. Que se passou? Fale?

— Sim, foi aqui... aqui...

Aniuta levantou-se. Tremia como se estivesse com febre. Seu rosto tinha uma expressão horrível.

— Você está mentindo, miserável! Isso não é verdade! Não é verdade!

E, encolerizada, deu uma bofetada na rapariga.

Andriuscha amparou-a e fê-la sentar-se no sofá.

— Isso não aconteceu, canalha! Não aconteceu! Ainda que a tenha de estrangular, arrancarei toda a verdade. Você não me escapa. Fale: então aconteceu o que você diz?

Varia, meio morta, afogava-se em soluços.

— Tia! Tia Aniuta!

A Riabov voltou a resmungar:

— Por que chorar assim, Varia? O que aconteceu, aconteceu. Já mostrarei como nos torturaram. Agora não é permitido maltratar.

— Cale-se!

Aproximei-me de Varia e afaguei-lhe os cabelos.

— Diga-me, Varia, Kovaliov prometeu colocá-la na fábrica, dar-lhe bons ordenados, e comprou sapatos, meias e blusas para vocês, não é verdade?

Sem interromper os soluços, ela fez um movimento afirmativo com a cabeça.

e sussurrou:

— Sim, o camarada Kovaliov é que nos induziu a isto. Mandou que escrevêssemos umas coisas... fomos à noite à sua casa... onde nos dava vinho...

Aniuta, que parecia uma loba ferida por um tiro, estava a pique de sofrer um ataque de nervos.

— Você está a mentir de um modo infame! Você enredou-se numa enleada de mentiras como uma prostituta!

— Não, tia Aniuta, não! Juro-lhe que é verdade... Tia Aniuta!...

A Riabov começou a exasperar-se:

— Hei de moer-lhe os ossos, Varia! Você é uma cachorra imunda. Já sei o que lhe hei de fazer...

Varia ergueu-se, de repente, arrancou os sapatos dos pés e arremessou-os à cabeça da Riabov. Depois, tirou as meias, num puxão brutal, e as atirou à porta.

— Tome, porca; tome! Coma isso! Não foi você que me meteu nesse negócio, prometendo-me mundos e fundos? Coma toda essa porcaria, miserável!

Aniuta mandou a Riabov retirar-se e encerrou-se num quarto com Varia.

Quando voltou a sentar-se à mesa, já havia recobrado a tranquilidade.

— Mostre-me o papel, Grischa!

Aniuta correu algum tempo os olhos pela folha escrita pela rapariga, e caiu meio morta, presa de uma forte convulsão nervosa.

Eu me sentei junto dela e tratei-a com todo o carinho.

— Aniuta, minha boa amiga! Como é possível que tenha chegado a ser minha inimiga? Você, minha querida Aniuta!

Ela afastou prudentemente, como uma sonâmbula, o meu braço. Levantou-se depois e, sombria, como se presidisse a uma reunião do Comité da célula, declarou:

— Camaradas, amanhã mesmo enviarei ao Comité do Distrito uma declaração demitindo-me do cargo de secretária. Não sou apta para dirigir uma célula do partido. Que me enviem novamente para o tear. E' coisa resolvida.

E, sem despedir-se, sem ao menos nos olhar, abandonou a saleta.

Varia retirou sua denúncia e trocou-a por outra contra Kovaliov. A Riabov insistiu em sua declaração. O assunto seguiu o curso regular. Por disposição imediata das instâncias superiores, fui destituído de meu cargo de diretor da fábrica até que o Tribunal se pronunciasse.

Por esse tempo chegou, inesperadamente, uma carta de Saratov. Continha uma série de documentos e notas sobre Kovaliov. O camarada informante escrevia:

«Não compreendo como podeis tolerar entre vós semelhante sujeito. Nós o expulsamos do Partido, por considerá-lo um indesejável arrivista. Hábil e es-
corregado como um peixe, tem conseguido sempre sair enxuto d'água, esca-
pando a todas as situações».

A isso se deve, pois, este desânimo entre nossos camaradas. Que querem? Fomos chamados para criar uma nova vida, transformar radical-
mente todo o sistema de relações económicas e sociais. Somos jovens e estamos
possuídos de energia e entusiasmo. Toda a época revolucionária, porém, e muito
especialmente a nossa, é cheia de contradições, disparates, sofrimentos e erros.

— F I M —

O REI VAGABUNDO

(Continuação da página 29)

O assalto à cidade devia estar próximo, e o auxílio de tantos traidores seria inestimável, na ocasião. Furtivamente Thibault esgueirou-se ao lon-
go do corredor que levava à rua, tão logo recebeu a carta das mãos do
espião; porém, não tão furtivamente que o não visse Villon, o qual, com
um grito de ódio, sacou de sua adaga, e correu no encalço do homem
que, à tarde, o ferira de maneira tão covarde. Lançando a faca ágilmen-
te ao ar, conseguiu prender o fugitivo à porta, atravessando-lhe a capa
com um golpe certo. Preparava-se para atravessar com um golpe o
coração de Thibault, quando René de Montigny lhe aparou o violento
punhalão. René e François tinham sido colegas, algum tempo, na Uni-
versidade. Tinham sido mesmo amigos.

— Um momento: esse homem não é seu inimigo.

— Não é meu inimigo? Mas ainda não faz uma hora que ele me gol-
peou covardemente no rosto!

René em vão implorou pela sorte do amigo. Também a dona da taver-
na, temerosa de que os guardas, descobrindo que no interior de sua casa
dois homens se empenhavam em uma luta de morte, lhe cassassem a
licença, juntou sua voz aos protestos do outro. Mas debalde. Villon obsti-
nara-se. Teria que lutar com o canalha que o atacara.

— Vocês podem lutar lá fora, no escuro, sugeriu Colin.

Temendo que Villon matasse Thibault, Tristan, por ordem de Luís, pre-
parava-se para ir chamar a guarda, quando a espada de François, to-
cando no punho do ajudante de ordens, fez que dali caísse a lista en-
tregue por René não havia muito. Apanhando-a, e lendo-a, teve o rei
conhecimento da traição de seu oficial.

— Deixe-os lutar. De qualquer modo, terei de matá-los depois.

Proseguia ferozmente a luta, com vantagens para o poeta, mais ágil
e mais valente, quando a porta se escancarou, e na sala enorme da ta-
verna irromperam os guardas do Rei.

— Prendam esse homem, gritou Thibault. E' um condenado à fogueira

— Um momento, meu caro Thibault.

Era a voz do rei Luís, que logo após, revelando a sua verdadeira iden-
tidade, ordenou ao chefe dos guardas que segurassem François e o
trouxessem até onde estava. A multidão recuou, respeitosa, em presen-
ça de seu soberano. Porém Huguette, atirando-se ao chão, pediu a Luís
que soltasse Villon, dizendo:

— Foi uma bela luta, senhor.

(Continua no próximo número)

Da ITÁLIA para os
paladares
BRASILIENSES

SEJA
BEM-VINDO
AO RESTAURANTE
"AL BUON GUSTAIÓ"
QUE VOS OFERECE AS MAIS
VARIADAS ESPECIALIDADES DA
CUSINA ITALIANA
E
INTERNACIONAL
PASSE BEM OS SEUS
DIAS DE ESTADIA
COMENDO BEM NO
ALMOÇO E NO
JANTAR NO
RESTAURANTE
"AL BUON GUSTAIÓ"
"FAMOSO DESDE 1886"
(AO BOM PALADAR)
CONSTANTE BAMBOS 34-A

RESTAURANTE
AL BUON GUSTAIÓ
CONSTANTE BAMBOS 34-A
TELEFONE 3 318



O TEATRÓLOGO Arthur Miller («A Morte do Caixeiro Viajante», Prêmio Pulitzer de 1951), beija a glamourosa estrêla Marilyn Monroe, na presença dos jornalistas, pouco após lhes haverem comunicado seu próximo casamento, que vem a ser o terceiro da irrequieta estrêla americana.

MARILYN CASA OUTRA VEZ

O FAMOSO TEATRÓLOGO ARTHUR MILLER, O ESCOLHIDO PELA LOURA E CURVILÍNEA ATRIZ — O CASAMENTO SERÁ PARA MUITO BREVE — A LITERATURA ACABOU VENCENDO O "BASEBALL"

◆ DENTRO DE mais algumas semanas ou talvez dias, Marilyn Monroe, a ultra-curvilínea loura do cinema americano, cujo talento dramático até bem pouco tempo era menosprezado por óbvias razões de ordem anatômica, tornar-se-á a senhora Arthur Miller, passando talvez a assinar-se Marilyn Monroe Miller, M.M.M., igualando assim o recorde dos conhecidos arquitetos nacionais... A jovem (trinta anos) atriz obteve, a quatro de junho, o tão esperado di-

vórcio de seu segundo marido, o célebre jogador de baseball Joe di Maggio, que é uma espécie de Zizinho dos Estados Unidos. Não sem derramar algumas lágrimas, é verdade, e sem acusá-lo de «frio e indiferente». O caso é que, apenas a sentença foi promulgada, La Monroe, já livre para se meter em novas trapalhadas conjugais, rumou incontinenti para seu apartamento em Nova York. Logo depois, a imprensa internacional obteve a confirmação daquilo



JOE DI MAGGIO, famoso jogador de baseball, ao lado de Marilyn, sua esposa. O divórcio de ambos acaba de ser concedido.

MARILYN



ARTHUR MILLER, contemplado com o famoso «Pullitzer», receberá mais êsse prêmio...

que há muito suspeitava: Marilyn casar-se-ia, efetivamente, com o famoso teatrólogo, poeta, romancista e ensaísta norte-americano Arthur Miller, autor da célebre peça «A Morte do Caixeiro Viajante», e contemplado em 1951 com o Prêmio Pullitzer, a maior láurea literária dos Estados Unidos. Foram os próprios noivos que deram a notícia espetacular. E selaram-na com um beijo, pespegado pelo desajeitado Miller na face de sua linda noiva, em presença de inúmeros fotógrafos. Arthur Miller, que tem quarenta anos, acaba de obter igualmente divórcio, após um casamento que já durava quinze anos. De modo que ambos estão completamente desembaraçados, podendo cometer o «desatino» a qualquer momento. Não faz muito tempo, rumores de que Marilyn e o famoso ator Sir Lawrence Hamlet Olivier estariam apaixonados um pelo outro, a ponto de o britânico estar disposto a se divorciar de Vivien Leigh, sua esposa, para



NÃO FAZ muito tempo, Miller foi chamado a depor perante uma comissão de inquérito do Senado Americano, acusado de atividades anti-americanas. O famoso teatrólogo saiu-se relativamente bem na defesa, negando terminantemente que estivesse sujeito à disciplina da doutrina comunista.

desposar a ianque, circularam com certa insistência. Olivier conhecera Marilyn na Escola Dramática de Elia Kazan, para a qual a atriz efetuou uma verdadeira fuga, abandonando a mediocridade de Hollywood e abrigando-se à sombra de inúmeros atores e autores ilustres. Foi ali que encontrou Miller, em breve nascendo entre eles certa simpatia. Como simpatia é quase amor (até Casemiro de Abreu já sabia disso), o amor também logo despertou em ambos. Vai senão quando, aconteceram os respectivos divórcios. Agora o noivado. Em breve, o casamento. Lawrence Olivier está perdendo, ao menos por enquanto. Marilyn partirá para Londres dentro de um mês, já casada. Filmará ao lado do grande artista, e depois percorrerá a Europa, em férias. Quando voltar, terá deixado de lado o cinema leve ao qual se dedicava. Interpretará «Lisistrata», de Aristofanes, «Irmãos Karamazov», de Dostoiewsky... Essa Marilyn tem cada uma.



MARILYN assina o documento que lhe concede o divórcio. Dizem que derramou lágrimas.



COM SEU advogado, Marilyn comenta o processo, pouco antes da sentença de divórcio.

último flash



● **DESESPERO** Uma entrada violenta do uruguaio Miguez no brasileiro Hélio, com a conseqüente expulsão do agressor — medida, aliás, passível de crítica, de vez que uma admoestação seria mais indicada —, deu origem à série de lamentáveis incidentes de que foi cenário o Maracanã, no último jogo realizado entre os selecionados do Brasil e do Uruguai, e que terminou com a vitória do primeiro, por 2 a 0. O juiz Frederico Lopes acabou por expulsar nada

menos de cinco elementos do Uruguai, tirando, destarte muito do brilhantismo da vitória brasileira. Na foto, aparecem Rodriguez Andrade, chorando, sendo contido por um policial, enquanto aponta, desadorado, para seu companheiro Miguez, que com o rosto entre as mãos, é levado para fora do gramado por um mentor da C.B.D. Pouco depois, o jogo deixaria de ser de futebol, para se tornar uma autêntica luta de box. Sendo que no box, como todos sabem, os uruguaios ganharam longe...

REPRESENTANTES

Na Africa Oriental Portuguesa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Motoratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Av. 9509, Buenos Aires. Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO

DISTRIBUIÇÃO:

A. ZAMBARDINO

Rua Capitão Salomão, 69 — Fone: 34-1569

REVISTA DA SEMANA

Fundada em 20-5-1900

Ano 57 — N° 27 — Rio de Janeiro — 7-7-1956

Propriedade da Companhia Editora Americana
Diretor-Presidente..... Gratuliano Brito
Diretor-Comercial..... Ivan Guimarães
Diretor-Gerente..... Wenceslau Quintais
Diretor de Publicidade..... J. M. Costa Júnior
Redatores e corretores..... S. L. Guimarães, A. Mendes e S. Sant'Anna

Rua Visconde de Maranguape 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

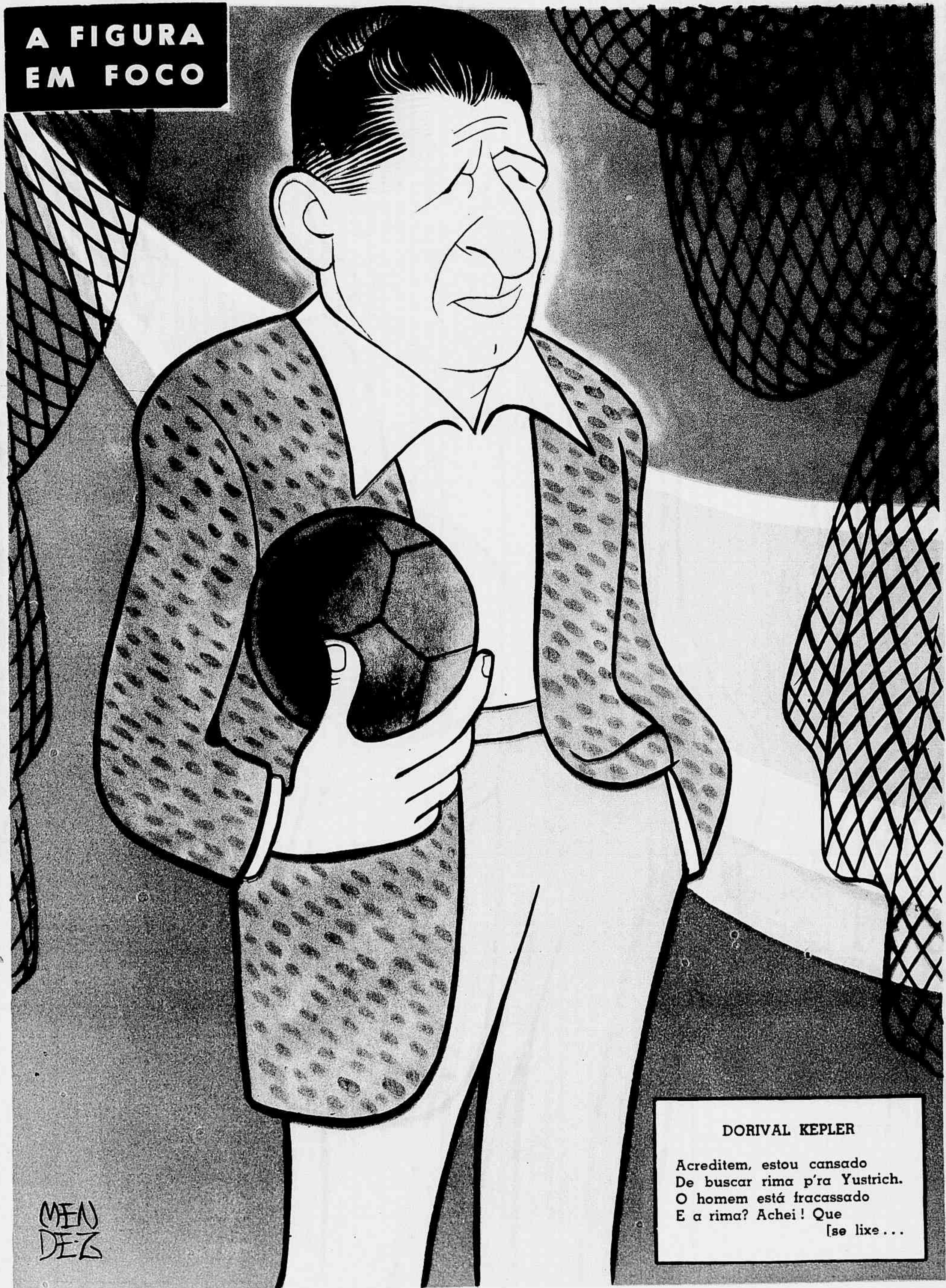
Porte simples — Um ano.....	Cr\$ 350,00
Seis meses.....	Cr\$ 175,00
Registrada — Um ano.....	Cr\$ 600,00
Seis meses.....	Cr\$ 300,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano.....	Cr\$ 800,00
Seis meses.....	Cr\$ 400,00

O número avulso custa Cr\$ 7,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 8,00.
Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

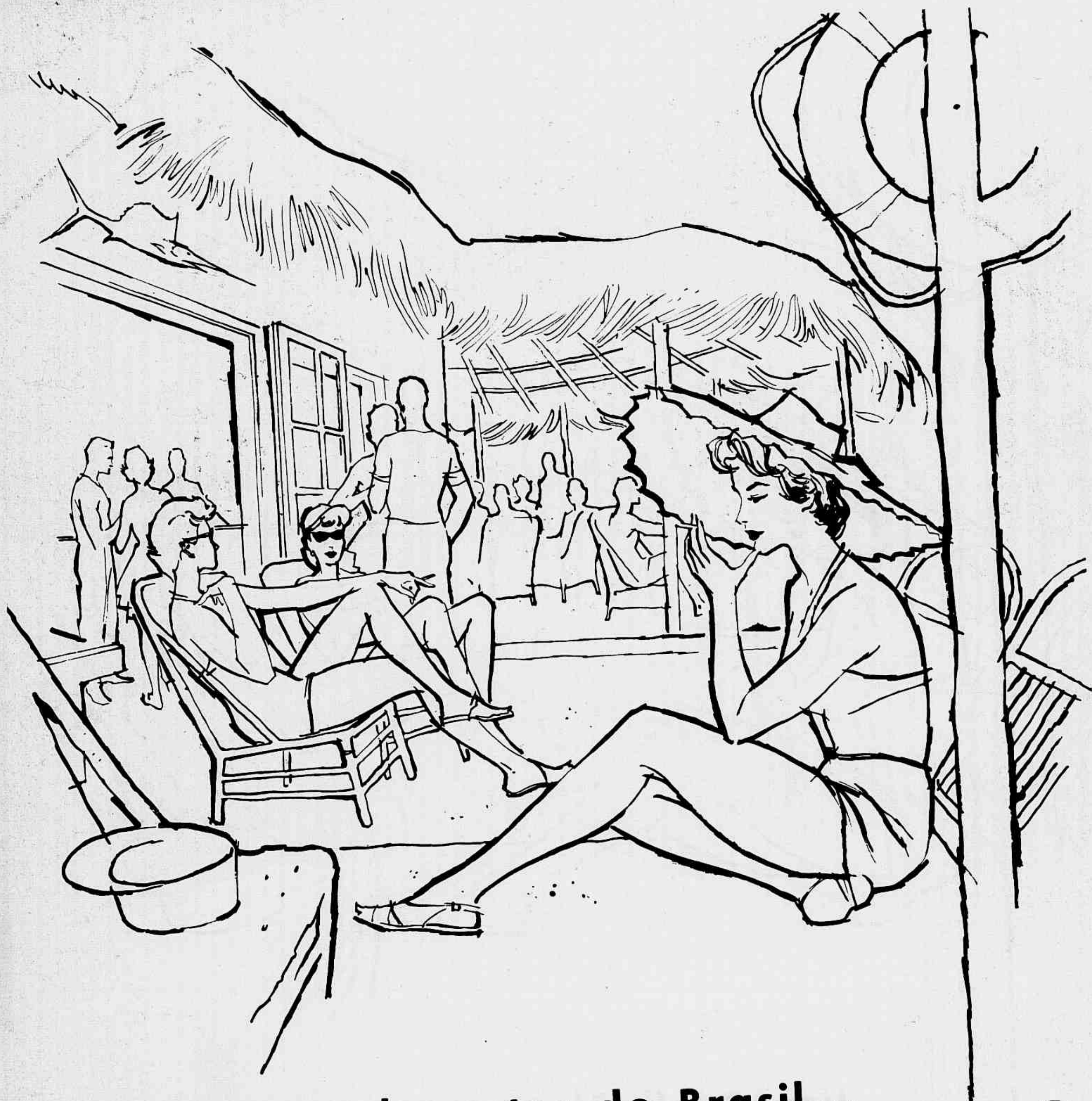
A FIGURA EM FOCO



DORIVAL KEPLER

Acriditem, estou cansado
De buscar rima p'ra Yustrich.
O homem está fracassado
E a rima? Achei! Que
[se lixe...]

MEN
DEZ



nos centros elegantes do Brasil...

Em Jequiati-Mar, famoso clube da praia de Guarujá,
em São Paulo, o ambiente agradável é um convite à reu-
nião de pessoas de bom gosto...

E na elegância de todos sempre se destaca o hábito de fumar...

hollywood
uma tradição de bom gosto

